



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

“EU TENHO DUAS MÃES: TU
TRIANGULAS E EU NÃO?”

FRANCIS ANNE TEPLITZKY CARNEIRO

Coordenador de Seminário e Orientador de Dissertação:
Professora Doutora Ângela Vila-Real Fernandes Costa

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Ângela Vila-Real Fernandes Costa, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

À minha orientadora Professora Doutora Ângela Vila-Real: por todo o apoio e aprendizagem fornecidos ao longo deste ano. Por me ter permitido “voar”, sonhar e criar, fazendo-me sentir, ao mesmo tempo, amparada e securizada. Obrigada por me ter permitido crescer e ter dado a oportunidade de elaborar uma dissertação com um tema que me é tão especial.

Professor Doutor Luís Delgado: Pelos tão valiosos ensinamentos da teoria psicanalítica. Pela motivação que sempre transmitiu ao falar dos casos clínicos. Por ser uma inspiração para os recentes profissionais. Obrigada por nos permitir sonhar, criar...

Professor Luís Silva Pereira: Por me ter ensinado a ser melhor como pessoa através do que nos transmitiu nas aulas. Por me ter mostrado como a diferença e a diversidade enriquecem o mundo. Por ser também uma inspiração como professor e como ser humano.

Doutora Sofia Von Humboldt: Por me ter espelhado as minhas potencialidades, por me ter ensinado as bases de investigação e pelos momentos de diversão de Norte a Sul do País.

Doutor Pedro Costa: Pela investigação inovadora e tão fundamental que tem vindo a realizar e por me ter permitido neste mundo entrar.

Avozinho: Pelo pai simbólico que és, por me fazeres sentir especial e desejares sempre o melhor para mim.

Avozinha: Por fazeres parte, em conjunto com o avô, de um pedaço do meu coração. Por me teres ajudado a crescer e olhares para mim com tanto carinho e orgulho.

Mãe: Por tudo o que me ensinaste e fizeste crescer. Porque todos os momentos que passámos ajudaram a construir o caminho em que me encontro. Obrigada por todo o apoio e por tentares sempre fazer o melhor que consegues para me ver feliz.

Pai: Por toda a força que me transmites e bom humor. Por todo o apoio incondicional em todas decisões que tomei. Por seres uma “lufada de ar fresco” quando tudo se tornava demasiado complicado.

Avós Margareth: Pela força alemã que me transmitiste genética e ambientalmente.

Tia Maria: Por toda a calma e tranquilidade que sempre me concedeu e ensinou. Pela transparência e sinceridade.

Carminho: Por seres uma querida e sempre me teres dado força em várias dimensões. Pelos petiscos fantásticos.

Vasco Gonçalves: Porque desde a infância que percebes os meus “não-ditos”. Porque sei que me conheces e aqui te manténs ainda hoje. És um dos pilares... obrigada por isso e muitíssimo mais.

Roberto Gomes: Por seres “aquele” que está na minha vida desde sempre. Por seres o “meu Roro”. Por tornares a vida tão colorida e imprevisível. Por me fazeres sentir bem e por

seres teimosamente fantástico. Por tudo o que passámos e sei que ainda iremos passar. Desde sempre e para sempre.

Tia Mónica: Por sempre me ter recebido tão bem em sua casa e partilhar comigo ideias, experiências e teorias. Por sempre me ter tratado como uma filha.

Raquel Patuleia: Por tudo o que temos vindo a partilhar, pelas noites de estudo, pela amizade que cresceu e veio para ficar.

Mamãe: Por ser a minha mãe de coração e uma pessoa que eu tanto admiro. Por sempre ter desejado e ainda desejar o melhor para mim. Por sempre ter salientado o melhor de mim, permitindo-me fazer parte da família que eu tanto amo.

Ana Amorim: Por seres o “rochedo” e a segurança da família. Por fazeres parte da minha vida.

Luciana Micael: Por seres a minha grande companheira em várias dimensões, a minha irmã mais nova e a minha grande amiga. Por tudo o que partilhámos e iremos partilhar. Por desbravarmos lado a lado o mundo do desconhecido. Por saber que nunca estarei sozinha.

Mariana Micael: Por seres a minha irmã mais velha que eu tanto admiro e guardo no coração com tanto carinho. Por me reconheceres em momentos de grande dúvida e questionamento. Por conheceres o meu *Eu* e o aceites tal como é. Por me fazeres feliz e segura. Obrigada Mimi.

Ricardo Santos: Por seres um cunhado 5 estrelas. Obrigada por estares nas nossas vidas.

Mariana Soares: Pelos anos de licenciatura fantásticos a realizar trabalhos em conjunto. Por seres uma inspiração aos mais variados níveis. Por teres dois príncipezinhos completamente fascinantes.

Bruno Chibante: Por seres o meu lado racional nos momentos em que o meu emocional assume o controlo. Por seres uma grande “fortaleza” na minha vida e ao mesmo tempo um companheiro das grandes noitadas. Não te queria de maneira diferente em aspeto nenhum.

Inês Rodrigues: Por seres a minha alma complementar feminina. Pelos anos que já passaram e nada mudaram entre nós. Por me teres dado um sobrinho fantástico. Por tudo aquilo que comunicamos só com o olhar.

Bia e Rafa: Por serem o meu casal preferido desde sempre. Por todo o apoio, carinho e amizade verdadeira que sempre me concederam. Obrigada por fazerem parte da minha vida e por serem tal qual como são.

Inês Francisco: Por seres uma das pessoas mais genuína e carinhosa que eu alguma vez conheci. Por teres uma beleza interior admirável. Por saber que poderei sempre contar com o teu apoio. Obrigada Chica por fazeres parte do meu dia-a-dia.

Sérgio Carvalho: Por seres o meu mais recente amor e o meu complemento masculino. Porque tudo contigo é sempre inspirador, novo e ilimitado. Porque consegues “puxar” o

melhor que há em mim. Por juntos sonharmos, rirmos, sonharmos, chorarmos, crescermos, aprendermos. Obrigada Sérgio pela reciprocidade.

Inês Duarte: Pela mulher forte e determinada que és. Por saber que estarás sempre aqui quando de ti precisar.

Lurdes: Por sempre teres dito que eu conseguiria, por dares bons conselhos quer de “mãe”, quer de amiga.

Susana Santos: Por seres a “sis” académica mais espetacular que eu já tive. Por tudo o que juntas passámos. Jamais será esquecido.guardo o teu regresso a Lisboa com anseio.

Patrícia Machado: Por seres uma pessoa cheia de vida e alegria. Por já me teres feito sorrir quando estava em dias mais “cinzentos”. Pela aceitação da pessoa que sou.

José Igreja: Por seres uma força emocional bastante importante na minha vida. Por me teres espelhado o meu lado cuidador e de boa profissional.

Catarina Marques: Pela tua sensibilidade e compreensão emocional. Pela tua capacidade artística acompanhada que tanto me tem ensinado e feito “sentir”.

Inês Sousa Coutinho Pereira: Por seres uma mistura de seriedade e diversão. Por teres confiado em mim desde cedo. Por escutares sem criticas ou julgar.

Martinho: Por me teres deixado entrar na tua vida e conhecer-te como amigo.

Vanessa Florindo: Por todas as aventuras que passámos. Por me dares a conhecer mais de ti. Por haver mais de ti para mim.

Tony: Por seres o grande ícone do nosso bar aberto. Pelo apoio acompanhado de cafeina ao longo dos anos.

Sr. Reis: Por toda a “refilice” que tanto me fez rir durante estes anos. Por ser o avozinho do bar.

Amilcar: Por todo o carinho, boa disposição com que sempre me recebeste aqui no ISPA.

Sofia (reprografia): Pela paciência em fotocopiar, imprimir e aconselhar durante todo este tempo.

Um grande OBRIGADA a TODOS os que tão diversas formas constituem o meu quotidiano e enriquecem o meu ser, a minha mente e a minha alma.

Índice

Introdução	1
As Novas Famílias do Século XXI	2
Variabilidade do Sistema Parental nas Famílias Homoparentais.....	3
O Complexo de Édipo e a Cena Primitiva.....	5
Sigmund Freud.....	5
Melanie Klein.....	8
Nancy Chodorow: A Viragem de Paradigma.....	9
A Cena Primitiva.....	11
O Complexo de Édipo e os Autores Contemporâneos	12
O Complexo de Édipo numa Perspetiva Desenvolvimental: Infância e Puberdade	16
O Complexo de Édipo e as Famílias Homoparentais	17
O menino nas famílias constituídas por duas mães.....	19
A menina nas famílias constituídas por duas mães.....	23
Método	26
Desenho do Estudo e Metodologia de Investigação.....	26
Participantes	26
Instrumento.....	27
Procedimento.....	32
Resultados.....	35
Lara, 10 anos	35
Duarte, 12 anos.....	39
Discussão e Reflexão	44
Limitações e Futuras Investigações	56
Referências.....	58
Anexos	64
Anexo A: <i>Folha de Análise do T.A.T</i> modificada por Brelet-Foulard e Chabert.....	64

Anexo B: Consentimento Informado	66
Anexo C: Entrevistas pré e pós aplicação TAT da Lara, 10 anos.....	67
Anexo D: Entrevistas pré e pós aplicação TAT do Duarte, 12 anos	68
Anexo E: TAT Lara – Respostas, Procedimentos e Análise Qualitativa	70
Anexo F: Quadro-Resumo do TAT da Lara.....	75
Anexo G: TAT Duarte – Respostas, Procedimentos e Análise Qualitativa	76
Anexo H: Quadro-Resumo do TAT do Duarte	81

Introdução

A par das mudanças sociais que têm vindo a ocorrer (declínio do patriarcado, controle da natalidade, inserção da mulher no mercado de trabalho, aumento das separações, maior reconhecimento dos casais homossexuais, etc. - Rodriguez & Paiva, 2009) a família conservadora é substituída gradualmente, a partir do séc. XIX na Europa, pelas famílias não tradicionais (Singly, 2014). Dentro da grande variabilidade das organizações familiares a presente Dissertação focar-se-á nas famílias homoparentais. Em Portugal, as estimativas apontam ainda para um número bastante reduzido (Costa, Pereira & Leal, 2012), o que se repercute na escassa literatura acerca destas famílias modernas e em particular sobre as suas crianças. O que iremos observar de diferente no mundo interno destas crianças? Como serão as representações das imagos parentais? Que Complexo de Édipo? Que triangulações estarão por descobrir? Embora sejam suscitadas inúmeras questões e não podendo incidir em todas, pretende-se explorar a triangulação (se ocorre e como se movimenta a criança na tríade), os processos de identificação e os objetos de desejo de dois irmãos (uma menina e um menino) numa família constituída por duas mães.

De um modo geral, constatou-se que a menina se identificou ao feminino e o menino apresentou alguma instabilidade nas identificações. Ambas as crianças apresentaram uma boa diferenciação entre o mundo interno e o mundo externo, não se desorganizaram perante a angústia pré-genital, acederam ao afeto depressivo, acederam às relações triangulares e abordaram a problemática edipiana. O menino acedeu à triangulação edipiana clássica (mãe-pai-filho) e manifestou o fantasma do parricídio no contexto de rivalidade em relação à figura masculina (incluindo sentimentos de culpabilidade). Surgiu também o fantasma do matricídio para ambas as crianças. Além disso foi também possível observar e refletir acerca de duas situações: a problemática da diferença dentro da igualdade (duas mães e uma filha) versus a problemática da identificação dentro da diferença (duas mães e um filho).

Considera-se, por fim, a presente investigação como um “abrir portas” para os demais estudos que necessitam de ser realizados na área da psicologia clínica (vertente psicanalítica) relativamente às famílias homoparentais e os seus filhos. De facto, as teorias devem adaptar-se às mudanças ocorridas na sociedade e não limitar a compreensão acerca do novo e diferente.

As Novas Famílias do Século XXI

O conceito de família tem vindo a sofrer inúmeras alterações ao longo dos séculos. Hoje em dia, a transformação deste constructo ainda ocorre de forma gradativa na nossa sociedade (Zambrano, Lorea, Mylius, Meinerz, & Borges, 2006). Na Europa, a partir do final do séc. XIX a família tradicional ou convencional - constituída por uma mãe, um pai e filhos - e caracterizada pela autoridade familiar patriarcal começa a dar progressivamente lugar às famílias não-tradicionais (Singly, 2014). Tais organizações familiares são o reflexo das mudanças sociais que vão ocorrendo desde então, como o declínio do patriarcado, controle da natalidade, inserção da mulher no mercado de trabalho, aumento das separações, das uniões de facto, dos divórcios, da monoparentalidade, das famílias reconstruídas e de um maior reconhecimento dos casais homossexuais (Rodriguez & Paiva, 2009; Singly, 2014). Estas famílias modernas incluem uma panóplia vasta de combinações familiares e englobam as famílias recompostas, as famílias monoparentais, as famílias de acolhimento e também, dentro destas novas dinâmicas familiares, as famílias homoparentais (Hintz, 2001; Moore & Stambolis-Ruhstorfer, 2013; Zambrano, Lorea, Mylius, Meinerz, & Borges, 2006) que são as mais polémicas e sobre as quais incide a presente investigação.

Atualmente, as famílias homoparentais (constituídas por mães lésbicas e/ou pais gays) assumem diversas formas. Tal variedade de arranjos familiares advém do facto de a parentalidade biológica ou adotiva ser quase exclusiva das famílias heteroparentais na maioria dos países ocidentais (Patterson, 1994). Em Portugal, embora seja impossível para os casais homossexuais serem legalmente reconhecidos como pais, existem algumas alternativas para que estes possam assumir funções parentais (Costa, Caldeira, Fernandes, Rita, Pereira & Leal, 2013).

Um dos principais arranjos familiares é composto por crianças oriundas de uma relação heterossexual prévia ao *coming-out* (autoidentificação pública) do pai ou da mãe como homossexual (Moore & Stambolis-Ruhstorfer, 2013; Patterson, 1994; Tasker, 2005). Esta reconstituição familiar era muito usual antes do fenómeno americano denominado por *lesbian baby boom* (início na década de 70) (Bos, van Balen & van den Boom, 2005; Costa, Pereira, & Leal, 2012) e é, hoje em dia, a forma mais comum em Portugal para as famílias homoparentais (Costa, Caldeira, Fernandes, Rita, Pereira & Leal, 2013).

Outro modo de constituição familiar diz respeito ao processo de inseminação artificial utilizado por mulheres lésbicas, quer seja numa clinica de esperma previamente doado, quer

seja por auto-inseminação caseira com recurso a esperma doado por alguém conhecido (Tasker, 2005). A última opção referida é a única viável em Portugal uma vez que a técnica de reprodução medicamente assistida não é permitida fora de um casamento entre pessoas de sexo diferente (Costa, Pereira, & Leal, 2012). No caso dos pais gays, a maioria destes torna-se pai através de acordos de coparentalidade com as mães lésbicas, quer tenham sido os doadores de esperma para a auto-inseminação (acordo de substituição tradicional em que a mãe utiliza os seus próprios óvulos), quer não tenham qualquer ligação biológica direta com a criança (Biblarz & Savci, 2010; Martin, 1993). Nestes casos o problema inerente é o não reconhecimento de ambos os pais, em particular do “pai social” que desempenha funções parentais do ponto de vista prático e afetivo tal como os pais e mães biológicos. Este pai ao não ter laço biológico com a criança não tem também qualquer direito legal para com ela (Costa, et al., 2013). Assim, a via da coadoção entre casais portugueses do mesmo sexo não é ainda uma opção viável (Projeto de Lei 278/XII reprovado). Como alternativa, em determinados países, não incluindo Portugal, os homens gays podem também recorrer a uma ‘barriga de aluguer’ (acordo de substituição gestacional) (Bergman, Rubio, Green, & Padron, 2010; Biblarz & Savci, 2010). Em suma, os arranjos parentais podem apresentar múltiplas conjugações possíveis com base na negociação de envolvimento entre o dador de esperma, ou dadora de óvulos, e a família, quer pelo recurso à inseminação artificial, quer pelo recurso à gestação de substituição (Costa, Pereira, & Leal, 2012).

Por último, tanto os homens gays como as mulheres lésbicas podem ainda tornar-se pais pela adoção de uma criança (Golombok, 2002; McCann, & Tasker, 2000; McClellan, 2001; Moore & Stambolis-Ruhstorfer, 2013; Sullivan, & Baques, 1999), embora esta opção seja ainda muito restrita especialmente na maioria dos países ocidentais, como em Portugal (Costa, Pereira, & Leal, 2012).

Considerando esta panorâmica nacional é importante referir que as estimativas do número de famílias homoparentais portuguesas são ainda diminutas (Costa, Pereira, & Leal, 2012), o que consequentemente leva a uma escassez de estudos efetuados para estas famílias e em particular para as suas crianças.

Variabilidade do Sistema Parental nas Famílias Homoparentais

À semelhança das famílias heteroparentais existem também famílias homoparentais monoparentais, biparentais e multiparentais. No caso da monoparentalidade as possibilidades são (a) a separação/divórcio do cônjuge de sexo diferente, associada à responsabilidade

parental assumida pela mãe lésbica ou o pelo pai gay; (b) a adoção singular por uma pessoa homossexual; (c) a relação sexual com uma pessoa de sexo diferente por uma lésbica; e (d) através de inseminação artificial efetuada por uma lésbica solteira ou pela gestação de substituição (“barriga de aluguer”) levada a cabo por um gay solteiro (Anderssen, Amlie, & Ytteroy, 2002; Moore & Stambolis-Ruhstorfer, 2013; Tasker, 2005).

Na biparentalidade, existem três hipóteses, tais como, (a) a criança veio de um relacionamento heterossexual anterior, como já referido, (b) a criança foi adotada por um ou pelos dois membros do casal (em Portugal esta última não seria possível), ou (c) a criança foi concebida através de relação sexual com pessoa de sexo diferente ou através de inseminação artificial ou gestação de substituição (Anderssen, Amlie, & Ytteroy, 2002; Crowl, Ahn, & Baker, 2008; Moore & Stambolis-Ruhstorfer, 2013; Tasker, 2005).

Finalmente, as famílias multiparentais dizem respeito às situações em que existem mais do que duas mães/pais a viver no mesmo agregado ou no caso de existirem laços românticos entre mais do que duas pessoas a desempenhar papéis parentais no mesmo agregado, famílias “poliamorosas” (Bettinger, 2004).

Perante toda esta neodiversidade familiar que novas hipóteses poderão surgir? O que se passará no mundo interno destas crianças? E quanto às representações das imagos parentais? As relações entre mulher com mulher e homem com homem são muito diferentes das relações entre homem e mulher. Poderemos estar perante uma nova visão das relações objetais? Como se desenvolverá o *Ego-Pele* a par da diferenciação psíquica? Será diferente no caso de uma menina com duas mães ou de um menino com dois pais do sexo masculino, comparativamente aos filhos de famílias heteroparentais ou de filhos de famílias homoparentais cujos pais são de sexo oposto à criança? Dado que os progenitores são do mesmo sexo como ocorre a diferenciação de género? Será que faz sentido falar de uma identidade de género nestas famílias? Terá alguma utilidade este conceito? E as identificações de uma menina com dois pais ou de um menino com duas mães, não existirão, ou ocorrerão de modo diferente do que é descrito pela literatura clássica? Que relações de objeto são estabelecidas nas crianças em questão? E como é que os pais se posicionam face à identidade sexual do jovem filho? Há possibilidade de se confundirem, por exemplo no caso de serem três mulheres no agregado familiar (duas mães e uma filha)? O risco é maior nestas situações comparativamente a pais gays com um filho menino?

Sumarizando, que novos complexos de Édipo estarão por se revelar? Que novas triangulações estarão por descobrir?

O Complexo de Édipo e a Cena Primitiva

Sigmund Freud

O Complexo de Édipo ocupa uma posição de destaque na teoria psicanalítica. Este conceito surge pela primeira vez sem ser nomeado, com Sigmund Freud (1897) numa carta escrita a Fliess onde relata ter encontrado não só nele como em todo o lado sentimentos de amor em relação à mãe e de ciúme para com o pai, levando-o a acreditar que tal seria comum em todas as crianças (Braconnier, 1998). Apesar da descoberta do mito de Édipo em 1898 somente em 1910 após elevada elaboração teórica surgiria o termo “Complexo de Édipo”. Este assume o seu auge entre os 3 e os 5 anos e pode ser definido genericamente como uma estrutura basilar das relações interpessoais existentes na infância (Braconnier, 1998), assumindo-se, então, como o fenómeno central do período sexual infantil (Freud, 1924a;1924b). O Complexo de Édipo na sua forma positiva corresponde a uma atração pelo progenitor do outro sexo e a sentimentos de ódio ou de rivalidade para com o progenitor do mesmo sexo, enquanto o Complexo de Édipo negativo (ou invertido) corresponde a uma situação contrária e na maioria das vezes assiste-se a uma oscilação da criança entre estas duas atitudes (Freud,1898), o que remete para uma forma completa do complexo de Édipo (1923).

O desenvolvimento sexual da criança avança, portanto, até uma fase (genital fálica), contemporânea do Complexo de Édipo, em que o órgão genital assume o papel principal e cuja antítese dominante é um órgão genital masculino (o feminino é desconhecido) ou uma condição de castrado (Freud, 1924a). Não obstante, surge aqui o primado do *phallus* e não da genitalidade (Freud, 1924c), uma vez que estamos perante uma organização genital infantil que não é ainda definitiva (Freud, 1924a; 1924b). Nesta fase os interesses do rapaz passam a ser os seus genitais que começa a manipular com frequência. Contudo, muito rapidamente se vai apercebendo de que os adultos não aprovam este tipo de comportamento. Assim, de modo mais ou menos doloroso e/ou brutal pronuncia-se uma ameaça de que esta parte lhe irá ser retirada (Freud,1924a; 1924c). A criança apesar de ter vagas noções do que é realmente uma relação sexual sabe que o pénis assume um papel importante (Freud, 1924b). Até uma determinada altura o menino não tinha nenhuma dúvida de que a mulher seria detentora de um pénis, todavia ao deparar-se com o órgão genital da menina da sua idade gradualmente surge a assunção de que a ausência de pénis advém de uma castração realizada por um castigo a

algumas mulheres e meninas. Mulheres que eles encarem com respeito, como a mãe, retêm ainda o pênis, uma vez que nesta altura ser mulher ainda não é o mesmo que não ter pênis (Freud, 1924c). Um pouco mais tarde, quando a criança realiza que somente as mulheres podem ter bebês, conclui que a mãe também é privada de um pênis e que todas as mulheres são castradas (Freud, 1924a). Se a satisfação do amor no campo do Complexo de Édipo tem para a criança o custo da perda do seu pênis, surge um conflito entre os seus interesses narcísicos nesta parte do corpo e entre a catexia libidinal dos seus objetos parentais. A possibilidade de perder o seu pênis torna-se inimaginável, o medo da castração emerge (Freud, 1924a; 1924b; 1924c) e o ego da criança renuncia ao Complexo de Édipo (Freud, 1924a).

O sexo feminino também desenvolve um Complexo de Édipo, um superego e um período de latência. Contudo, a organização fálica e o complexo de castração não ocorrem da mesma forma como nos rapazes. O clitóris da menina comporta-se tal qual o pênis, contudo quando ela se compara com o menino sente que foi prejudicada e que se encontra num patamar de inferioridade. Surge aqui a inveja do pênis. A menina não apreende a falta de pênis como uma característica sexual. Ela assume que em determinada altura o possuía mas que eventualmente o perdera devido à castração, não parecendo estender esta inferência de si própria para outras mulheres adultas. Portanto, a diferença fundamental entre a menina e o menino prende-se com o facto de a menina aceitar a castração como um dado adquirido, enquanto o menino teme a possibilidade desta ocorrência (Freud, 1924a). Para Freud (1924b) o Complexo de Édipo das raparigas é muito mais simples, há uma vontade de tomar o lugar da mãe e de adotar uma atitude feminina perante o pai. O renunciar ao pênis não é tolerado pela menina sem alguma tentativa de compensação: ela muda da necessidade de ter um pênis para a vontade de ter um bebé, numa linha de equação simbólica (Freud, 1924a). Neste momento, em que a menina transfere o seu desejo de ter um “bebé pênis” (p.129) para o seu pai, surge a entrada no Complexo de Édipo (Freud, 1932).

A par do que foi descrito anteriormente também a identificação sofre transformações na psique do menino. Numa fase anterior ao surgimento do Complexo de Édipo o pequeno rapaz demonstrava especial interesse no seu pai, queria crescer como ele e assumir o seu lugar em todo lado (o pai como o seu ideal). Paralelamente a esta identificação com o pai subsistia o investimento libidinal e sexual direccionado à mãe. Posteriormente, como consequência da unificação da vida mental surge um encontro entre estas duas partes e o complexo de Édipo normal é originado pela sua confluência. O rapaz apercebe-se que o pai está no seu caminho e

a identificação, inundada por sentimentos hostis, torna-se idêntica ao desejo de substituir o pai (Freud, 1922). Surge assim uma ambivalência inerente à identificação que pode assumir uma expressão de carinho ou o desejo de remover alguém (Freud, 1922). É ainda importante destacar a diferença entre “identificação com o pai” e a “escolha de objeto paterno” que remete para a dissemelhança entre aquilo que gostaríamos de *ser* e aquilo que gostaríamos de *ter*, respetivamente. Deste modo, querer ter o pai é estabelecer laços com ele enquanto objeto, enquanto querer *ser como ele* – identificar-se com ele – seria estabelecer laços com o Outro paterno enquanto sujeito (Freud, 1922). Quanto à mãe, esta é o primeiro objeto de amor para o rapaz, mantém-se assim durante a formação do seu complexo de Édipo e supostamente toda sua vida (Freud, 1932).

No caso da rapariga o pai torna-se o objeto de uma atitude feminina para o qual são dirigidos impulsos sexuais que procuram a satisfação. Por outro lado, ao identificar-se com a mãe também está a tentar colocar-se no lugar desta (Freud, 1922). A mãe nesta fase é encarada como sua rival e existem sentimentos muito intensos de hostilidade. A origem desta hostilidade parece estar associada a momentos mais precoces do desenvolvimento da menina em que a mãe (o seu objeto de amor) lhe renunciou o leite (ou porque o seio secou ou porque houve o nascimento de outro irmão que usufruiu deste alimento). Tal sentimento é reforçado mais tarde pelas proibições da mãe em relação às atividades prazerosas com os seus genitais (fase fálica). A par desta insatisfação e desprazer promovidos pela mãe, o pai torna-se, então, o objeto de amor e ocorre a entrada no Complexo de Édipo (Freud, 1932).

Por fim, quando a angústia de castração assume o seu domínio na psique do menino. As pulsões libidinais pertencentes a esta fase são parcialmente dessexualizadas e sublimadas inibindo (em parte) o seu objetivo e transformadas em impulsos de afeto (Freud, 1924a). Todo este processo, por um lado, preservou o órgão genital (pelo perigo da sua perda) e por outro paralisou-o (removeu a sua função), abrindo também caminho para o período de latência que interrompe o desenvolvimento sexual infantil (Freud, 1924a). Enquanto no rapaz é o complexo de castração que cessa a fase edipiana, na menina ocorre o inverso (Freud, 1932). Esta angústia de castração permite-lhes a entrada no Complexo de Édipo que culmina num desejo, mantido durante muito tempo, de receber um bebé do seu pai como forma de lhe dar uma prenda. Gradualmente o seu Complexo de Édipo é abandonado, embora de forma incompleta, pelo facto de este desejo nunca ser satisfeito. Não obstante, o desejo de possuir um pénis e de possuir uma criança permanecem fortemente no inconsciente e ajudam a preparar a rapariga para o seu papel sexual posterior (Freud, 1924a; 1932).

Melanie Klein

No fim do século XIX e início do séc. XX vários autores reformularam a base dos constructos psicológicos acerca das mulheres, homens e sexualidade. Destes autores, destaca-se Melanie Klein pela introdução da teoria das relações de objeto, a formulação do Complexo de Édipo primitivo e em particular pela ideia de bissexualidade psíquica. Assim sendo, a autora supramencionada introduz na literatura um Complexo de Édipo com componentes agressivas e mecanismos de defesa arcaicos (Klein, 1952). Este começa nos primeiros meses de vida, na fase oral sádica do desenvolvimento psicosssexual (Klein, 1923; 1945) e, mais precisamente, na posição depressiva. Nesta etapa o bebé começa a conceber a mãe como objeto total e altera a sua relação com ela. O vínculo libidinal existente entre o pai e a mãe é também reconhecido nesta altura (Klein, 1952).

No decorrer do desenvolvimento, a escolha entre os pais (objeto libidinal) varia em todas as posições libidinais, havendo flutuações entre o Édipo invertido e o Édipo positivo (Klein, 1945). Tal alternância entre uma escolha de objeto homossexual e heterossexual pode ser considerada como uma bissexualidade psíquica inerente a ambos os sexos, havendo assim identificação com elementos masculinos ou femininos (Segal, 1988). Quer para o menino como para a menina, o primeiro objeto é o seio da mãe e o pai é o objeto rival. Posteriormente, devido à ansiedade persecutória proveniente da mãe e do seio (frustração experienciada no desmame), as tendências edípicas são libertadas e ocorre a mudança para o pénis como objeto alternativo (Klein, 1927; 1928; 1945). Quer a incorporação do pénis, quer a incorporação do seio, estão inerentes aos impulsos orais, uretrais, anais e genitais (Segal, 1988). Para a menina esta aproximação oral do pénis é um movimento heterossexual de incorporação mas que favorece tendências homossexuais pelo facto deste desejo oral ter subjacente a incorporação e identificação com o pénis do pai (Klein, 1932a; Segal, 1989). Por outro lado, para o menino a aproximação ao pénis é um movimento de homossexualidade passiva (fase feminina). Todavia a incorporação do pénis favorece a identificação e reforça a heterossexualidade (Klein, 1932b; Segal, 1989). Após os movimentos descritos anteriormente, dá-se um aumento dos sentimentos genitais em relação à mãe na tentativa de recuperar a relação primitiva com o seio e de restaurar o corpo da mãe através da relação genital. (Klein, 1932a; 1932b; Segal 1989). Por fim, o sexo oposto é tomado como objeto do desejo libidinal, a rivalidade e a identificação intensificam-se em relação ao mesmo sexo, estabelecendo-se o Complexo de Édipo clássico cujo término ocorre entre os 4 e os 5 anos de idade (Klein, 1928; 1932a; 1932b).

Nancy Chodorow: A Viragem de Paradigma

O movimento feminista começou também a causar impacto na psicanálise principalmente nas políticas de relacionamento (Barden, 2011). Nesta época, década de 70, Nancy Chodorow, uma jovem integrante da geração da libertação feminina destaca-se pelas suas ideias psicanalíticas e sociológicas (Chodorow, 2002). Tais reformulações e desenvolvimentos teóricos na área da psicanálise contribuíram para uma mudança paradigmática da dinâmica psíquica feminina. A autora questiona certas ideologias e dogmas associados ao heterossexismo e ao desenvolvimento da feminilidade. Assim sendo, segundo a mesma, no caso da heterossexualidade há uma lacuna na literatura acerca da sua génese provavelmente por ser assumida como inata ou natural. Todavia, salienta-se o facto de a biologia não explicar o conteúdo das fantasias culturais ou do erotismo privado. Mais, as crianças apresentam uma pansexualidade e uma falta de foco numa só zona ou modo de gratificação, o que não justifica o privilegiar da heterossexualidade (Chodorow, 1992). Para além disso, historicamente a psicanálise tem encarado a “mulher” como uma entidade unitária e comparando-a sempre com “o homem”, o que promove a necessidade de repensar a teoria Freudiana acerca das mulheres. De facto, as concepções de género e de sexualidade devem ser pluralizadas para uma compreensão psicanalítica mais complexa Chodorow (1994).

Especificando, Freud é muito redutor em relação ao desenvolvimento sexual feminino, uma vez que o explica a partir da norma masculina. Há um enfoque na sexualidade fálica originária, no seu complexo de castração (inveja do pénis) e na simplicidade e incompletude da configuração edipiana da mulher (abandono incompleto da organização genital infantil). Em contraponto, o desenvolvimento sexual do rapaz não é incompleto, cobre uma variedade de representações sexuais e formações neuróticas, tais como fantasias masculinas e conflitos (Chodorow, 1994). Perante esta ortodoxia teórica Chodorow (1978) apresenta-nos uma nova interpretação do Complexo de Édipo feminino. Este é tanto uma problemática mãe-filha como a problemática pai-filha e está mais ligado à estrutura e composição do ego relacional feminino do que com a génese da escolha do objeto sexual.

Durante o período edipiano é construída a relação entre a filha e o pai, que só pode ser vista como forma de manutenção da relação com a sua mãe. Todas as crianças têm que se libertar mentalmente da onnipotência materna e adquirir um sentido de completude. Enquanto o menino adquire esta libertação através da sua masculinidade e posse de um pénis, a menina reage através do desenvolvimento da inveja do pénis ou desejo pelo pénis, uma vez

que uma menina sem pênis não tem nada com que se possa opor à mãe, nada que a permita “mostrar à mãe” (p. 148) a sua independência. Deste modo, numa família nuclear a menina tende a virar-se para o pai como símbolo da sua liberdade, o que é independente do género ou da orientação sexual (Chodorow, 1978).

Encontra-se aqui presente também uma dinâmica interna nesta mudança da escolha do objeto primário. A menina, tendo internalizado uma imagem materna pré-ambivalente (“bom” e “mau” não estão ainda diferenciados), cliva esta imagem em aspetos bons e maus. Como forma de justificar a sua rejeição em relação à mãe (sentida nesta fase como onipotente) projeta todas as boas qualidades da sua mãe internalizada para o seu pai e retém as más características para a mãe, não só como objeto interno como externo. Num segundo momento, ela cliva a imagem do pai e transfere as más características para a mãe também. Por estes motivos é que a vinculação com o pai cresce a partir da vinculação à mãe (Chodorow, 1978). Outra perspetiva, é que não é o ódio que está por trás da mudança do objeto de amor (como Freud referia), mas o amor que ela tem pela mãe. Ou seja, a um dado momento a menina percebe que o seu arranjo genital não lhe fornece vantagem na formação de ligação com a mãe (não a faz ser mais amada pela mãe) no sentido em que descobre a “preferência” (p. 150) dela por pessoas como o pai ou irmão que têm pênis. Consequentemente, surge o desejo de ter um pênis para conquistar este amor materno. Portanto, a escolha do pai em detrimento da mãe não significa o término da relação afetiva com a mãe. Pelo contrário, o mundo mãe-criança interno e externo dual torna-se triádico e a menina provavelmente até mantém os dois pais como objetos de amor e rivais durante o período edípico (Chodorow, 1978). Provavelmente a menina não substitui a mãe pelo pai e inclui ambos no seu mundo objetal primário. O Édipo da menina alterna entre a atração positiva para com o pai, como forma de fugir à sua mãe, e entre a procura da sua mãe como segurança e refúgio familiar contra os aspetos frustrantes e assustadores do pai (Chodorow, 1978).

Relativamente à identificação ao pai do mesmo sexo, Chodorow (1978) acrescenta que tal é um fenómeno aprendido. As crianças aprendem o seu género, depois identificam-se e são encorajadas a identificarem-se com o pai apropriado. A “personalidade de género” não é constituída no Complexo de Édipo somente pelos processos de identificação (em que as crianças modificam os seus egos para ficar como os seus pais). O ego na sua situação relacional interna muda de forma dissemelhante para rapazes e raparigas (Chodorow, 1978).

A Cena Primitiva

Freud (1918) definiu a cena primitiva como a observação ou a inferência da criança acerca da relação sexual entre os pais. O autor (1905) acreditava que a observação da relação sexual dos pais poderia ser traumática e que inevitavelmente a criança iria conceber o ato sexual como um ato sádico. O carácter da criança seria formado com base nas identificações que ocorreriam em relação a um ou ambos os pais durante a cena primitiva. Para Freud (1918) a cena primitiva era também uma expressão filogenética e uma fantasia fundadora que molda a organização de todas as fantasias da vida. Assim, mesmo que a criança não testemunhasse realmente a cena primitiva, iria desenvolver e elaborar fantasias primitivas derivadas das influências filogenéticas hereditárias. Enquanto Freud colocava a cena primitiva como antecessora do Complexo de Édipo, Klein (1928) inclui nesta problemática a “situação edipiana”. Para Aron (1995), o conceito da cena primitiva não tem de ser interpretado como a observação literal da relação sexual entre os pais, podendo ser entendido como o conjunto da experiência, elaboração e mitologia pessoal da criança acerca da interação e relação dos pais. De facto, a teoria atual considera a cena primitiva como uma problemática que engloba uma variedade de significados, tais como, o conhecimento da sexualidade, a compreensão da relação parental e o conhecimento acerca da conceção e reprodução, por parte da criança (Heineman, 2004). A cena primitiva, segundo Britton (1989) surge antes do drama edipiano e é uma temática central na compreensão inicial da criança acerca da sexualidade genital e da conceção, embora as assunções criadas nesta altura sejam normalmente incorretas.

A cena primitiva é portanto um organizador psíquico primário que liga o narcisismo e a as relações de objetos (Ikonen, & Rechart, 1984). É a partir daqui que a criança deseja participar no mundo dos adultos. Esta necessidade de ser incluída representa o desejo de ter uma relação com os pais (necessidade de relação objetal) e uma tentativa de manter a autoestima (necessidade narcísica). Se as fantasias primitivas forem trabalhadas no contexto do ambiente familiar, a cena primitiva não será traumática ou patológica. Pelo contrário, irá constituir uma estrutura interna reguladora do narcisismo e das relações objetais (Aron, 1995). Mais, a internalização da cena primitiva encontra-se associada à capacidade de manter simultaneamente duas ideias contrastantes na mente sem as fundir ou clivá-las (Klein, 1928), permitindo a capacidade para o pensamento simbólico, para a sustentação da ambiguidade e para a criatividade (Britton 1989). O conhecimento inconsciente da cena primitiva surge entre os 3 e os 6 anos e aqui a criança consegue de forma mais apurada diferenciar os géneros e gerações. A cena primitiva é o protótipo do reconhecimento e experiência da triangulação

para ambos os géneros, a par dos sentimentos concomitantes de desejos, exclusão e humilhação (Britton, 1989; Kulish & Holtzman, 2010).

O Complexo de Édipo e os Autores Contemporâneos

O Rei Édipo de Freud foi trazido para a nossa sociedade como um exemplo dos trabalhos universais do inconsciente e permanece na literatura psicanalítica do presente século. De facto, o Complexo de Édipo tem passado por múltiplas transfigurações, tendo sido alvo de analogias e metáforas, manifestando-se através da culpa, medo, onnipotência, poder, impotência, destino, dominância, submissão, caos arcaico e raiva (Balsam, 2010).

Para Balsam (2010), o Complexo de Édipo é definido como uma fase de desenvolvimento em que a triangulação internalizada dos objetos se torna uma possibilidade. Aquando desta trajetória emocional progressiva, o individuo cresce para além do quadro interno das preferências diádicas, ficando a criança mais atenta ao seu próprio corpo sexual e desenvolvendo fantasias mais complexas. O Édipo reflete a habilidade avançada para integrar ambas as figuras da vida interna: figura materna e paterna.

Os diversos processos e resultados da resolução edípiana requerem desejo e identificação para que ocorra a separação. Ambos os géneros tiveram a mãe como o primeiro objeto de amor e ambos os géneros valorizaram e desejaram o pénis. Ambos os géneros tiveram de mudar o objeto de desejo e um dos géneros teve que mudar de objetivo. Seguindo um caminho heterossexual, o rapaz resolve a sua ansiedade de castração através da identificação masculina e desejo pelo feminino, enquanto a rapariga resolve o seu complexo de castração através do desejo pelo masculino e re-identificação com a mãe. A não resolução do Édipo resultará numa vinculação a um estado infantil incapaz de sair da relação diádica com a figura materna para o mundo externo e as suas oportunidades de adultícia. Não obstante, a resolução edípiana acarreta consequências para as teorias da sexualidade e identidade de género que necessitam de considerações futuras (Barden, 2011).

Eichenbaum and Orbach (1983) acrescentam uma ideia que não é postulada pela interpretação heterossexual do Complexo de Édipo, dizendo que as mães também se identificam com as filhas e existem conexões eróticas entre as mães e as filhas, assim como com os filhos.

Na perspetiva de Britton (1992) a Posição Depressiva e o Complexo de Édipo encontram-se inextricavelmente interligados, sendo que um não pode ser resolvido sem o

outro. Assim, a Posição Depressiva surge na infância como consequência das capacidades desenvolvimentais da criança (percecionar, reconhecer, lembrar, localizar e antecipar a experiência). O mundo psíquico desta sofre uma disrupção e as experiências contrastantes (e.g. ideal versus persecutório; bom versus mau) passam a corresponder a uma única fonte. A visão do objeto tem então de ser estabelecida e tolerada, o que significa que a mãe percecionada como a mãe que ama e alimenta passa a ser também percecionada como a mãe sexual (e a padeira sexual do pai), o que permite a entrada no Complexo de Édipo.

Este reconhecimento da relação sexual parental leva à renúncia da ideia da posse permanente e única da mãe e está associado a um profundo sentido de perda que se não for bem tolerado pode tornar-se um sentimento persecutório. O Complexo de Édipo, posteriormente, envolve também o reconhecimento da diferença entre a relação dos pais (relação genital) e a relação entre os pais e a criança. Para além do um sentimento de perda, surge a inveja e conseqüentemente a rivalidade com um dos pais pelo outro. Esta rivalidade é resolvida a par da desistência da criança da reivindicação da sua sexualidade relativamente aos seus pais e a par da sua aceitação da realidade da relação sexual dos pais. A rivalidade edipiana heterossexual e homossexual permite trabalhar a Posição Depressiva. Um dos pais é objeto de desejo e o outro é o rival odiado. A configuração é retida mas os sentimentos mudam em relação a cada pai. O bom torna-se mau e vice-versa. Surge também a noção de que a mesma figura parental que é objeto de desejo numa versão é a figura parental odiada noutra. (Britton, 1989). O reconhecimento da relação exclusiva dos pais une o mundo psíquico da criança e o fechamento do triângulo edipiano permite fechar os limites entre o mundo interno e o externo. Cria-se assim o espaço triangular que é constituído pelas três pessoas da situação edipiana e pelas suas potenciais relações. A criança adquire a capacidade de se ver a si própria em interação com os outros e a considerar outros pontos de vista enquanto mantém o seu. Desta forma, vai surgindo a capacidade de refletir acerca de si sem deixar de ser quem é. Os conflitos em torno do objeto de amor só podem ocorrer quando o objeto deixa de ser, pelo menos num certo grau, um objeto narcísico. O casal tem de ser visto como um verdadeiro casal e com alguma separação da criança, para que surja o espaço necessário para a fase edipiana, isto é, para a fase do conflito acerca do objeto de amor (Britton, 2006).

Heineman (2004) adota o termo “Complexo Parental” como substituto de Complexo de Édipo, por estar menos carregado de sentido e assim representar os desejos sexuais conflituais e complicados e os sentimentos de rivalidade da criança relativamente ao casal

parental. O Complexo Parental promove extraordinárias mudanças emocionais e cognitivas na criança que levam ao crescimento psicológico e intelectual. Cognitivamente a criança move-se do mundo das operações concretas para o estágio pré-operatório. Neste estágio dá-se o início da utilização dos símbolos e o aumento exponencial dos processos de representação mental (Philips 1981; cit. por Heineman, 2004). Esta capacidade para pensar liberta a criança do mundo da ação e do atual, podendo considerar os seus próprios pensamentos como pensamentos e reconhecer que as suas ideias e perspectivas podem ser diferentes dos pensamentos e das motivações das outras pessoas (Fonagy & Target, 1996). Este período permite à criança refletir acerca dos outros e de si própria, acerca do mundo à sua volta e do seu mundo interno, tornando-se gradualmente mais sensível às diferenças existentes nos mundos internos daqueles que ama, tendo consciência do mundo de relações íntimas que o excluem. A criança descobre também a excitação da sexualidade genital e a possibilidade de ter relacionamentos fora do seu núcleo familiar (Heineman, 2004).

Outras autoras, Kulish e Holtzman (2010), também psicanalistas como Heineman, revolucionaram o conceito de complexo de Édipo feminino introduzindo o termo Complexo de Perséfone. Segundo este quadro teórico a entrada na fase triádica (perséfonal) não é motivada pela inveja do pénis nem pelas desilusões e hostilidade perante a mãe. A inveja do pénis e a hostilidade são aspetos importantes para o desenvolvimento, contudo não são um estímulo basilar para a passagem da díade para a tríade. Vários são os autores que defendem esta ideia para além dos supramencionados. Por exemplo, Horney (1924) defendia a ideia de que o complexo de inferioridade e a inveja do pénis são secundários e baseados na cultura. Jones (1933) afirmava que a fase fálica das meninas seria essencialmente defensiva. Kleeman (1976) confirmou através da observação de bebés e crianças que a descoberta das diferenças sexuais surgiria muito antes do que Freud estipulou, sendo por isso mais importante a aprendizagem, as funções cognitivas e a linguagem para a emergência da feminilidade do que a inveja do pénis. Parens (1990) refere ainda que é a emergência da genitalidade (diferenciação das pulsões sexuais biologicamente programada) e não a ansiedade de castração que motiva ou encaminha a criança a entrar na fase edípica.

De facto, a entrada para a fase triádica, segundo Kulish e Holtzman (2010), é multifacetada, englobando a dimensão biológica, psicológica, familiar e social. Os autores consideram assim seis influências no menino e na menina para a entrada na triangulação que isoladamente não fornecem uma explicação satisfatória: as fantasias impulsionadoras da cena primitiva, pressões biológicas inatas, bissexualidade, fatores cognitivos, o papel do pai e o

papel da mãe. a) A cena primitiva (abordada anteriormente na pág.11) abre caminho para o reconhecimento da triangulação (Kulish & Holtzman, 2010); b) As pressões biológicas para a triangulação manifestam-se através do corpo da menina que permite o surgimento de fantasias de estar grávida e frequentemente de ser penetrada pelo pai. Contudo, os autores questionam o que determinará a futura escolha do objeto sexual. Será a escolha homo ou heterossexual nesta etapa? Não existem evidências de causas biológicas inerentes a esta escolha. Young-Bruehl (2003; cit. por Kulish & Holtzman, 2010) enfatiza a existência de outros fatores influenciadores, tais como a forma como os objetos internos estão misturados ou separados das diferentes identificações com indivíduos de ambos os sexos; c) Quanto à bissexualidade física e psíquica vários são os autores que defendem esta ideia (Kulish & Holtzman, 2010). Elise (1998) refere que esta bissexualidade se manifesta por sentimentos sexuais perante ambos os sexos. Todavia, forças sociais poderosas reforçam a heterossexualidade e conseqüentemente levam à entrada na situação edípica positiva. Chodorow de facto afirmava que a homossexualidade e a heterossexualidade resultam de formações de compromisso que incluem sentimentos bissexuais (Chodorow, 1994). d) A componente cognitiva permite a capacidade de compreender relações mais complexas. Por exemplo a percepção da cena primitiva parece estar ligada ao desenvolvimento cognitivo (capacidade de perceber que os pais têm uma relação sexual) (Kulish & Holtzman, 2010); e) O papel do pai é importante no sentido em que interrompe a díade mãe-filha e se assume como o “terceiro objeto” para ambos os géneros; f) O papel da mãe é também importante no sentido em que vai servir como objeto de identificação e comunicar-lhe consciente e inconscientemente as suas atitudes sexuais (Kulish & Holtzman, 2010). Elise 2007 (cit. por Kulish & Holtzman, 2010) enfatiza a importância de a mãe oferecer à filha uma imagem de sexualidade materna para se identificar.

De facto, manifestam-se nesta triangulação as dificuldades da menina em lidar de forma direta e aberta com a sexualidade e agressividade. A situação triangular gera os perigos da competição direta com a mãe. Apesar de ter desejos de competição com a mãe a menina não quer de todo perdê-la. Este medo é bastante acentuado nas meninas. Para além da sexualidade que gera sentimentos de culpa, a agressividade é uma parte integral da etapa triangular. Mas esta difere dos rapazes e das raparigas. Normalmente a agressividade feminina é mais passiva (a dos rapazes é mais ativa) e surge também bastante associada aos impulsos homoeróticos. Neste sentido, pode então surgir a raiva e o ciúme pelo facto de a mãe preferir o pai ou os irmãos. Quanto mais ténue for a relação mãe-filha mais assustador será para a menina tolerar a sua agressividade. É ainda importante referir que as raparigas não mudam os

seus objetos de amor. Elas acrescentam um objeto erótico (o pai) para criar o espaço triangular. A sua atenção e interesse sexual oscilam entre ambos os pais, formando padrões que podem ser repetidos durante o seu desenvolvimento. A característica predominante desta fase é o balanceamento da lealdade (Kulish & Holtzman, 2010).

O Complexo de Édipo numa Perspetiva Desenvolvimental: Infância e Puberdade

Durante a infância, o complexo de Édipo “dá lugar” ao período de latência. Este período corresponde ao adormecer da sexualidade infantil e à desconflitualização das relações (Boekholt, 2000) e fornece ao ego da criança recursos que a preparam para o encontro com a intensidade pulsional da puberdade (Blos, 1962).

A passagem pela adolescência não é algo linear. Os objetivos da vida psíquica são muitas vezes antagonistas e contraditórios, surgindo mecanismos defensivos e adaptativos cuja duração não é previsível ou fixa (Blos, 1962). Nesta etapa, o Complexo de Édipo volta a reaparecer (Blos, 1962; 1970; 1993), tal como noutros períodos de vida mais tardios (Loewald, 2000). Inicialmente, surge a reativação dos laços objetais infantis, numa configuração remanescente do período edípiano. Esta configuração pseudo-edípiana trabalha contra a relação objetal pré-edípiana, sendo por isso uma formação defensiva denominada *defesa edípiana* (Blos, 1965; cit. por Blos, 1970). A competição com o pai e o desejo de ter a atenção da mãe edípiana são portanto estratégias defensivas para neutralizar a regressão pré-edípiana. Para além disso, a par da maturação sexual e conseqüente intensificação dos impulsos direcionados ao objeto, a mãe arcaica é trazida para esta nova constelação de pulsões. Assim, o adolescente vai afastar-se desta situação perigosa evitando a companhia de pessoas do sexo feminino, o que se verifica pela formação exclusiva de grupos de rapazes durante esta fase. Surge uma aproximação positiva do rapaz ao pai e uma rejeição cruel à mãe e a todas as raparigas no geral (Blos, 1970). Não obstante, Blos (1993) defende também a existência de ligações libidinais pai-filho pré-edípianas enfatizando a sua importância na vida do rapaz.

Segundo o autor supramencionado, as componentes negativas e positivas do Complexo de Édipo encontram-se intimamente interligadas, não havendo dominância de uma pela outra, apenas diferentes etapas temporais de resolução. No rapaz, a resolução da componente positiva (ou complexo de Édipo positivo) precede o período de latência (facilitando até a sua formação). Por sua vez, o complexo de Édipo negativo tem origem na

fase diádica e sobrevive num estado mais reprimido, de modo mais ou menos inalterado, até à adolescência, onde ocorre a sua resolução. O filho aproxima-se intensamente do pai, sendo este pai a fusão do pai edipiano com o pai da fase diádica. Paralelamente, o rapaz vai também manifestar competição contra o pai edipiano. De facto, é na puberdade que a polaridade universal do ativo e do passivo se encontra em conflito num “combate final” (p.54). O jovem rapaz apresenta uma luta defensiva contra a submissão e a passividade mas também contra a autoaceitação e o parricídio (Blos, 1962; 1993).

Para além do Complexo de Édipo, a fase pubertária reativa também, de acordo com Coimbra de Matos (2002), os ferimentos narcísicos da infância, o que, na maioria dos casos, se traduz numa auto-imagem e auto-estima extremamente atingidas. Aqui o “Édipo príncipe, torna-se rei, mas Narciso” (p.139. Coimbra de Matos, 2002). Para o referido autor, todas as vivências de linha narcísica e depressiva são reativadas nesta etapa e encontram-se intimamente ligadas à auto-imagem diminuída.

O Complexo de Édipo e as Famílias Homoparentais

Atualmente os pressupostos psicanalíticos têm vindo a ser confrontados com as transformações ocorridas nas configurações familiares, nomeadamente, as famílias homoparentais. Neste sentido, a teoria psicanalítica é cada vez mais convocada a posicionar-se perante a problemática dos filhos destas famílias (Ceccarelli, 2002).

Diversas são as posições assumidas. Tort (2000), entre outros, assume-se categoricamente contra esta configuração familiar alertando para os perigos psíquicos inerentes à inexistência da diferença sexual dos pais, tais como as dificuldades no processo de subjetivação ou melhor, no acesso ao simbólico, à lei e às normas sociais. Outros autores acrescentam ainda que o casal homossexual se encontra preso numa relação especular narcísica e como tal não conseguiria refletir para a criança a imagem dos dois sexos (e.g. Langouet, 1998; cit. por Ceccarelli, 2002; Gross, 2000; cit. por Ceccarelli, 2002).

Segundo Ceccarelli (2002), os autores que se opõem à homoparentalidade seguem o imperativo da presença de pais de sexos diferentes para que surja a situação edipiana. Esta visão seria uma repetição das críticas outrora feitas às famílias monoparentais em que as crianças por terem apenas uma imagem teriam uma organização psíquica infantil deficitária. As crianças destas famílias têm o direito a teorias de desenvolvimento edipiano saudável que as incluam e que não sejam teorias baseadas nos pais heterossexuais (Heineman, 2004).

Relativamente ao argumento da relação especular, esta pode estar presente quer na família heteroparental quer na família homoparental (Ceccarelli, 2002).

Por outro lado, quanto à não diferenciação dos pais, Heineman (2004) defende que o género parental ou a orientação sexual assumem um papel pouco relevante. A triangulação (movimento da relação de objeto diádica para a triádica) depende de dois processos primordiais: a aceitação da criança da imutabilidade das gerações (vai ser sempre uma criança em relação aos pais) e o reconhecimento da criança de que está excluída do mundo da sexualidade adulta.

Neste sentido, o autor supracitado (2004) desenvolveu um modelo teórico que reorganiza os elementos essenciais da triangulação sem fazer referência à orientação sexual dos pais ou à escolha do objeto sexual. Embora não exclua a sexualidade, a premissa é a de que a criança reconhece e aceita os seus pais como fazendo parte do mundo da sexualidade adulta, donde ela está excluída. Deste mundo podem fazer parte homens cujos parceiros sexuais são mulheres ou homens, e mulheres que procurem romance com outros homens ou com outras mulheres. É um modelo que reconhece que a nossa bissexualidade inerente é expressa de formas muito variadas quer pelos pais quer pelos filhos. De facto, segundo Ceccarelli (2002), a questão mais central no Complexo de Édipo (ou complexo parental, segundo Heineman, 2004) é a exclusão sentida pela criança de uma relação. Esta exclusão, que é parte integrante da triangulação, não tem de ocorrer com pessoas de sexos diferentes, caso contrário estaríamos a afirmar que todas as crianças cuja constituição familiar não se enquadra na tradicional (famílias monoparentais, instituições, famílias matriarcais, entre outras) teriam problemas na resolução do Édipo.

Especificando, a triangulação é portanto a passagem da criança pré-escolar da díade para a tríade que marca a sua consciência acerca do seu self sexual em relação aos seus pais e à sua sexualidade (Heineman, 2004). Nesta etapa dá-se a passagem da relação narcísica para a objetal e só é possível devido à função do Outro primário (inicialmente a mãe) que apresenta o mundo simbólico à criança onde os objetos secundários substituem os primários e o narcisismo secundário substitui o narcisismo primário (Ceccarelli, 2002). A triangulação é um movimento bem-sucedido por parte da criança da renúncia da sua grandiosidade infantil nas relações diádicas para a entrada num mundo de relações triádicas e aceitação da realidade externa que não pode ser manipulada pelo pensamento mágico. As relações triádicas requerem um aumento do espaço psíquico para a inclusão de um terceiro elemento e para a criação de novas e especiais trocas diádicas (Heineman, 2004). Dá-se então a renúncia ao

narcisismo primário em prol dos valores culturalmente aceites e o surgimento de diversos processos de perdas e de estabelecimento de limites acompanhados de movimentos pulsionais e identificatórios (Ceccarelli, 2001). Os processos de identificação são complexos e envolvem não só desejos incestuosos, como identificações com aspetos de ambos os pais. Os pais querem que os filhos se identifiquem com eles e conseqüentemente essa criança, independentemente da orientação sexual dos pais, vai procurar integrar em si pontos de similaridade enquanto estabelece a sua identidade independente. As mães lésbicas (e os pais gays) podem oferecer uma multiplicidade de identificações possíveis na área da escolha do objeto sexual, possivelmente por desejarem que a sua criança seja diferente delas enquanto estão abertas à possibilidade de ser semelhante a estas neste aspeto. Apesar das crianças dos pais homossexuais poderem apresentar diferentes formas de relações triangulares, estas podem representar principalmente novas variações do antigo tema das negociações psicológicas advindas das modificações desenvolvimentais nas relações pais-filho. Todas estas dinâmicas emocionais podem não estar confinadas às crianças e pais de famílias tradicionais (Heineman, 2004). O que diferencia as crianças das famílias homoparentais das crianças de outras famílias é o que diferencia os seres humanos entre si: as particularidades dos processos de identificação e as escolhas objetais de cada um. A função materna e a função paterna não requerem a presença obrigatória de um homem e de uma mulher uma vez que a anatomia dos progenitores ou cuidadores da criança não é considerada um elemento basilar para a construção da capacidade de subjetivação desta. Tal construção, encontra-se essencialmente submetida à organização psíquica dos cuidadores e ao modo como eles se colocam em relação à sua própria sexualidade e à fantasia que contêm em relação ao que é ser pai e/ou mãe. No fundo, tudo depende do lugar que a criança assume no mundo interno dos seus pais (Ceccarelli, 2002).

O Menino nas Famílias Constituídas por Duas Mães

Por forma a abordar as questões de investigação da presente dissertação em relação ao menino numa família constituída por duas mães iremos seguir as hipóteses teóricas de Heineman (2004), cuja diferenciação de sexos não assume extrema relevância para que ocorra a triangulação. Por forma a complementar certas propostas teóricas iremos também referenciar autores como Klein (1928,1952), Chodorow (1978; 1992; 1994) Kulish & Holtzman (2010) e Bleichmar (2010).

Para a autora Heineman (2004), na família de mães lésbicas o menino muda a sua ligação possessiva e narcísica com a mãe (representação interna da mãe) para um reconhecimento dela como um objeto dos seus desejos sexuais. Paralelamente reconhece também o casal parental e apercebe-se então que estas duas mães não só têm uma relação com ele como também têm uma relação especial entre elas as duas e que lhe é interdita. As suas mães vivem num mundo de adultos e de sexualidade genital que lhe é fechado pela sua imaturidade física, sexual e emocional. Na mente da criança, ele não é desejado sexualmente, nem um parceiro sexual adequado. Para além deste golpe na sua auto-estima ele apercebe-se também da imutabilidade das gerações, isto é, que ele será sempre uma criança em relação aos seus pais.

Apesar de existir uma multiplicidade de fatores que influenciam a passagem da díade para a tríade (cena primitiva, bissexualidade física e psíquica, pressões biológicas, desenvolvimento da componente cognitiva, papel do pai e papel da mãe - Kulish & Holtzman, 2010), esta é mais facilmente impulsionada quando a figura parental primária está claramente designada, segundo Heineman (2004) Deste modo, a etapa psicológica fica preparada para que a criança use a outra figura parental como o “outro” necessário para ocupar o terceiro lugar na triangulação quando a criança se movimentar através do complexo parental. No entanto, nas famílias onde ambas as mães se vejam como as figuras parentais primárias, a criança pode referir-se a elas com um único termo tal como “Mãezinha” ou “Mama, por forma a promover a diferenciação necessária para que se “prepare caminho” para a triangulação. A criança sente necessidade de definir a sua “mãe” para criar o “outro” necessário para a relação triádica. As mães sem saberem o motivo desta mudança reconhecem e aceitam a sua importância, havendo uma mãe que permite e se oferece como a “outra” na relação diádica mãe-bebe e a mãe que capta a atenção sexual do menino (Heineman, 2004). Cortez (1996) descreve uma família nestas condições, em que a partir dos 3 anos e meio o menino (ou a menina) começara a insistir que deveria chamar “Mãezinha” à mãe biológica.

No caso de a criança não conseguir fazer esta distinção entre a “mãe” e a “outra”, possivelmente a posição de “não mãe” vai ser alternada entre as duas mães, promovendo uma relação mais autónoma com cada uma das figuras parentais. O menino num dia pode ter sentimentos amorosos e sedutores para com a mãezinha e rejeitar ferozmente a mamã e no dia seguinte sentir o reverso (Heineman, 2004).

Ao contrário das situações descritas anteriormente, poderia dar-se a situação do comportamento sedutor do menino ser direcionado para ambas as mães simultaneamente,

alternando com rejeição agressiva para as mesmas. Tal revela um problema de indiferenciação sendo que as mães correspondem a um único objeto representacional. Neste caso, não existe uma figura parental disponível para o ajudar a gerir a sua excitação sexual, a sua fúria por ser excluído ou os seus medos por ser seduzido. Mulheres que não tenham resolvido os seus conflitos em relação à perda da relação diádica vão ter dificuldades em ajudar a criança a gerir os sentimentos e a negociar os conflitos inerentes às relações triádicas (Heineman, 2004).

Relativamente às questões identificatórias, a primeira hipótese é a de que o menino vai identificar-se com a figura feminina como forma de se proteger da angústia de castração. Ou seja, ele julga que a mãe vai recusá-lo, não por desejar outra pessoa, mas pelo facto de achar o seu órgão sexual insuficiente para as suas necessidades. Através desta identificação passa a partilhar com a mãe o poder feminino, ao invés de tentar oferecer-se como objeto sexual a ela e sentir que vai ser engolido pelos seus genitais. Neste caso, ao estar a identificar-se com uma ou com as duas mães está a incluir o desejo por uma mulher como parceira sexual. Esta situação preserva as possibilidades de amor, quer homo, quer hétero, pelas figuras parentais. Assim, se o menino se identificar com a “mãe” que mantém uma relação sexual com uma mulher, surge um possível desenvolvimento de amor homossexual pelo “outro” que se introduziu na falha narcísica da díade mãe-criança. Por outro lado, se o menino se identificar com o “outro”, que não é a “mãe”, abre possibilidade para uma relação com a sua mãe como mulher que é o objeto dos seus desejos heterossexuais (Heineman, 2004).

Outra hipótese perante o medo de rejeição é o desenvolvimento da fantasia de casar com a “mãezinha” quando crescer. Todavia, se o menino persistir nesta fantasia pode criar a ilusão de que as suas mães se tornaram parceiras sexuais simplesmente por ainda não terem encontrado o homem certo. Isto é, o menino pode manter-se com a crença de que por enquanto o seu órgão sexual é muito pequeno, mas um dia poderá satisfazer não só uma como as duas mães (Heineman, 2004).

O menino pode também acreditar que apesar das mães poderem admirar a sua masculinidade não irão desejar o seu pénis para gratificação sexual nem agora nem no futuro. O que pode oferecer-lhe alguma proteção adicional contra o *Tabu* do incesto, uma vez que sem o sentimento de desejo (sexual) da mãe por ele e sem imaginar uma sedução direcionada a esta, o menino pode não ter necessidade de criar um rival poderoso para contrariar os seus desejos incestuosos. Neste sentido, provavelmente, o orgulho na sua masculinidade e a admiração das suas mães face à sua sexualidade podem ser mais facilmente geridos sem o

medo e a culpa associadas aos desejos agressivos contra a figura parental que amam (Heineman, 2004).

Quanto à problemática da ausência de um pai rival ou de um rival masculino, é importante referir que o facto de não haver uma figura masculina no seio familiar não significa que não haja um rival edipiano no mundo interno do menino. Em segundo lugar, a ausência de um pai nestas famílias não corresponde à ausência da noção do que é um pai ou fantasias acerca do pai independentemente da realidade. De facto, as mulheres que o criaram foram, *a priori*, exclusivamente criadas por uma família heterossexual e as suas representações internas de pai vão de acordo com o pai do triângulo edipiano. Desta forma, o pai está presente nas relações com cada uma das mães e permanecendo como objeto de identificação e proteção contra os desejos incestuosos. A maior dificuldade com que a criança se depara na triangulação é o reconhecimento e a aceitação da imutabilidade das diferenças geracionais e a desilusão por perceber que o pénis não fez parte do processo de reprodução, podendo levar a alguma confusão acerca da sua origem (Heineman, 2004).

Para além das várias hipóteses apresentadas propomos a ideia teórica Kleiniana (1928;1952) e outros (Britton, 1989; 1992; 2006; Chodorow, 1978; 1992; 1994; Kulish & Holtzman, 2010) da bissexualidade psíquica. Neste sentido, o menino poderá assim identificar-se com aspetos múltiplos de cada uma das mães alternadamente, assim como desejar as mães de forma revezada. Segundo Britton (Britton, 1992), durante a posição depressiva ocorre uma oscilação entre o objeto rival e o objeto de desejo em relação às figuras parentas, o que promove ao mesmo tempo a entrada na fase edipiana. De facto, os processos de identificação são complexos e envolvem não só desejos incestuosos, como identificações com aspetos de ambos os pais.

Não obstante, salientamos ainda a importância de outros membros significativos, tais como família e amigos das mães para os processos de identificação. Bleichmar (2010) defende a ideia de que as representações conscientes e inconscientes do masculino são adquiridas das várias figuras (tios, irmãos, avós e amigos) e conseqüentemente integradas nas suas modalidades de interação, contribuindo para o aspeto intersubjetivo da masculinidade ao longo do desenvolvimento. Assim sendo, tais figuras significativas poderão também assumir quer o papel de objeto de identificação, quer o papel de objeto de desejo no mundo interno do menino.

A Menina nas Famílias Constituídas por Duas Mães

Apesar de não haver literatura que aborde especificamente o caso da menina com duas mães, serão construídas hipóteses teóricas baseadas: a) no modelo teórico de Heineman (2004) em que a diferença anatômica não assume um papel principal para que ocorra a triangulação b) na premissa de Ceccarelli (2002) de que a exclusão sentida pela criança de uma relação (parte integrante da triangulação) não tem de ocorrer com pessoas de sexos diferentes; c) na premissa de Britton (1989;1992;2006) de que a posição depressiva e o complexo de Édipo não podem ser resolvidos um sem o outro (ou é resolvido através da posição depressiva; d) no modelo de teórico de Kulish e Holtzman (2010) acerca do complexo de Perséfone (Complexo de Édipo feminino).

A par da maturação do aparelho psíquico da menina e consequente entrada na posição depressiva, as experiências contrastantes passam a ser integradas e, como referido por Britton (1992), a criança passa a perceber a mãe que a ama e alimenta como a mãe sexual enquadrada numa relação amorosa. Segundo o referido autor é este reconhecimento da relação sexual parental que leva à renúncia da ideia da posse permanente e única da mãe. Hipostasia-se assim que as “portas se abram” para que a menina mude a sua ligação narcísica com a mãe e se aperceba de um terceiro elemento e da relação exclusiva que tem com a sua mãe primária. Para além desta exclusão a menina vai se apercebendo também da imutabilidade das gerações, o que de acordo com Heineman (2004) são as duas condições primordiais para que ocorra a passagem da díade para a tríade.

Tal como no menino, a passagem da díade para a tríade pode ser mais facilmente impulsionada quando a figura primária está claramente designada, podendo a criança referir-se de formas diferentes relativamente a cada mãe como manifestação da sua necessidade de diferenciação psíquica entre a “mãe” e o “outro” que se assume como o terceiro elemento. Por outro lado, há também a possibilidade de a menina alternar entre as duas mães a posição de “não mãe” (Heineman, 2004). Num dia a menina tem sentimentos amorosos e sedutores para com uma das mães e rivaliza com a outra mãe. Noutra dia alterna e assim sucessivamente. Segundo Heineman (2004) esta alternância promove uma relação mais autónoma com cada uma das figuras maternas. A passagem para a fase triangular é então multidimensional como referido anteriormente (pág. 15) e não requer obrigatoriamente a inveja do pénis para a sua ocorrência (Kulish & Holtzman, 2010). Para além, disso a par dos vários fatores que promovem esta fase (cena primitiva, bissexualidade física e psíquica, pressões biológicas, desenvolvimento da componente cognitiva, papel do pai e papel da mãe (Kulish & Holtzman,

2010), iremos observar com base no material recolhido a dinâmica da triangulação da menina (e também do menino), refletindo sobre o papel do pai tradicionalmente atribuído na secção *Discussão e Reflexão*.

Quanto às identificações, basear-nos-emos na proposta de Klein (1928;1952) e outros (Britton, 1989; 1992; 2006; Chodorow, 1978; 1992; 1994; Kulish & Holtzman, 2010) sobre a bissexualidade psíquica em que a criança se identifica com partes das figuras parentais alternadamente. A menina possivelmente oscilará entre as duas mães, identificando-se com aspetos múltiplos de cada uma. Provavelmente uma das mães (a biológica por exemplo) assumirá o papel da figura materna primária para que ocorra a díade mãe-bebé e a identificação primária nos primeiros meses de vida da menina. É ainda importante salientar que a feminilidade primária aqui também é construída sem influência da diferença anatómica das figuras maternas. Isto é, segundo Stoller (1976) todo o ser humano apresenta um núcleo de identidade de género (sentido que temos do nosso sexo) que remete no caso da menina para um sentido de feminilidade (aceitação primária desta). Por sua vez, este sentir primária de feminilidade encontra-se intrinsecamente associado aos significados sociais de género (ELISE 1997). As mães irão espelhar à menina a sua feminilidade desde o nascimento e ao longo do seu desenvolvimento. Todavia esta transmissão de feminilidade já é influenciada pela cultura dominante que detém determinada estrutura para cada categoria de género. Portanto, como refere Stoller (1976), são as atitudes dos pais (ou das mães neste caso) acerca do sexo do bebé e a capacidade deste para construir estas perceções que permitem a capacidade progressiva de fantasiar e sentir a sua feminilidade/masculinidade. De facto, como refere o autor em questão, a menina não tem nenhuma razão para duvidar de si como pertencente ao sexo feminino até receber novas informações (meninos e meninas são diferentes em termos anatómicos). O surgir da desilusão e da inveja (do pénis) são indicadores de que a sua crença em ser feminina não sofreu alterações: ela reage da forma que reage pelo facto de não poder largar o seu sentir-se como feminina.

Ao longo do tempo esta construção da feminilidade passará possivelmente a ser elaborada através das duas mães que se oferecerão como figuras de identificação. É importante referir que a construção da feminilidade ocorre de variadas e múltiplas representações da mãe (Bleichmar, 2010), podendo esta “mãe” ser a representação de diversas partes das duas mães. Do mesmo modo que ambas as mães podem ser figuras de identificação, poderão também em alternância ser alvo de desejo sexual. Segundo Britton (1992), a alternância entre o objeto de desejo e o objeto de identificação correspondem à

posição depressiva que ocorre em consonância com a fase edipiana. A atenção e o interesse sexual oscilam entre ambos os pais, não havendo mudança completa de objeto de amor neste desenvolvimento, mas sim um acrescentar de um objeto erótico para criar o espaço triangular (Kulish & Holtzman, 2010). Chodorow (1978) defendia que a menina possivelmente mantinha os dois pais (neste caso as duas mães) como objetos de amor e rivais durante o período edipiano. Por vezes procurando o pai como forma de fugir à mãe e outras procurando a mãe como segurança e refugio familiar contra os aspetos frustrantes e assustadores do pai (Chodorow, 1978). Outros membros significativos da família poderão também contribuir para os processos de identificação e para temporariamente serem objetos sexuais da menina. Segundo Bleichmar (2010) as representações conscientes e inconscientes do feminino e do masculino adquiridas das várias figuras (tios, irmãos, avós e amigos) são integradas nas suas modalidades de interação e contribuem para o aspeto intersubjetivo da feminilidade ao longo do desenvolvimento.

Em suma, o Complexo de Édipo (ou Complexo Parental) é ao mesmo tempo universal e singular, como qualquer representação fantasmática, todavia o modo de o observarmos socialmente é variável no tempo e no espaço. Neste sentido, torna-se relevante enfatizar que as construções teóricas psicanalíticas devem acompanhar as mudanças ocorridas nas organizações sociais, nomeadamente, ao nível das pulsões, desejos, complexo de Édipo, relações de objeto e identificações, para deste modo não se cair em pressupostos desatualizados, rigidificados e que ditam caminhos normativos do desenvolvimento psíquico a partir dos arranjos familiares tradicionais (Ceccarelli, 2002). Devemos adotar uma verdadeira posição analítica donde observemos e consigamos compreender o que estas crianças têm para nos mostrar e para nos contar acerca da melhor forma de as ajudar a lidar com as tarefas de desenvolvimento da infância e adolescência (Heineman, 2004).

Apesar das questões colocadas inicialmente (fim da página 3) propomo-nos a explorar na menina e no menino de um casal de mães lésbicas a triangulação (se ocorre e como se movimenta a criança na tríade), os processos de identificação e os objetos de desejo.

Método

Desenho do Estudo e Metodologia de Investigação

Em virtude do problema de investigação, desenhou-se um estudo do tipo observacional-descritivo transversal e utilizou-se uma metodologia de carácter qualitativo (Pais-Ribeiro, 2007), fazendo recurso ao Teste de Aperceção Temática (T.A.T.) para uma compreensão dinâmica do mundo interno das crianças que constituem a amostra. Deste modo, pelo facto da prova projetiva escolhida permitir o acesso à dimensão relacional, tornar-se-á possível explorar mais eficazmente a posição da criança na tríade, os processos de identificação e a escolha do objeto de desejo.

Participantes

A amostragem é do tipo convencional ou intencional (Pais-Ribeiro, 2007). Os parâmetros gerais estabelecidos *a priori* para a seleção da amostra foram os seguintes: criança(s) a partir do período edipiano filha(s) de um casal homoparental desde o(s) seu(s) nascimento(s) (através do método de fertilização *in vitro* ou por inseminação artificial, por exemplo) ou adotada(s) desde cedo por uma família homoparental (Adoção até aos 2 anos de idade no máximo).

A “Lara” (nome fictício) e o “Duarte” (nome fictício) são irmãos e filhos de duas mães. A mãe biológica (mãe B) tem 42 anos e a mãe “social” (mãe S.) tem 48. Ambas as crianças são filhas das duas, tendo a mãe B. realizado inseminação artificial e sendo o dador conhecido da família. A gravidez das duas crianças correu bem, segundo a mãe B., que acrescenta: “eu nunca tive vontade de ter filhos, a vontade era dela (mãe S.) (...) mas como eu era mais nova acabámos por decidir que seria melhor ser eu a tê-los” (sic). Até aos 4 anos da Lara e 6 do Duarte ocorreram momentos de “afastamento e proximidade” (sic) até que surge uma separação definitiva e a custódia passa a ser partilhada. Segundo a mãe B. as crianças reagiram bem à separação, sendo que acabaram por “encontrar vantagens relativamente à situação” (sic). Lara e Duarte ficaram com a mãe B. por “haver toda uma estrutura” (sic), como a escola e rede de amigos, não descartando a hipótese de mais tarde as crianças poderem ir viver com a outra mãe. Recentemente a mãe S. foi viver para longe da zona de residência das crianças, o que resulta numa convivência com esta mãe confinada aos fins-de-semana.

A mãe B. descreve-se como uma pessoa “pouco maternal”, “responsável, corajosa, determinada, quando sei o que quero consigo levar isso a bom porto, consciente daquilo que me rodeia e alguém que pretende contribuir com um grãozinho de areia para que o mundo mude” (sic). Por outro lado, descreve a mãe S. como uma pessoa “muito otimista e descontráida” (sic) e bastante cumpridora da sua função parental.

A Lara, 10 anos de idade, é uma menina comunicativa, muito colaborante e com um olhar atento. Atualmente encontra-se no 5º ano de escolaridade e acrescenta “Na escola corre tudo bem e as notas ainda melhores... tenho 5 a tudo!” (sic). A sua disciplina preferida é Educação Visual e afirma ter um grupo de pares com quem parece estar bastante satisfeita. Relativamente às mães refere: “Com esta mãe (mãe com que vive) às vezes damo-nos bem...com a outra mãe não me chateio com ela, mas também não estou tanto tempo com ela...” (sic). Descreve-se como uma “pessoa esperta, criativa mas um bocado teimosa” (sic), sendo esta última característica sinónima de “quando meto alguma coisa na cabeça faço tudo para a conseguir” (sic) e identificada em ambas as mães. Gosta de refletir sobre certas questões filosóficas e existenciais e de fazer os trabalhos de casa. Quando crescer, embora refira que não pense muito nisso, gostava de “fazer *design* de prédios e roupa” (sic).

O Duarte tem atualmente 12 anos e frequenta o 7º ano de escolaridade. É um menino tímido, deixando por vezes escapar um olhar curioso, colaborante, apesar de partilhar pouco os seus pensamentos e descrito pelos colegas como “bom amigo” (sic). Segundo o Duarte, o grupo de pares é constituído quer por rapazes, quer por raparigas. É um rapaz muito interessado em adquirir conhecimento para além dos cânones propostos pelo programa de ensino e as suas disciplinas preferidas são físico-química e educação física, todavia nesta última tem preferência por atividades “em que não seja preciso mexer-se muito”. “Acho que o desporto que fizemos até agora que eu gostei mais foi o Badmington” (sic). Duarte acrescenta também: “gosto muito de ler, estou sempre a ler...”, sendo os seus livros preferidos ligados a factos histórico-científicos, dizendo “Há um livro que eu adoro que é a *História horrível* e que diz as partes da história que os livros não nos contam na escola. E há outro também muito giro que é a *Ciência horrível* sobre os insetos e montes de coisas sobre eles.” Relativamente às suas mães, refere relacionar-se “perfeitamente” (sic) com ambas. Quanto ao futuro, apesar de ainda não pensar sobre o que gostaria de ser, comenta que gostaria “de ficar na área de informática e computadores” (sic).

Instrumento

O T.A.T. foi criado em 1935 por Henry Murray na Harvard Psychological Clinic. No entanto, várias foram as transformações realizadas por diversos autores da escola Americana (e.g. Bellak, 1954; cit. por Shentoub & col., 1999; Hartmann, 1964; cit. por Shentoub & col., 1999; Holt, 1961; cit. por Shentoub & col., 1999; entre outros) quer ao nível da aplicação, como ao nível interpretação. Não obstante, a alteração metodológica mais significativa foi promovida pelos trabalhos de Shentoub e Debray desde 1969 a 1974, dando uma técnica de análise e de interpretação do material utilizadas ainda nos dias de hoje. (Shentoub & col., 1999). A prova pode, então, ser aplicada a adultos e crianças. Segundo Boekholt (2000), no caso das crianças é válido aplicar-se a partir dos 6 anos (proposta de R. Debray e a sua equipa), dependendo esta decisão do bom-senso e da avaliação clínica da maturidade e psicopatologia inerentes à criança em questão.

De um modo geral, o objetivo do T.A.T. é evidenciar os diferentes modos de funcionamento do aparelho psíquico do sujeito e as suas eventuais transformações e/ou reorganizações (Delgado, 2011). Todos os cartões reportam a conflitos universais, tais como gestão da libido e da agressividade, quer ao nível da problemática edipiana (diferença dos sexos e de gerações), quer ao nível de uma problemática mais primitiva. Assim, cada imagem remete para um conteúdo manifesto (elementos em evidência como as personagens, o seu sexo, as suas idades, objetos, etc.) correspondente ao princípio da realidade e as solicitações latentes (não neutralidade das imagens que possibilita a reativação de determinado nível de problemática), fazendo apelo ao princípio do prazer (Shentoub & col., 1999).

O T.A.T. permite avaliar a capacidade do sujeito em se situar entre o objetivo e o perceptivo, entre o real e o imaginário, entre as defesas e as pulsões (Shentoub & col., 1999). A análise dos protocolos pode, então, ser considerada sob um ponto de vista *dinâmico* (compromisso entre os elementos de controle consciente e a pressão fantasmática inconsciente), *económico* (energia investida harmoniosamente ou gasta em conflitos defensivos) e *tópico* (equilíbrio entre o processo primário e o processo secundário) (Delgado, 2011). Especificando, o T.A.T. aborda as problemáticas da identidade, da identificação e da relação de objeto, reativa afetos e representações (representação-representação, representante-afeto), permite perceber se houve elaboração da posição depressiva (M. Klein) e se o domínio da pulsão de morte ou da pulsão de vida (Shentoub & col., 1999).

É ainda importante referir que no caso da criança o TAT submete, mais do que no adulto, a um conjunto de situações paradoxais. A primeira, já referida anteriormente, remete

para o balanceamento entre o real e o fantasma. Por outro lado, embora a criança esteja no período de latência, a composição dos cartões do TAT oferece uma multiplicidade de solicitações latentes que podem reativar as problemáticas adormecidas. A criança terá assim de responder por meio da desconfitualização a solicitações conflituais. Por último, a criança é também convidada a contar cenas que se passam entre adultos, o que remete para a reativação da cena primitiva. Ora, quanto mais recente for a entrada no período de latência mais difícil será para a criança negociar a excitação proveniente do TAT (Boekholt, 2000).

Solicitações latentes dos cartões do T.A.T. No cartão 1 é solicitada, geralmente, uma identificação com um indivíduo jovem em situação de maturidade funcional, no sentido em que está a ser confrontado com um objeto que pode ser considerado como objeto de adulto. Por forma a compreender se a criança pode ser representada como “capaz de utilizar o instrumento” é necessário que esta e o violino sejam vistos na sua integridade (representação humana não defeituosa e objeto não partido nem estragado). Para além da capacidade do sujeito de situar inteiro face a um objeto inteiro, importa averiguar o reconhecimento, ou não, da angústia de castração (problemática central deste cartão) não só em termos de potencia/impotência, como em termos acesso à fruição. Se tal se verificar, surgirá o reconhecimento da imaturidade atual da criança e a possibilidade dela se distanciar num projeto identificatório com um jogo possível entre posições ativas e/ou passivas que se referem à bissexualidade psíquica (Shentoub & col., 1999).

No cartão 2 é solicitada uma relação triangular, podendo haver reativação do conflito edipiano. A diferenciação efetiva entre as personagens é representativa de uma identidade estável. O reconhecimento do laço unificador do casal que se encontra em segundo plano é normalmente sustentado por fantasmas da cena primitiva mais ou menos elaborados. O conflito surgirá entre os desejos e as defesas, sendo a rapariga portadora de um duplo movimento pulsional: desejos libidinais relativamente ao homem versus pulsões agressivas em relação à mulher. Poderá surgir também a evocação de uma certa nostalgia e tristeza pela perda dos objetos de amor. Este afeto modulado é passível de marcar o peso dos interditos ligados ao incesto (Shentoub & col., 1999).

O cartão 3BM reenvia para uma problemática de perda de objeto, colocando em questão a elaboração da posição depressiva. Num registo neurótico, o conflito dar-se-á entre o desejo e os interditos superegoico que ameaçam o laço de amor com as figuras parentais. A depressão surge associada ao sentimento de culpa e o medo inconsciente da retaliação.

Coloca-se a questão se será possível sentir a depressão, havendo posteriormente projeção no futuro de um trabalho de luto, ou contrariamente, se surgirá o fantasma da sobrevivência impossível. Por outro lado, a identidade sexual e a idade da personagem representada é vaga (Shentoub & col., 1999).

O cartão 4 remete para o conflito pulsional no seio de uma relação heterossexual, podendo umas das personagens ser portadora de movimentos agressivos e/ou libidinais. Este cartão é o que mais fortemente representa o dualismo pulsional, todavia é importante o surgimento da ambivalência na relação. A presença de uma terceira personagem pode acentuar a dupla conflitualidade da problemática edipiana: atração pela personagem do sexo oposto e rivalidade com a personagem do mesmo sexo. A diferença de sexos está claramente estruturada, tal como nos cartões 6BM, 6GF e 7 BM (Shentoub & col., 1999).

No cartão 5 é suscitada uma figura materna que penetra e olha, podendo ser vivenciada como uma instância superegoica que vem surpreender uma cena transgressiva (pulsão voyerista e interdito superegoico). A par de uma problemática edipiana relativamente elaborada, poderá surgir conflitos expressos em termos de agressividade e interdito, assim como de desejos e de culpabilidade (Shentoub & col., 1999).

Os cartões 6 e 7 reenviam para as relações com as imagos paternas e maternas no seio de uma problemática edipiana. O cartão 6 BM remete para uma proximidade mãe-filho num ambiente de mal-estar, havendo o interdito da aproximação edipiana pela diferença de gerações manifesta. Os afetos, principalmente a tristeza, quando reconhecidos remetem com frequência para o luto do pai, podendo esta evocação ser sustentada por um fantasma do parricídio. Perante uma problemática edipiana minimamente elaborada surge a ligação entre a agressividade e os afetos ternos, sendo a tristeza dos lutos partilhada que aproxima dos dois parceiros. No Cartão 6 GF é suscitado o fantasma da sedução, sendo colocada à prova a capacidade de integração da identificação feminino no seio de uma relação de desejo. O cartão 7 BM remete para a proximidade pai-filho numa situação de reticência do filho. O conflito deverá ocorrer em torno de uma proximidade entre estas personagens revelando movimentos pulsionais agressivos (os mais frequentes) ou libidinais (Shentoub & col., 1999).

No cartão 8 BM surge uma imagem que pode reativar a angústia de castração e/ou agressividade em relação à imagem paterna. Ao nível dos processos de identificação torna-se importante perceber se a posição assumida é ativa ou passiva. Quanto à problemática edipiana, esta permite solicitar ao mesmo tempo a representação de um conflito e os afetos ambivalentes que lhe estão associados (agressividade versus amor). A reparação da imagem

paterna é também um fator fundamental a ter em conta perante o manejo da agressividade e da libido (Shentoub & col., 1999).

O cartão 9 GF solicita uma problemática identitária, sendo importante averiguar a existência, ou não, de diferenciação entre as personagens femininas. Para além disso, surge também a questão da identificação sexual feminina. Ao nível da problemática edipiana manifesta-se a rivalidade entre duas mulheres quer pela introdução de um terceiro elemento masculino que não consta no cartão (sedução e rivalidade), quer pela introdução da distinção de gerações entre mãe-filha (interdito superegoico e rivalidade) (Shentoub & col., 1999).

No cartão 10 o conteúdo latente remete uma proximidade de tipo libidinal num casal, sendo as personagens representadas com uma parte dos rostos na sombra, o que requer *a priori* uma representação inteira da imagem corporal. A ambiguidade da imagem do cartão permite também a ocorrência de diferentes interpretações em relação ao sexo das personagens, podendo o sujeito identificar um casal heterossexual ou homossexual. É importante também averiguar se há reconhecimento da ligação sexual entre os dois parceiros ou se surgem defesas importantes para lutar contra esta representação. A elaboração e o declínio do conflito edipiano passam pela ligação entre a ternura e a sexualidade. O conflito poderá aparecer através da evocação da curiosidade sexual ligada a fantasmas da cena primitiva à às relações do casal parental (Shentoub & col., 1999).

O cartão 11 remete simbolicamente para a mãe arcaica, reativando materiais psíquicos de ordem pré-genital. O não reconhecimento da angústia suscitada pelo cartão constitui um índice patológico em todos os casos. Assim sendo, é colocada à prova a capacidade do sujeito de elaborar a angústia pré-genital. Num contexto de funcionamento neurótico poderá ser realizada uma secundarização efetiva dos fantasmas arcaicos através do deslocamento, condensação e simbolização (Shentoub & col., 1999).

No cartão 12 BG o aspeto figurativo e familiar do material atualiza as capacidades elementares de diferenciar o mundo interno do externo, remetendo também para as experiências pré-genitais agradáveis. A elaboração da posição depressiva é averiguada neste cartão pela capacidade do sujeito em reconhecer a ausência do objeto sem contudo temer a sua perda. Por outro lado, as polarizações narcísicas podem ser intensamente solicitadas como forma de prevenir qualquer irrupção pulsional, perante a problemática de perda e de abandono. Quanto ao contexto edipiano, é importante verificar se as representações são desconfitualizadas, ternas ou erotizadas (Shentoub & col., 1999).

O cartão 13 B (tal como o 3 BM e o 12 BG) reativa a posição depressiva, colocando a prova a capacidade de elaboração desta. Aqui surge uma solicitação à solidão e imaturidade funcional num contexto de precaridade do simbolismo materno. Estas podem ser transcritas em termos de fantasmas da cena primitiva ou em termos da dimensão depressiva e abandonada relação mãe-criança. É esperado que surjam os afetos depressivos associados a representações de perda devido à reativação da angústia de separação e de perda do objeto (Shentoub & col., 1999).

O cartão 19 reenvia para uma problemática pré-genital através da evocação de um continente que permite a projeção do bom e do mau objeto. Há também um incitar à regressão e à evocação de fantasmas fobogénicos. O mar e a neve remetem implicitamente para a imago materna. Aqui torna-se importante averiguar se o o sujeito é capaz de delimitar o dentro e o fora e evocar um bom continente, evocando ao mesmo tempo experiências positivas e negativas, através da clivagem do bom e do mau objeto (guardar o bom no interior e expulsar o mau para o exterior) (Shentoub & col., 1999).

O último cartão (16) implica uma multiplicidade de solicitações. Não obstante, reenvia principalmente para o modo como o indivíduo estrutura os seus objetos internos privilegiados e a relação estabelecida com estes. A dimensão transferencial da situação é intensificada pelo facto de o cartão ser o último e não ser também figurativo (Shentoub & col., 1999).

A Aplicação do T.A.T. A aplicação da prova projetiva em questão é realizada num só momento e a instrução fornecida ao sujeito é específica: “Imagine uma história a partir de cada imagem” (Delgado, 2011; Shentoub & col., 1999). Há cartões aplicados comumente a todas as pessoas (1,2,3 BM, 4, 5, 8 BM, 10, 11, 12 BG, 13 B, 19 e 16) e outros exclusivos para raparigas (6GF, 7GF e 9GF) e para rapazes (6BM, 7 BM). A ordem dos cartões tem de ser respeitada, sendo o cartão 16 o último a ser aplicado. Os primeiros cartões são mais estruturados, mais figurativos e representantes de personagens sexuadas, enquanto os últimos (11,19 e 16) não reenviam para objetos bem definidos (Shentoub & col., 1999).

Nesta prova é medido quer o tempo de latência (desde que é entregue o cartão ao sujeito até dar alguma resposta), quer o tempo total de cartão (desde a apresentação do cartão até ao fim do relato). Tais dados não são interpretados ao nível da eficiência ou realização, mas sim como forma de demonstrar maior/menor reatividade ou inibição pelo sujeito (Shentoub & col., 1999).

O discurso do sujeito é transcrito fielmente (na medida do possível) uma vez que a interpretação do T.A.T. é elaborada a partir da análise formal do relato (Delgado, 2011).

Análise do T.A.T. A análise e a interpretação dos dados obtidos pela aplicação da prova supracitada irão seguir os pressupostos da escola Psicanalítica Francesa. Assim, irá ser realizada a codificação dos procedimentos de elaboração do discurso com a utilização da *Folha de Análise do T.A.T* (Anexo A) recentemente modificada por Brelet-Foulard e Chabert (2003; cit. por Delgado, 2011, p.187- 189) e originalmente criada por Shentoub (1999, p.84-85). Estes procedimentos remetem para as modalidades de tratamento dos conflitos reativados pela apresentação do material. Irão também ser referenciadas as problemáticas abordadas face aos cartões (Shentoub & col., 1999), tendo em conta principalmente as questões de investigação levantadas para a presente dissertação.

Procedimento

A primeira tentativa de contacto com as famílias homoparentais foi realizada no mês de Dezembro de forma mais geral e indireta por correio eletrónico, redes sociais e fóruns de associações ou organizações portuguesas ligadas às questões de orientação sexual. Assim, foram contactadas a associação ILGA Portugal, a associação Rede ex-aequo, a associação Opus Gay, a associação Rumos novos, o portal Portugal Gay.Pt, a associação Amplos Bring Out, a associação Clube Safo, o coletivo de ativistas Caleidoscópico LGBT e a associação a CASA (Centro Avançado de Sexualidades e Afectos).

Posteriormente, diversas associações divulgaram o pedido de colaboração (Anexo B) pelas suas redes de contactos (Portugal Gay.pt, Opus Gay, Amplos Bring-Out, Rede Exe-quo e Rumos Novos).

A segunda tentativa de contacto com as famílias em questão foi realizada no mês de Janeiro de forma mais específica e focalizada. Enviou-se, assim, um e-mail à atual Presidente da ILGA Portugal, tendo-se obtido resposta num curto espaço de tempo. O pedido de colaboração foi então colocado pela Presidente da associação no fórum das Famílias Arco-íris (famílias homoparentais da ILGA Portugal) e na página oficial da ILGA Portugal no Facebook. No dia seguinte, obteve-se resposta por parte da mãe das crianças que constituem atualmente a amostra. De seguida, foi estabelecido contacto por via telefónica. Neste contacto explicaram-se sinteticamente os principais objetivos e ideias do estudo, foram esclarecidas

todas as questões colocadas e por conseguinte fornecida a autorização para posterior recolha da amostra.

Em paralelo contactou-nos via e-mail um pai gay da área de Lisboa através do Fórum da ILGA e um pai gay da área do Porto. Após contacto telefónico com cada um destes pais foi-nos dada a informação que os seus filhos eram provenientes de relacionamentos heterossexuais prévios, o que não ia de encontro às características amostrais pretendidas para este estudo.

A recolha da amostra realizou-se, então, no mês de Abril de 2015 na residência das crianças. Em primeiro lugar, entrevistou-se brevemente a mãe B. Foi-lhe entregue o documento do “Pedido Formal de Colaboração” e esclarecidas todas as dúvidas que iram surgindo. De seguida, aplicou-se o T.A.T. à Lara, tendo sido realizadas algumas questões pré e pós-aplicação da prova (Anexo C). Por último, procedeu-se de modo equivalente em relação ao Duarte (Anexo D).

Resultados

Lara, 10 anos

No primeiro cartão, Lara acede ao conteúdo latente e os procedimentos dominantes são CI-1 e CI-3. A situação da prova é sentida com alguma irrequietude, possivelmente pela imprevisibilidade e não familiaridade da situação. O pedido de ajuda, os silêncios, a inibição e os comentários, parecem revelar a dificuldade sentida no início da aplicação. Há uma identificação com um jovem numa situação de imaturidade funcional e o confronto com a realidade é alterado surgindo um erro perceptivo em relação ao objeto adulto. Há diferenciação de sexos e a história é conflitual mas sem resolução da problemática. Por outro lado, parece surgir uma castração como limitação que impossibilita o acesso à fruição e ao prazer. O desejo não parece encontrar aqui um lugar de força no espaço psíquico e o sentimento de impotência permanece manifestando-se através do tédio. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 2, a história inicia e termina do mesmo modo restritivo, surgindo novamente uma necessidade de suporte anaclítico. Não há acesso ao conteúdo latente, havendo um distanciamento da problemática do cartão através do afastamento temporal. O isolamento também predomina. O procedimento principal é CI-1. A temática descrita é aconflitual, sem afetos e sem relações. As personagens são anónimas, sem definição identitária, sendo distinguidas pelo sexo e pela ação a ser realizada. Não há diferenciação de gerações e não foi possível verificar a escolha do objeto sexual, nem os processos de identificação. Pelo não reconhecimento de um laço entre as personagens, não surge então a encenação de uma problemática edipiana. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 3, a Lara inicia de imediato a história e acede ao conteúdo latente. A história é conflitual, sendo o conflito movimentado para o exterior e não solucionado. Os procedimentos principais são CI-2 e CI-1. A personagem não apresenta uma identidade de género definida e esconde-se tapando somente a cara. Não foi possível verificar os processos de identificação e não houve diferenciação de gerações e sexos. A posição depressiva não é elaborada, o tema usual é evitado, surgindo um objeto persecutório como defesa contra a angústia depressiva. A agressividade é, assim, projetada para o exterior e o perigo (ataque) é sentido como oriundo do objeto externo. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 4 o procedimento dominante (e único) é CI-1. Não foi possível verificar a escolha do objeto sexual nem se houve acesso ao conteúdo latente. Isto é, houve possivelmente reconhecimento de uma relação erótica (riu-se), contudo censurada de

imediate. As personagens são anónimas e não há diferenciação de gerações e sexos. A restrição e os silêncios parecem ser uma manifestação da angústia sentida perante a problemática do cartão, havendo assim uma recusa em abordar os movimentos libidinais (e/ou agressivos) e em aceder ao conflito pulsional no seio de uma relação heterossexual. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 5 a Lara acedeu ao conteúdo latente e o procedimento dominante é CI-1. A história parece condensar ao mesmo tempo a pulsão *voyerista* e o interdito superegoico (conflito intrapsíquico numa problemática edipiana), no sentido em que surge uma figura materna que verifica algo. Parece haver também uma alusão à cena primitiva (abordada com muita precaução) pela encenação ocorrer de noite. Seguindo, então, a lógica de que as pulsões sexuais se manifestam à noite, hipostasia-se uma figura materna controladora das pulsões. Há diferenciação de gerações e sexos e não foi possível identificar os processos de identificação. A Legibilidade é 3 (-+).

No cartão 6 GF há acesso ao conteúdo latente e os procedimentos dominantes são B2-2 e CI-1. As personagens da história são distinguidas pelo sexo e o afeto torna-se pesado (de surpreendida para assustada), o que parece remeter para uma atemorização face à solicitação do desejo. A figura masculina assume uma conotação persecutória. Há uma identificação à figura feminina. Não foi possível verificar a escolha do objeto sexual. A legibilidade é do tipo 2 (+-).

No cartão 7 GF não há acesso ao conteúdo latente e o tempo de latência aumenta significativamente. A história é aconflitual e o procedimento dominante é CN-5. Numa resposta criativa e original surge a relação especular como forma de fugir à imaturidade funcional. A identificação é portanto especular e não há diferenciação de gerações. Esta indiferenciação eu-outro poderá ser também uma estratégia para fugir à rivalidade feminina. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 8 BM, de forma inicialmente inibida (tempo de latência ligeiramente longo) a Lara acede ao conteúdo latente, isto é, aos impulsos agressivos. No entanto, a temática elaborada não é a usual/banal. Os procedimentos dominantes são CI-1 e CI-2. Há diferenciação de sexos e identificação com a figura feminina seguida de um desdobramento desta. Neste sentido, colocam-se duas hipóteses que podem ser complementares e não necessariamente antagónicas. Por um lado, parece surgir um desdobramento como forma de minimizar a agressividade dirigida à figura materna (matricídio). Ou seja, uma estratégia para amenizar o sentimento de culpa e o medo de danificar o objeto. A arma (objeto manifesto) é

escotomizada possivelmente como tentativa de mitigar o aparecimento das pulsões agressivas. A segunda hipótese remete para o surgimento da dissociação como defesa perante a agressividade da figura masculina que, por sua vez, se manifestou persecutória em cartões anteriores. Neste sentido, a agressividade parece estar virada para si pois são as figuras femininas (indiferenciadas) o alvo desta. Independentemente das hipóteses colocadas, o fantasma da agressividade parece invadir o aparelho psíquico, o que se manifesta pela paragem abrupta no discurso. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 9 GF, não há acesso ao conteúdo latente e surge uma relação conflitual de mesmidade. Há uma identificação à figura feminina, os procedimentos dominantes são o CI-2, A3-1 e A2-3. Há diferenciação de sexos e não de gerações. As duas personagens femininas são colocadas a irem observar “qualquer coisa”, sem existência de rivalidade. Tal pode ser um modo defensivo para estancar uma fantasia, talvez até de teor erótico. Isto é, uma tentativa de camuflar a sexualidade entre as mulheres. De facto, ao pensar acerca do que as personagens femininas poderiam estar a ver surge uma paragem no discurso, provavelmente por ter pensado em qualquer coisa que não sentiu como apropriada. De seguida, ocorre um hiperinvestimento na realidade objetiva, possivelmente associado à necessidade de controlo da curiosidade e dos impulsos sexuais. Por último surge a denegação a par do pensamento acerca do que é que as figuras femininas poderiam estar a ir ver. O facto de ter havido uma inibição por motivos ansiogénicos, seguida de uma descrição do material, leva-nos a hipostasiar que a Lara não se permite abordar (ou ter consciência) temáticas ligadas à sexualidade. Possível manifestação do recalcamento. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 10, o tempo de latência aumenta bastante e há acesso ao conteúdo latente. A relação abordada é de carácter libidinal e as personagens não apresentam identidade sexual diferenciada. Imediatamente após a colocação do casal numa relação erotizada surge a inibição e o apelo ao clínico como forma de se defender da sexualização de relação. Parece também haver uma pré-consciência do recalcamento e culpabilidade relativamente à cena primitiva. Não foi possível verificar os processos de identificação nem a escolha do objeto sexual. Não há diferenciação de gerações, nem de sexos. A legibilidade é do tipo 2 (+-).

No cartão 11 a Lara acede ao conteúdo latente e o procedimento dominante é A3-1. O anonimato manifestado através de um aglomerado de pessoas parece deixar transparecer uma preocupação com o aspeto desorganizado. Não se conseguiram determinar os processos de identificação e não há diferenciação de gerações e sexos. A história desenrola-se com algumas precauções e investimento na realidade objetiva, terminando com uma temática de medo e

perigo, sem resolução. Parece que a curiosidade sexual está intrinsecamente associada a uma fantasia de perigo perante a regressividade imposta por este cartão. Há portanto uma estruturação moderada perante angústia pré-genital sem resolução do conflito. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 12 há acesso ao conteúdo latente e os procedimentos dominantes são A3-1 e A1-1. Através de uma descrição com apego ao conteúdo manifesto põe à distância a ausência do objeto. Surge uma captação de bom continente pela tranquilidade, a serenidade, do ponto de vista estético. Assim como também uma boa diferenciação entre interno/externo. Toda a história corresponde a um “pôr em quadro” e idealização, pelo facto de não haver movimento, tudo é estático e imobilizado – ausência relação. Não foi possível verificar os processos de identificação. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 13 a Lara acede ao conteúdo latente e identifica-se com uma criança pobre numa situação de desamparo e solidão. Há um distanciamento da personagem da história através da diminuição da sua idade (“criança pequena”). O procedimento dominante é CI-1. Há elaboração da posição depressiva e não há diferenciação de sexos. A história termina com recurso a um mecanismo antidepressivo. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 19 há acesso ao conteúdo latente e os procedimentos dominantes são A3-1 e CN-4. A história parece revelar um mundo interno repleto de pulsões (“cidade cheia de fábricas e lojas”) mas que rapidamente se torna pouco povoado (“sitio onde não vive muita gente”). Esta labilidade verifica-se também na mudança de “gelo e neve” para um “incêndio”. Surge também uma alusão ao interior feminino (“cidade feita numa montanha”). Há uma estruturação da angústia pré-genital embora o mundo psíquico fique reduzido a poucos objetos internos e ser colocado a temperaturas extremas e opostas (clivagem). A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No último cartão (16), Lara acede ao conteúdo latente e a história contada é bastante criativa. Os procedimentos dominantes são o A2-2 e o CN-1. Perante o confronto com o vazio (com a finitude) defende-se da angústia suscitada através da intelectualização. Há alguma porosidade entre os limites eu-outro (interno/externo) pelo facto de rapidamente deixar de utilizar o cartão para fantasiar e falar sobre si, sobre as suas ideias. Não obstante, surge uma espontaneidade positiva perante o mistério que é o universo, o conceito de infinito e o finito. Lara demonstra ser capaz de “mergulhar dentro de si”, fantasiar e refletir sem se desorganizar ou angustiar. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

Duarte, 12 anos

No cartão 1, a história é marcada pela inibição, sendo que a ansiedade sentida no início da prova manifesta-se também pelo pedido de ajuda ao clínico. A autocrítica irrompe após os silêncios prolongados. Há diferenciação de sexos e o procedimento dominante foi CI-1. O conflito não é definido e a personagem (figura masculina jovem) está a observar algo não definido, sendo que não reconhece ou não identifica o objeto de adulto. Há uma identificação à situação do “miúdo” (situação transferencial) na medida em que o Duarte também não sabe que mais pensar quer em relação à imagem do cartão, quer em relação à pessoa que lhe aplica a prova e lhe é desconhecida. A narrativa termina assim sem resolução e com o jovem a pensar. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 2 a história inicia-se com entrada direta no discurso e acento posto no factual. As figuras femininas inicialmente não são distinguidas pela geração mas situadas no espaço como forma de as diferenciar. A figura masculina surge erotizada. Os procedimentos dominantes são A1-1, A3-1 e CI-1. De facto, a série A foi predominante, o que demonstra o controlo exercido sobre as pulsões. A descrição do conteúdo manifesto e as precauções verbais percorrem a narrativa em diversos pontos. Para além das inibições ocorridas ao longo do discurso, surge também a desvalorização narcísica. Posteriormente ocorre a diferenciação de gerações e de sexos, surgindo uma abordagem à triangulação que é imediatamente anulada pelo isolamento. Apesar da identificação dos elementos constituintes da tríade, as personagens não estão em relação, ou em conflito edipiano, mas sim isoladas entre elas, sem ligação afetiva. Parece haver também um certo impedimento em aceder à temática da gravidez, possivelmente pela dificuldade sentida em relação à cena primitiva. A Legibilidade é do tipo 2 (+-).

No cartão 3 a história é conflitual e inicia-se pela dúvida e anonimato de uma personagem que manifesta um comportamento de tristeza. Esta personagem é transformada numa figura feminina devido a pormenores extrínsecos (“sapatos e ter coisas até aqui”). Surge também a sensação de sufoco pelo facto de a personagem ter “coisas até aqui”, que poderá remeter para os conteúdos internos que Duarte não partilha e começa a ficar “sufocado”. Ao longo da história surge a inibição (silêncios e paragens no discurso) como forma de isolar as representações dos afetos e são fornecidas referências espaciais concretas. Os procedimentos dominantes são A3-1 e CI-1. Há diferenciação de sexos e uma identificação à figura feminina. Apesar de ter acedido aos afetos depressivos e de haver uma fantasia de tentativa de suicídio (autoagressividade), não houve resolução ou reparação da angústia depressiva. O facto de a

personagem estar a chorar em cima de uma pedra pode remeter para uma falta de continente de afeto (frieza) e incapacidade em se sentir reconfortado. A Legibilidade é do tipo 2 (+-).

No cartão 4, através de uma fuga para a frente Duarte entra diretamente na expressão, colocando as personagens numa relação erotizada. No entanto, surge a inibição e a dúvida. Apesar de aceder ao conteúdo latente, rapidamente evita a conflitualidade suscitada através do distanciamento temporal. Surge também um detalhe narcísico associado à representação negativa do objeto. Os procedimentos dominantes são A3-1, CI-1 e A3-4. Há diferenciação de sexos e inclusão de uma terceira personagem inicialmente anónima e posteriormente identificada como um elemento feminino. Contudo, não integra este elemento na história, devido ao isolamento das representações. O casal apresenta uma situação de não sintonia e de não reciprocidade em que a mulher centra a sua atenção no homem que, por sua vez, olha para uma direção diferente. Esta conflitualidade é colocada de modo vago e indefinido, terminando em inibição e na descrição de detalhes em redor da terceira personagem da história. Possivelmente como forma de desviar a atenção do casal para outra situação. A descrição das posturas e dos comportamentos das personagens toma o lugar dos afetos. A Legibilidade é do tipo 2 (+-).

No cartão 5 a história (aconflitual) inicia-se com entrada direta na expressão e acesso ao conteúdo latente através de uma descrição banal e vaga. Surgem várias precauções verbais e o anonimato de uma segunda personagem que não figura na imagem. A descrição dos detalhes parece surgir como forma de justificar aquilo que se permite por vezes imaginar. Os procedimentos dominantes são A3-1, A1-1 e CI-1. Há diferenciação de sexos e de gerações. Duarte parece identifica-se com uma figura indefinida e anónima. A figura superegoica é desvalorizada narcisicamente podendo ser uma tentativa de minimizar a sua força invasora da psique e controladora das pulsões. A Legibilidade é do tipo (2+-).

No cartão 6 surge uma história conflitual marcada fortemente pela descrição dos detalhes do conteúdo manifesto, pelas precauções verbais e ruminação em redor das características externas das personagens. Apesar desta estratégia defensiva fóbico-obsessiva, progressivamente surge o acesso ao conteúdo latente. Também são trazidos para a descrição alguns detalhes narcísicos, ligados à idealização da representação de si e do objeto. Surge a expressão de afetos, mas também a evocação destes através da interpretação de uma atitude corporal (postura significativa de afetos), o que remete para investimento narcísico. Os procedimentos dominantes são A3-1, A1-1, CI-1 e CN-3. Houve diferenciação de sexos e de gerações. A história termina com o emergir das pulsões agressivas e dos afetos depressivos na

consequência do parricídio. Embora não ocorra a manifestação direta da culpa, esta parece estar implícita ao discurso através das inibições e silêncios que foram surgindo. Pela rivalidade com a figura masculina, acesso à triangulação (mãe, pai e filho) e manifestação indireta da culpa, considera-se o acesso à problemática edipiana. Não há manifestação da culpa embora possa estar subjacente ao discurso. A Legibilidade é do tipo 1 (+).

No cartão 7BM a história é conflitual e oscila entre um certo investimento na relação e a precaução verbal. Assim os procedimentos dominantes são A3-1 e B1-1. Acede portanto ao conteúdo latente, percebendo uma proximidade pai-filho num contexto de oposição do filho. A energia pulsional agressiva foi mobilizada nesta relação. No entanto parece haver uma atribuição da agressividade ao filho que fica obliterada pela descrição do conteúdo manifesto e pela inibição. A culpa manifestada nesta relação pai-filho remete para a angústia de castração (problemática edipiana). Há diferenciação de sexos e gerações e uma identificação à figura masculina mais nova. A Legibilidade é do tipo 2 (+-).

No cartão 8BM a história é conflitual e inicia-se com a identificação a uma figura feminina (personagem do 1º plano) e uma personagem anónima que é recetora das pulsões agressivas. A figura feminina é transformada numa figura masculina, o que parece revelar alguma instabilidade da identidade sexual. A personagem anónima ganha o formato da figura materna. Apesar da utilização excessiva da descrição do conteúdo manifesto e apego aos pormenores, Duarte acede ao conteúdo latente de modo sublimado e original (ou não tradicional) dirigindo as pulsões agressivas para a figura materna. Assim, em vez de parricídio surge o matricídio. Não obstante, surge uma tentativa de retirar a agressividade da relação com a figura materna pela escotomização da arma (objeto manifesto). O desfecho da narrativa não é positivo mas a agressividade é disfarçada com procedimentos de reparação. A culpa inerente ao discurso não é atribuída a ninguém, mas sim à situação que está a correr mal. A história termina de forma inibida. Os procedimentos dominantes são A3-1 e A1-1. A Legibilidade é do tipo 2 (+-).

No cartão 10 inicialmente surge uma recusa em aceder ao conteúdo latente. Apesar das estratégias defensivas (dúvida e anonimato das personagens) manifesta-se uma sensibilidade ao carácter sombrio do cartão através do acento posto na qualidade sensorial (investimento narcísico). Pelo simbolismo transparente surge o acesso ao conteúdo latente, verificando-se uma relação libidinal entre duas figuras masculinas. As figuras masculinas não manifestam afetos entre elas e são justificadas pela descrição do detalhe da aparência externa (cabelo curto) A relação homossexual parece revelar um excluir da diferença através da relação

especular e também uma defesa contra a cena primitiva. Por outro lado, esta relação homossexual pode ser considerada como uma manifestação de um Complexo de Édipo negativo. Há diferenciação de sexos, mas não de gerações (o que é normativo neste cartão). Os procedimentos dominantes são A3-1 e B3-2. A Legibilidade é do tipo 2 (+-).

No cartão 11 surge uma história conflitual que se inicia com anonimato da personagem e descrição dos pormenores da imagem. As precauções verbais e o apego ao conteúdo manifesto predominam ao longo da narração. Esta narrativa, por sua vez, vai-se tornando cada vez mais perigosa (angústia persecutória aumenta), o que é visível pela utilização excessiva da estratégia defensiva do tipo obsessivo (referência à realidade externa). Assim, a personagem primeiramente fica à beira de um abismo, sendo a angústia travada pelo isolamento entre as representações. De seguida, é colocada uma ponte que poderia salvá-la. Contudo, ocorre uma derrocada e o surgir de um “bicho” (mau objeto). Ocorre a tentativa de controlar a angústia sentida pela descrição pormenorizada desse “bicho”. Não resultando ocorre uma clivagem do eu, em que uma parte foge do mau objeto e outra que paralisa e fica curiosamente a olhar. Este olhar transforma-se numa intelectualização (estudar o monstro) como modo de retirar o sentir angustiante do medo e dos fantasmas aterrorizadores. Ao familiarizar-se com estas emoções pelo pensamento surge a diminuição do desprazer que estas proporcionam. Por fim, para cessar e limitar a angústia pré-genital é colocada uma barragem (isolamentos dos afetos). Ao mesmo tempo, esta barragem poderá ser vista também como algo que impede a fuga. Há acesso ao conteúdo latente e os procedimentos dominantes são A3-1 e A1-1. A legibilidade é do tipo 2 (+-).

No cartão 12 a história é iniciada com uma fuga para a frente e uma descrição detalhada da imagem do cartão. Apesar da descrição e da imobilização da projeção (pôr em quadro), surge uma narração mais calorosa, com mais afetos. Pela descrição da paisagem parece haver uma certa erotização da relação (“cheia de flores”, “cheio de vegetação”). Perante a problemática da solidão reenviada pelo cartão surge a colocação de objetos no mundo interno. A figura tutelar é desvalorizada narcisicamente. Há acesso ao conteúdo latente e os procedimentos dominantes são A3-1 e A1-1. A Legibilidade é do tipo 3 (-+).

No cartão 13 a história inicia-se de imediato (fuga para a frente) com uma precaução verbal e identificação de uma figura masculina de menor idade associada a um mundo objetal desértico (vazio interno). O menino parece estar a olhar “cá para fora” por forma a não olhar para o vazio, como forma de se distanciar da angústia depressiva. Accede então ao conteúdo latente, tentando defender-se da angústia sentida através da referência à realidade externa,

apegando-se aos pormenores da imagem. O “miúdo” (alguém mais anónimo) transforma-se num menino “pequenino”, o que remete para alguém mais fragilizado. A história não ocorre de noite possivelmente porque o menino “pequenino” teria medo (do vazio da solidão) e por isso olha outra vez para fora da casa (para fora do mundo interno). A dúvida e a ruminação predominam o desenrolar da história, numa tentativa de compreender (através da racionalização) a angústia de perda sentida pelo abandono dos pais. É importante salientar a substituição da solidão pelos pais ausentes. Por outro lado, os pais são introduzidos na história como não estando com o menino e estando a “passear”. Tal parece ser uma alusão à cena primitiva em que as figuras parentais mantem uma relação de exclusividade donde o filho não pode fazer parte. Ocorre também uma desvalorização narcísica do objeto que pode ser interpretada como uma crítica ao continente materno. Por fim, como forma de cessar a angústia sentida, Duarte distancia-se da problemática através da defesa narcísica de imobilização (pôr em quadro) e da defesa obsessiva de afastamento temporal. Reforça a crítica negativa realizada anteriormente ao objeto, possivelmente como defesa contra o sentimento de rejeição (relação exclusiva das mães), isto é, rejeita/desvaloriza para não ser rejeitado. Os procedimentos dominantes são A3-1 e A1-1. Há diferenciação de sexos e gerações. A legibilidade é do tipo 2 (+-).

No penúltimo cartão (19) a história inicia-se com uma entrada direta na expressão e uma descrição pormenorizada do conteúdo manifesto. A par das precauções verbais e pela lógica do concreto vão surgindo descrições de ordem sensorial (investimento narcísico) que remetem para a angústia depressiva pré-edípiana (ele sozinho ao frio). Há portanto acesso ao conteúdo latente e uma delimitação entre o dentro e fora, colocando ambiente inóspito (maus objeto) no exterior e alguém abrigado/protegido desta gélida temperatura (bom objeto). Todavia parece que o Duarte se coloca do lado de fora da casa, estando no frio (sem afetos) e desprotegido. Os procedimentos dominantes são A1-1, A3-1 e CN-4. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

No último cartão (16), a história inicia-se com um movimento antidepressivo relativamente ao branco do cartão. Pela precaução verbal acede ao conteúdo latente e refere um sítio “frio” sem afetos. Possivelmente existe na psique de Duarte um núcleo depressivo sem qualquer possibilidade de ser aquecido. O investimento narcísico manifestou-se nesta história pelo acento posto na qualidade sensorial (frio, neve, gele). O procedimento dominante foi portanto CN-4. A legibilidade é do tipo 3 (-+).

Discussão e Reflexão

O protocolo do TAT de Lara é marcado principalmente pelo evitamento do conflito através da inibição (tendência geral à restrição e anonimato de personagens), mas também por alguma rigidez através da utilização de procedimentos de tipo obsessivo (precauções verbais). As primeiras respostas revelaram um grau moderadamente elevado de ansiedade, alguma dificuldade em aceder ao conteúdo latente e também um forte recalçamento relativamente às temáticas de cariz mais sexual. No entanto, a partir do cartão 10 as narrativas revelam uma maior fluidez ao nível do conteúdo e do discurso e surge pela primeira vez uma relação libidinal/erotizada. Manifestou-se também uma maior liberdade ao nível do pensamento, da fantasia e da criatividade, como consequência do enfraquecimento deste recalçamento. No último cartão Lara divaga reflexivamente sobre temáticas existenciais sem se desorganizar ou angustiar.

Ao longo das várias histórias desenvolvidas pela Lara foi possível identificar alguns interditos relativamente ao acesso à fruição (cartão 1) e às relações erotizadas (cartão 4, cartão 6, cartão 9 cartão 10). De facto, parece haver uma visão perigosa da figura masculina (cartão 4, cartão 6, cartão 8BM) e uma forte repressão face às pulsões libidinais. Não obstante, é possível identificar algumas alusões à cena primitiva (cartão 5, cartão 10 e cartão 11), incluindo a manifestação (fugidia) da curiosidade sexual (cartão 5, cartão 9 e cartão 11). A dificuldade em aceder às pulsões libidinais no seio de uma relação hetero ou homossexual, a par do interdito do desejo e da curiosidade sexual parecem congruentes com o período de latência em que se encontra a Lara. Durante este período ocorre uma dessexualização das pulsões e portanto um menor acesso às temáticas de cariz libidinal. Não obstante, é importante referir que a situação do TAT oferece uma pluralidade de solicitações latentes suscetíveis de reativar problemáticas supostamente adormecidas (Boekholt, 2000), tais como as problemáticas edipianas (interdito superegoico versus desejo) o que pode também justificar o surgimento das referidas interdições. Neste sentido, também a cena primitiva é comumente reativada pela situação TAT, sendo que a Lara não foi exceção. De facto, embora no período de latência, o complexo de Édipo esteja “adormecido”, a criança é convidada pela prova projetiva TAT a ver e contar cenas de adultos, o que corresponde a uma transgressão e reativação da cena primitiva (Boekholt, 2000). A cena primitiva é o protótipo do reconhecimento e a experiência da triangulação para ambos os géneros (Britton, 1989; Kulish & Holtzman, 2010) e a sua internalização permite à criança manter simultaneamente duas

ideias contrastantes na mente sem as fundir ou clivar (Klein,1928), assim como também a capacita a diferenciar os géneros e gerações de modo mais apurado (Britton, 1989). Tais características são fundamentais para a passagem da díade para a tríade e parecem ter sido desenvolvidas na Lara pela reativação da curiosidade sexual e alusão à figura superegoica.

Por outro lado, em certas narrativas os conflitos são eliminados, aparecendo por vezes figuras femininas indiferenciadas (cartão 7 e cartão 9). Esta aconflitualidade também parece corresponder ao período de latência. Este período é, portanto, marcado pela desconflitualização das representações de relações e o TAT leva a que a criança paradoxalmente tenha que responder pela desconflitualização a situações conflituais (Boekholt, 2000). Poderá então esta mesmidade das figuras femininas ser uma estratégia defensiva para fugir à conflitualidade e agressividade inerentes à rivalidade feminina? E/ou para camuflar a sexualidade entre duas mulheres? Segundo Kulish & Holtzman (2010) a menina apresenta muitas dificuldades em lidar de forma direta e aberta com a sexualidade e agressividade. Muitas vezes surgem sentimentos de culpa e ansiedade em relação ao sexo que por sua vez costuma ser percecionado como pertencente à mãe (ou neste caso às mães). Por outro lado, a menina apesar de ter desejos de competição com a mãe, vai associar esta rivalidade ao perigo de perdê-la, não sendo de todo o seu desejo. Este medo é bastante acentuado nas meninas. Assim sendo, terá Lara utilizado o desdobramento da figura feminina (cartão 8) como forma de diminuir o sentimento de culpabilidade perante o ataque das pulsões agressivas à figura materna? Esta hipótese parece confirmar-se pela escotomização da arma cujo intuito seria o anular da referida agressividade. Para Britton (1992) a rivalidade edipiana heterossexual e homossexual permite trabalhar a Posição Depressiva, sendo um dos pais o objeto de desejo e o outro o rival odiado. Em paralelo, esta dissociação do ego também pode ser uma estratégia defensiva em relação à agressividade relativa à figura masculina que, por sua vez, se tem apresentado como perigosa noutros cartões.

Relativamente aos processos de identificação, embora o anonimato das personagens domine a maioria das histórias parece haver uma identificação ao feminino. Não obstante, surgiu também uma identificação especular (cartão 7GF) o que parece corresponder a uma estratégia defensiva, como referido anteriormente. Segundo Heineman (2004) os processos de identificação são complexos e englobam quer os desejos incestuosos, quer identificações com ambos os pais, ou neste caso, com ambas as mães. Tal vai ao encontro da teoria Kleiniana, entre outros (Britton, 1989; Kulish & Holtzman, 2010), acerca da bissexualidade psíquica em que a criança se identifica com partes das figuras parentais, alternadamente. Lara

possivelmente oscilará entre as duas mães, identificando-se com aspetos múltiplos de cada uma. Uma das mães (provavelmente a biológica) assumirá o papel da figura materna primária para que ocorra a díade mãe-bebé e a identificação primária nos primeiros meses de vida da menina. A mãe “social” ou não-biológica assumirá o papel do “outro” para que seja possível a construção da relação triádica. Não obstante, as duas mães irão espelhar à menina a sua feminilidade desde o nascimento e ao longo do seu desenvolvimento. Hipostasia-se a mãe biológica como o objeto primário devido ao contacto físico inicial proveniente da amamentação. No entanto, o papel assumido por cada mãe possivelmente irá variar bastante entre as famílias homoparentais pelo facto de depender da posição que cada mãe assume na relação com o(s) seus(s) filho(s). De acordo com Stoller (1976) a capacidade (progressiva) da criança para sentir e fantasiar acerca da sua feminilidade/masculinidade depende das atitudes dos pais (neste caso das mães) em relação ao sexo do bebé e da sua capacidade para construir estas perceções. Estas atitudes, por sua vez, já são *a priori* influenciadas pela cultura dominante que detém determinada estrutura para cada categoria de género. Para além da influência socio-cultural, Stoller (1976) defende ainda a ideia de que todo o ser humano apresenta um núcleo de identidade de género (sentido que temos do nosso sexo), o que remete no caso da menina para uma aceitação primária desta.

Durante a infância é possível que também as duas mães se tenham disponibilizado como figuras de identificação (e também alvo de desejo sexual). Segundo Bleichmar (2010) a construção da feminilidade ocorre de múltiplas representações da mãe. Assim hipostasia-se que esta “mãe” possa ser a representação de diversas partes das duas mães. A criança irá, portanto, integrar dentro si pontos de similaridade, independentemente da orientação sexual das figuras parentais, enquanto estabelece a sua identidade (Heineman, 2004). Ademais, também as várias figuras significativas, como tios, irmãos, avós e amigos, contribuem para o aspeto intersubjetivo da feminilidade ao longo do desenvolvimento (Bleichmar, 2010).

É ainda importante referir que a Lara se identificou com um jovem numa situação de imaturidade funcional, contudo alterando percetivamente o objeto adulto (cartão 1), o que pode remeter para uma certa dificuldade em aceitar a sua posição infantil. Poderá esta estratégia ser uma manifestação de uma dependência combatida, como designa Boekholt, (2000), isto é, de uma não aceitação da dependência perante a figura adulta?

Quanto à escolha do objeto de desejo, esta não foi possível verificar, possivelmente devido à interdição manifestada ao longo de diversos cartões face aos conteúdos libidinais. Este interdito pode corresponder à falta de maturidade (limitação pela idade) ou ao medo da

excitação pulsional oriunda de uma relação libidinal (limitação na curiosidade sexual). Do mesmo modo que ambas as mães podem ser figuras de identificação, estas poderão também ser alvo de desejo sexual, alternadamente. O que vai ao encontro da perspectiva de Kulish & Holtzman (2010) em que a atenção e o interesse sexual da criança oscilam entre ambas as figuras parentais. Além disso, outros membros significativos da família (ou amigos das mães) poderão também disponibilizar-se como objetos sexuais e de identificação (Bleichmar, 2010), como referido anteriormente. As mães lésbicas podem oferecer uma multiplicidade de identificações na área da escolha do objeto sexual. As mães podem desejar que a sua menina seja diferente delas, ao mesmo tempo que estão abertas à possibilidade de ser semelhante a elas neste aspeto (Heineman, 2004).

No que diz respeito à posição depressiva, apesar de inicialmente ter surgido a angústia persecutória (cartão3), Lara acedeu aos afetos depressivos (cartão 13). Lara apresentou também uma boa diferenciação Eu/outro (Cartão 12 e cartão 19), não se tendo desorganizado perante as temáticas que remetiam para a angústia pré-genital e para a ausência do objeto (cartão 11, cartão 12, cartão 19 e cartão 16). Assim, considera-se uma boa capacidade de elaboração da posição depressiva, o que “abre caminho” para um desenvolvimento saudável do funcionamento psíquico, isto é, para uma futura estrutura de personalidade mais evoluída.

A elaboração da posição depressiva permite à criança ter a noção de que a mesma figura parental que é objeto de desejo numa versão é a figura parental odiada noutra (Britton, 1989). O mundo psíquico sofre uma disrupção e as experiências contrastantes (e.g. ideal versus persecutório; bom versus mau) passam a corresponder a uma única fonte. Esta (nova) visão do objeto permite também a entrada no Complexo de Édipo pelo facto de a mãe que alimenta passar também a ser percebida como a mãe sexual (e parceira sexual do pai, ou neste caso, da outra mãe). Tal significa que a Posição Depressiva e o Complexo de Édipo são resolvidos em simultâneo, estando indissociavelmente interligados (Britton, 1922). Neste sentido, se Lara acede à Posição Depressiva, possivelmente também acederá à problemática edipiana. Um dos fatores fundamentais para averiguar a entrada no Complexo de Édipo (ou Complexo de Perséfone de acordo com Kulish e Holtzman (2010)) é a capacidade de abordar o triângulo edipiano (ou a entrada para a fase perséfonal – Kulish & Holtzman, 2010).

Assim sendo, no que diz respeito à passagem da díade para tríade (triangulação), Lara reconhece os três elementos constituintes da relação triádica mas sem identificar inicialmente um laço entre eles (temática edipiana) (cartão 2). Todavia, no cartão 10 ao ter abordado uma relação libidinal demonstrou ser capaz de reconhecer os referidos laços, ligando o

carinho/ternura e a sexualidade, o que revela o acesso à problemática edipiana. Segundo Boekholt (2000), no caso das crianças a figuração de adultos nos cartões TAT remete para as representações das imagens parentais e do casal fantasmático que eles formam. Assim sendo, uma criança ao identificar uma relação libidinal entre dois adultos poderá estar a identificar a relação entre as figuras parentais. Lara, apesar dos interditos iniciais, acede à relação erótica entre duas personagens adultas (cartão 6 e cartão 10), o que pode remeter para a relação (genital) das representações das figuras parentais. Este reconhecimento parece, então, ir ao encontro de uma das bases fundamentais para a ocorrência da triangulação: o reconhecimento da diferença entre a relação das figuras parentais e a relação destas com a criança (Britton, 1992). Ou seja, o reconhecimento da exclusão do mundo da sexualidade adulta (Heineman, 2004). Esta noção de exclusão une o mundo psíquico da criança e promove o fechamento do triângulo edipiano. Os limites entre o mundo interno e o externo ficam delineados e a criança adquire a capacidade de se ver a si própria em interação com os outros e a considerar outros pontos de vista enquanto mantém o seu (Britton, 2006). Outra base fulcral para a triangulação edipiana (ou perséfolal) é o reconhecimento da imutabilidade das gerações (Heineman, 2004) (diferença de gerações) e a diferença dos sexos (Boekholt, 2000). Lara diferencia os sexos em todos os cartões e uma vez as gerações (cartão 5), o que, a par do que foi descrito anteriormente, permite considerar uma capacidade satisfatória para aceder às relações triangulares.

No que diz respeito ao protocolo do TAT de Duarte, domina o recurso à realidade externa (descrição com ligação aos detalhes), assim como os procedimentos de tipo obsessivo (precauções verbais, ruminação e isolamento entre as representações) e o evitamento do conflito através da inibição (tendência geral à restrição e anonimato de personagens). A par das defesas obsessivas, manifestaram-se também as defesas narcísicas, através da desvalorização de si (e do objeto) e do acento posto nas qualidades sensoriais. O emergir das defesas narcísicas, principalmente a desvalorização de si, poderá remeter para o ressurgir dos conflitos narcísicos infantis desencadeado pela fase pubertária. Tal como refere Coimbra de Matos (2002) é nesta etapa que ressuscitam os ferimentos narcísicos que se traduzem na maioria dos casos numa auto-imagem e auto-estima extremamente atingidas. Os afetos encontram-se muito controlados e as histórias estão moderadamente estruturadas devido à utilização de mecanismos de defesa rígidos. A maioria das narrativas inicia-se pela dúvida e anonimato das personagens, contudo conforme se vai sentindo menos ansioso identifica as problemáticas e as personagens que constituem as narrativas. Surge também um apego

elevado aos pormenores como forma de justificar as interpretações oriundas da fantasia (cartão 4 e cartão 6). Os últimos cartões dão conta de um núcleo “frio” na psique do Duarte cuja angústia depressiva não foi contida e elaborada. A manifestação deste núcleo depressivo pode ser interpretada à luz da reativação das vivências narcísicas e depressivas infantis, despoletada pela fase da adolescência, como mencionado por Coimbra de Matos (2002).

No início de cada narrativa, Duarte evita a conflitualidade com recurso às estratégias defensivas supramencionadas. Contudo, acaba por aceder ao conteúdo latente em todos os cartões, à exceção do primeiro. Não obstante, as situações conflituais não são acompanhadas de resolução. De facto, a fase da puberdade pela qual Duarte está a passar engloba diversos mecanismos defensivos e adaptativos por vezes até contraditórios entre eles e sem previsibilidade associada (Blos, 1962). Alguns desses mecanismos, tais como os narcísicos, poderão dar conta de uma tendência regressiva comum na adolescência pela reativação das problemáticas da infância. Por outro lado, a racionalização hiperdesenvolvida, além de um elevado poder de observação, é também predominante no rapaz adolescente (Blos, 1970).

O acesso à cena primitiva manifesta-se ao longo do protocolo (cartão 13), embora inicialmente surja com dificuldade (cartão 2 e cartão 10). A cena primitiva é um organizador psíquico primário que une o narcisismo e as relações objetais (Ikonen & Rechart, 1984), sendo por isso um balanceamento entre o desejo de ter uma relação com os pais (necessidade de relação objetal) e uma tentativa de manter a autoestima (necessidade narcísica). (Aron, 1995). Este balanceamento está também presente na adolescência, o que pode justificar a dificuldade sentida por Duarte em aceder inicialmente à cena primitiva. Não obstante, a alusão à cena primitiva no cartão 13 permite constatar que Duarte consegue compreender a relação de exclusividade das suas mães, o que vai ao encontro de uma das premissas da capacidade de triangulação, segundo Heineman (2004).

Por outro lado, o surgimento de uma relação homossexual erotizada (cartão 10) pode ser perspectivado de duas formas: ou como uma estratégia defensiva para anular a diferença e conflitualidade entre as personagens da história ou como manifestação de um Complexo de Édipo negativo. O surgimento deste Édipo negativo durante a puberdade é descrito por Blos (1993) como Édipo negativo e caracteriza-se pela aproximação libidinal do filho ao pai como forma de se proteger da mãe pré-ediapiana. Este “pai”, no caso do Duarte, pode corresponder uma figura masculina significativa, tal como um membro da família ou um amigo das mães, por exemplo.

A figura superegoica (feminina) surge no protocolo com potência diminuída (cartão 5) e a figura tutelar é desvalorizada narcisicamente (cartão 12 e cartão 13). A par da reativação da configuração edipiana no período da adolescência (Blos, 1962;1970;1993), o superego possivelmente perderá também a sua força na psique. Além disso, a desvalorização da figura tutelar – que pode ser a junção de partes das duas mães ou uma delas - poderá também ser compreendida à luz da necessidade do menino de se afastar da “mãe arcaica” reativada pela fase da adolescência, como referido por Blos (1970). De facto, segundo o autor mencionado, por norma, o menino adolescente rejeita cruelmente a figura materna (assim como a todas as raparigas no geral) como forma de evitar a situação perigosa da mãe pré-edipiana..

Quanto à figura masculina, Duarte manifesta ora a pulsão libidinal, ora a pulsão agressiva. No que diz respeito à relação conflitual e agressiva (cartão 6 e cartão 7) é notória a rivalidade e a competição. A competição com a figura paterna é considerada por Blos (1962;1993) quer uma estratégia defensiva face à regressão pré-edipiana, quer uma luta competitiva contra o pai edipiano que se manifesta numa luta constante entre o ativo/passivo e contra o surgimento do parricídio. Salienta-se a importância do surgimento desta rivalidade, uma vez que, segundo Britton (1989), quer a rivalidade edipiana heterossexual, quer a rivalidade homossexual permitem trabalhar a Posição Depressiva. É ainda importante referir que a agressividade manifestada pelo Duarte em relação à figura masculina também apresenta duas dimensões: a introjetada (cartão 3) e a externalizada (cartão 6 e cartão 7). Quando a agressividade é dirigida ao Outro (figura masculina e figura feminina) surge, por vezes, associada a procedimentos de reparação. A reparação da imagem parental é um fator importante para o manejo da agressividade e um indicador de acesso à ambivalência. Neste sentido, torna-se possível a existência de ligação entre o amor e o ódio (Shentoub & col., 1999), o que é característico de um cenário edipiano. Por outro lado, o surgir de uma figura masculina como alvo das pulsões libidinais (cartão 2 e cartão 10) pode remeter para o Édipo negativo característico da fase da adolescência. De facto, segundo Blos (1993) durante o período pubertário dá-se a aproximação intensa do menino ao pai (Blos, 1993). Pai este que pode ser a representação de outra (s) figura (s) masculina (s) significativa(s)), tais como um amigo, um familiar, um professor, ou aspetos maternos correspondam a representações masculinas.

Relativamente aos processos de identificação, Duarte apresentou alguma labilidade ao nível da identidade de género (cartão 3 e 8 BM), o que é compatível com a problemática da adolescência, uma vez que só no final desta é que a identidade de género (a par da resolução

da fase genital) ficará firmemente estabelecida (Blos, 1993). Não obstante, na maioria das narrativas manifestou-se a identificação ao masculino. Segundo, Heineman (2004) os processos de identificação são complexos e incluem quer os desejos incestuosos, quer identificações com aspetos de ambos os pais, ou mães. O menino poderá assim identificar-se com aspetos múltiplos de cada uma das mães alternadamente, assim como com outros aspetos diversos de outros membros significativos. As representações conscientes e inconscientes do masculino são adquiridas das várias figuras (tios, irmãos, avós e amigos) e conseqüentemente integradas nas suas modalidades de interação, contribuindo para o aspeto intersubjetivo da masculinidade ao longo do desenvolvimento (Bleichmar, 2010). As mães e as figuras significativas mencionadas podem assumir também o papel de objeto de desejo no mundo interno de Duarte.

Quanto à escolha do objeto de desejo, esta não foi passível de verificação. Não obstante, como referido anteriormente, surgiu uma alusão a uma relação libidinal entre duas figuras masculinas, o que pode ser considerada uma manifestação do Édipo negativo como refere Blos (1993). Segundo Klein (1945), ao longo do desenvolvimento ocorrem variações entre o Édipo invertido e o Édipo positivo. Tal alternância entre uma escolha de objeto homossexual e heterossexual pode ser considerada como uma bissexualidade psíquica inerente a ambos os sexos (Segal, 1988).

Ao nível da posição depressiva, Duarte inicialmente acede mas não elabora manifestando uma autoagressividade (cartão3). Todavia, com o desenrolar das narrativas surge o acesso à angústia depressiva (tristeza, desamparo e solidão) acompanhado da capacidade para elaborá-la (cartão 12 e cartão 13). Além disso, surgiu também uma boa estruturação perante a angústia pré-genital (cartão 11, 12 e 19). Através de mecanismos defensivos obsessivos e da clivagem, o aparelho psíquico de Duarte não foi invadido por fantasmas persecutórios (Cartão11). Conclui-se assim que de facto existe uma boa estruturação pré-edípica e uma boa elaboração da posição depressiva. A elaboração da posição depressiva influencia a resolução edípica e vice-versa (Britton, 1992), o que permite hipostasiar o acesso à problemática edípica por parte do Duarte, incluindo a capacidade de estabelecer relações triádicas (triangulação).

Quanto à mudança das relações objetais diádicas para as triádicas, várias são as situações a ter em conta ao analisar o protocolo do TAT. Em primeiro lugar, Duarte faz alusão à cena primitiva descrevendo uma relação na qual não está incluído (cartão 13), o que parece remeter para a noção da relação exclusiva das figuras parentais. Além disso, surgiu também a

identificação de relações erotizadas (cartão 4, cartão 10 e cartão 12). O reconhecimento da relação (genital) exclusiva dos pais é um dos fatores basilares para que ocorra a triangulação (Heineman, 2004). Este reconhecimento da relação (genital) parental permite o renúnciar da ideia da posse permanente e única da mãe (Britton, 1989) - mãe que assumiu o papel de objeto primário - e promove o fechamento do triângulo edípico (Britton, 2006). Outro fator importante é também a diferenciação de gerações e sexos (Boekholt, 2000) que se encontra presente nas narrativas do TAT.

Duarte aceitou, ainda, às relações triádicas (cartão 2, cartão 4 e cartão 6), incluindo o triângulo mãe-pai-filho. Manifestou também rivalidade com a figura masculina, compreendendo o parricídio e também sentimentos de culpabilidade (cartão 6, cartão 7 e cartão 8). Esta culpabilidade numa relação pai-filho (ou mãe-filho) encontra-se intrinsecamente associada à angústia de castração que por sua vez é uma peça fundamental para a problemática edípica. De facto, o acesso ao Édipo permite ao mesmo tempo o aparecimento da representação de um conflito e dos afetos ambivalentes que lhe estão associados (agressividade versus amor) (Shentoub & col., 1999). As situações anteriormente descritas permitem afirmar que Duarte aceitou à problemática edípica e portanto à triangulação. Possivelmente a sua estrutura psíquica estará a direccionar-se para uma organização evoluída da personalidade.

Doravante iremos comparar estes irmãos, assinalando as diferenças e as semelhanças e refletindo sobre as questões e problemáticas suscitadas.

Recordemos, em primeiro lugar, que as crianças que constituíram a amostra do presente estudo permitiram a observação de duas situações: a problemática da diferença dentro da igualdade (duas mães e uma filha) versus a problemática da identificação dentro da diferença (duas mães e um filho).

Relativamente à problemática da diferença dentro da igualdade e através da análise do protocolo da menina constatou-se uma capacidade de diferenciação entre o mundo interno e o mundo externo, o que denota um bom desenvolvimento do *ego-pele* e uma identidade unificada e coesa. As mães, independentemente de corresponderem à mesma categoria de género de Lara, fomentaram a diferença entre elas e a filha e promoveram a separação psíquica necessária para a maturação do seu mundo interno. Além disso, a menina demonstrou também uma capacidade satisfatória para elaborar relações triádicas, sendo portanto capaz de diferenciar gerações e sexos, reconhecer as relações de exclusividade das mães e reconhecer o Outro na sua profundidade e singularidade sem se confundir com ele. Contudo, é ainda importante

referir que apesar de a menina ter acedido às relações triangulares, a figura masculina aparece associada a uma visão negativa e perigosa e a rivalidade feminina é manifestada com dificuldades. Terá esta visão ameaçadora da figura masculina a ver com a sua imaturidade para gerir a excitabilidade pulsional oriunda deste possível objeto de desejo? Ou estará a figura masculina associada a fantasmas persecutórios e/ou como recetores das pulsões agressivas? E as defesas utilizadas pela menina para não se confrontar com a rivalidade feminina poderão ser observadas à luz da teoria de Kulish e Holtzman (2010) que referem ser mais difícil para a menina, comparativamente ao menino, competir com a mãe e portanto direccionar a sua agressividade por terem receio de destruir a relação? Ou deverá esta dificuldade ser perspectivada à luz do período de latência?

No que diz respeito à problemática da identificação dentro da diferença acima mencionada, constatou-se, em primeiro lugar, que o menino embora sendo anatomicamente diferente das suas mães se identificou quer com a figura feminina, quer com a figura masculina, o que pode ser fruto da etapa pubertária em que se encontra. Não obstante, o facto de conseguir identificar-se com o masculino parece ir ao encontro da ideia teórica do menino se identificar com representações masculinas (incluindo as imagos paternas) das duas mães e também com partes de figuras masculinas significativas, como familiares, amigos das mães, professores, entre outros. Além disso, o menino manifestou o surgimento quer das pulsões agressivas, quer das pulsões libidinais perante a figura masculina o que parece ir ao encontro de uma internalização do masculino ou de uma internalização da função do masculino.

Ambas as crianças evitam aceder de imediato à conflitualidade suscitada pelos cartões TAT, fazendo recurso a estratégias defensivas. A menina por vezes elimina os conflitos através da indiferenciação das figuras femininas, enquanto o menino recorre ao isolamento das representações, ruminação e descrição pormenorizada dos detalhes. De facto, ambos tendem a inibir as pulsões agressivas dirigidas à figura materna, embora surja o fantasma do matricídio. Esta anulação da agressividade ocorrerá pelo facto de serem filhos de duas mães ou por serem filhos destas mães em particular? Outra hipótese no caso da menina como forma de evitar o conflito remete para o dirigir a agressividade para o exterior: à figura masculina. Por outro lado, é também possível ponderar o recurso a estas estratégias defensivas exclusivamente por ser filha de duas mães, o que leva à necessidade de se realizarem estudos com mais meninas na mesma situação familiar com o intuito de compreender a posição assumida pelas meninas com duas mães.

Tal como a irmã, Duarte não fornece uma resposta banal (parricídio) e as pulsões agressivas são dirigidas à figura materna. No entanto, torna-se fundamental salientar que o TAT foi realizado somente para situações familiares heterossexuais, sendo necessário contextualizar a respostas destas crianças à prova em questão. Como tal e tendo em conta que existem duas mães faz sentido que as pulsões agressivas sejam dirigidas a pelo menos uma das figuras maternas. Será a agressividade manifestada pelo menino em relação à figura materna uma tentativa de distanciamento e rejeição como estratégia defensiva para neutralizar a dependência? E/ou como manifestação da rivalidade edipiana em relação a uma das mães ou a partes das duas mães? Se esta agressividade tiver como objetivo a diferenciação, será esta maior do que num menino com pais heterossexuais? Estudos futuros serão necessários para responder a esta questão em particular, através dos quais seja possível comparar a agressividade dos filhos rapazes das famílias homoparentais com a agressividade dos filhos das famílias heteroparentais.

Quanto à figura superegoica (feminina), esta representa para a menina a interdição, enquanto para o menino a sua potência é diminuída, o que corresponde à sua entrada na fase pubertária. Por outro lado, surge a questão: terá o menino mais necessidade de encontrar uma figura que se oponha às mães e daí a desvalorização da figura tutelar e a diminuição do poder superegoico feminino? Será a diferenciação mais difícil e por isso mais extremada? Por sua vez, no caso da menina coloca-se a questão: serão os interditos, principalmente em relação às pulsões libidinais, fruto das inibições típicas do período de latência? A par dos diversos interditos que surgiram, salienta-se a manifestação de um forte recalçamento que, por sua vez, é o mecanismo defensivo neurótico por excelência.

No que diz respeito aos processos de identificação, a menina identificou-se ao feminino e o menino apresentou alguma instabilidade na identidade de género, o que é característico da puberdade, como já referido. Ambos recusaram a proposta de identificação com o objeto adulto. Poderá ser um modo de oposição às mães para consolidar a diferenciação psíquica? Ou será somente uma manifestação de imaturidade? Por outro lado, não foi possível tirar ilações acerca da escolha do objeto de desejo para ambos.

A menina e o menino acederam ao afeto depressivo, manifestaram uma boa diferenciação Eu/outro e não se desorganizaram perante a angústia pré-genital. O menino manifestou também uma boa elaboração da posição depressiva. Ambos acederam à triangulação e à problemática edipiana, embora a menina tenha apresentado maiores entraves comparativamente ao irmão. De facto, o menino acedeu especificamente à triangulação

edipiana clássica (mãe-pai-filho) e manifestou o fantasma do parricídio no contexto de rivalidade em relação à figura masculina (incluindo sentimentos de culpabilidade). Todavia torna-se importante salientar que surge alguma ambiguidade relativamente ao parricídio uma vez que a agressividade nem sempre é dirigida à figura masculina. Tal não significa que o menino não tenha adquirido a capacidade de triangular, mas sim que possivelmente fará esta movimentação através da figura materna (tal como referem Ceccarelli (2002) e Heineman (2004)), ao invés da figura paterna como sugere a teoria clássica.

Por último, quer para o menino, como para a menina, propomo-nos a repensar no papel do pai como dimensão da triangulação. Hipostasia-se, assim, um pai simbólico e não obrigatoriamente uma figura masculina para assumir o papel de cortar a díade mãe-criança. Isto é, assumimos um Outro diferente da figura que assume o papel de objeto primário, não pelas diferenças anatómicas mas por outras características, como por exemplo os traços de personalidade, características comportamentais, posição assumida dentro do casal e o papel relativamente aos filhos. Coloca-se deste modo a questão acerca do que será realmente a “diferença” necessária para a ocorrência da diferenciação psíquica? Será esta diferença somente uma diferença anatómica? Ou será necessário ponderar outras modalidades diferenciadoras? É verdade que o universo feminino é diferente do masculino (e encontra-se atualmente em mutação), contudo as mulheres também não são iguais entre si e revelam inúmeras características que as tornam dissemelhantes. Poderão ser estas características os traços de personalidade, por exemplo? Ou as representações do feminino e do masculino integradas de modo diferente entre cada mãe? Poderá a diferença ser pensada a partir deste ponto de vista? Ou deveremos pensar mais além e questionar o que distingue dois seres humanos independentemente da categoria de género a que estes pertencem? Poderá ser o tipo de relação estabelecida com cada mãe que promove a diferença entre elas? De facto, cada ser humano apresenta inúmeras relações de objeto dentro de si que diferem completamente das relações de objeto de qualquer outro.

Como já dizia Ceccarelli (2002), as funções parentais não necessitam obrigatoriamente de um homem e de uma mulher. A capacidade de subjetivação da criança não depende da anatomia dos seus cuidadores, mas sim da sua organização psíquica. Assim, assumem extrema relevância o modo como os pais ou as mães se posicionam face à sua sexualidade, tal como as suas fantasias em relação ao que significa ser pai e/ou mãe.

Limitações e Futuras Investigações

Embora a metodologia do presente estudo seja qualitativa e o intuito principal seja a compreensão do mundo interno das crianças da amostra, salienta-se o número reduzido destas. No entanto, evidencia-se, em primeiro lugar, a dificuldade associada ao acesso à comunidade LGBT no geral. Além disso, dentro desta população de difícil acesso, a população com filhos é reduzida e os que correspondem às características pretendidas para a presente investigação equivalem somente a 8-10% da população portuguesa, como referido por Costa (2014). O autor de facto acrescenta que em Portugal é estimado que a maioria dos pais gays e das mães lésbicas têm filhos oriundos de relações heterossexuais prévias, por não ser ainda possível a via legal da homoparentalidade. A restante minoria corresponde a pais gays ou mães lésbicas solteiras (3%) e a pais homoparentais (8-10% como já mencionado).

Por outro lado, a prova projetiva utilizada – O T.A.T. - foi construída com base na teoria psicanalítica clássica que abrange somente as famílias tradicionais (heterossexuais). Como tal, a configuração da prova não corresponde à constituição familiar das crianças estudadas o que poderá impedir uma avaliação com maior pureza e acuidade dos filhos das famílias homoparentais. Torna-se deste modo extremamente relevante a realização de estudos que utilizem a prova em questão como instrumento por forma a explorar este mundo interno desconhecido e quais os padrões desenvolvimentais que irão revelar. Consequentemente perceber-se-ia também se seria necessária alguma alteração da prova de modo a integrar novas constelações familiares.

O facto de as crianças constituintes da amostra se encontrarem em períodos desenvolvimentais diferentes (período de latência versus puberdade) pode ser também uma limitação. Além disso, o período de latência em que se encontra a menina pode ser considerado uma interferência em certos aspetos da análise dos seus dados, como por exemplo, no que diz respeito às estratégias defensivas utilizadas para evitar a conflitualidade e rivalidade materna. Futuros estudos que integrem uma amostra constituída por várias meninas oriundas de famílias constituídas por duas mães são necessários para compreender o fenómeno de diferenciação e função da agressividade relativamente às figuras maternas.

Seria também pertinente a realização de estudos futuros comparativos entre os filhos rapazes de famílias homoparentais e os filhos rapazes de famílias heteroparentais que averiguassem a intensidade e o objetivo desenvolvimental da agressividade perante as figuras parentais.

Poderia ainda ser interessante efetivar um estudo que compare os filhos de famílias homoparentais desde o nascimento, com os filhos de famílias originalmente heterossexuais mas que assistiram posteriormente ao *coming out* de um dos pais.

A presente investigação pode ser entendida como um dos primeiros passos a ser dado pela área da psicologia clinica, na vertente de inspiração psicanalítica, acerca da psicodinâmica dos filhos das famílias modernas. Não deve ser nossa função julgar ou definir a viabilidade destas famílias, mas sim apostar num caminho de observação neutra e compreensiva por forma a renovar e transformar conceitos que possam não se adequar a elas.

Referências

- Anderssen, N., Amlie, C., & Ytteroy, A. (2002). Outcomes for children with lesbian or gay parents. A review of studies from 1978 to 2000. *Scandinavian Journal of Psychology*, 43, pp. 335-351.
- Aron, L. (1995). The Internalized Primal Scene. *Psychoanalytic Dialogues*, 5, pp. 195-238.
- Balsam, R. (2010). Where has oedipus gone? A turn of the century contemplation. *Psychoanalytic Inquiry*, 30, pp. 511-519.
- Barden, N. (2011). Disrupting Oedipus: the legacy of the Sphinx. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 25, pp. 324-345.
- Bergman, K., Rubio, R., Green, R., & Padron, E. (2010). Gay men who become fathers via surrogacy: the transition to parenthood. *Journal of GLBT Family Studies*, 6, pp. 111-141.
- Bettinger, M. (2004). Polyamory and gay men. *Journal of LGBT Family Studies*, 1, pp. 97-116.
- Biblarz, T., & Savci, E. (2010). Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Families. *Journal of Marriage and Family*, 72, pp. 480-497.
- Bleichmar, E. (2010). The psychoanalyst's implicit theories of gender. In L. Fiorini, & G. Rose, *On Freud's "Femininity"* (pp. 177-197). London: Karnac Books.
- Blos, P. (1962). Phases of Adolescence. In P. Blos, *On Adolescence: A Psychoanalytic Interpretation* (pp. 52-158). New York: The Free Press.
- Blos, P. (1970). The Inicial Stage of Male Adolescent - from the Archaic to Oedipal Mother. In P. Blos, *The Young Adolescent - Clinical Studies* (pp. 193-218). New York: The Free Press.
- Blos, P. (1993). Son and Father. In D. Breen, *The Gender Conundrum - Contemporary Psychoanalytic Perspectives on Femininity and Masculinity* (pp. 49-67). London: The New Library of Psychoanalysis.
- Boekholt, M. (2000). O TAT: Teoria e Utilização. In M. Boekholt, *Provas Temáticas na Clínica Infantil* (Vol. 7, pp. 151-163). Lisboa: Climepsi Editores.
- Bos, H., van Balen, F., & van den Boom, D. (2000). Lesbian families and family functioning: an overview. *Patient Education and Counseling*, 59, pp. 263-275.
- Braconnier, A. (1998). As seis principais teorias freudianas - A sexualidade Infantil. In A. Dominguez, *Psicologia Dinâmica e Psicanálise* (pp. 74-93). Lisboa: Climepsi Editores.

- Britton, R. (1989). The missing link: parental sexuality in the Oedipus. In R. Britton, M. Feldman, & E. O'Shaughnessy, *The Oedipus Complex Today - Clinical Implications* (pp. 83-102). London: Karnac Books.
- Britton, R. (1992). The Oedipus situation and the Depressive Position. In R. Anderson (Ed.), *Clinical lectures on Klein and Bion. New library of psychoanalysis* (pp. 34-45). New York: Tavistock/Routledge.
- Britton, R., Chused, J., Ellman, S., Likierman, M., Ellman, C., & Gould, L. (2006). Panel II: The Oedipus Complex, the Primal Scene, and the Superego . *Journal of Infant, Child and Adolescent Psychotherapy*, 5, pp. 282-307.
- Ceccarelli, P. (2001). A sedução do pai. *Publicação Anual do Instituto de Estudos Psicanalíticos*. 18, pp. 91-97. Belo Horizonte: IEPSI.
- Ceccarelli, P. (2002). Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 161, pp. 88-98.
- Chodorow, N. (1978). Mothering, object-relations and the female oedipal configuration. *Feminist Studies*, 4, pp. 137-158.
- Chodorow, N. (1992). Heterosexuality as a compromise formation: reflections on the psychoanalytic theory of sexual development. *Psychoanalysis & Contemporary Thought*, 15, pp. 267-304.
- Chodorow, N. (1994). Rethinking Freud on women. In N. Chodorow, *Femininities, Masculinities, sexualities: Freud and Beyond* (pp. 1-32). Kentucky: The University Press of Kentucky.
- Chodorow, N. (2002). Response and Afterword. *Feminism & Psychology*, 12, pp. 49-53.
- Coimbra de Matos, A. (2002). O adolescente: Príncipe Édipo e Rei Narciso. In A. Coimbra de Matos, *Adolescência* (pp. 147-157). Lisboa: Climpesi Editores.
- Cortez, K. (1996). My two moms: issues and concerns of lesbian couples raising sons. *Phillips Graduate Institute Progress Journal*, 5, pp. 3-9.
- Costa, P., Caldeira, S., Fernandes, I., Rita, C., Pereira, H., & Leal, I. (2013). Atitudes da população portuguesa em relação à homoparentalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, pp. 790-798.
- Costa, P., Caldeira, S., Fernandes, I., Rita, C., Pereira, H., & Leal, I. (2014). Religious and Political Conservatism and Beliefs About Same-Sex Parenting in Portugal. *Psychology, Community & Health*, 3, pp. 23-35.

- Costa, P., Pereira, H., & Leal, I. (2012). Homoparentalidade: o estado da investigação e a procura de normalização. *Psicologia, XXVI*, pp. 55-69.
- Crowl, A., Ahn, S., & Baker, J. (2008). A meta-analysis of developmental outcomes for children of same-sex and heterosexual parents. *Journal of GLBT Family Studies, 4*, pp. 385-407.
- Delgado, L. (2011). *T.A.T. e Criatividade: Estudo Psicodinâmico*. Lisboa: ISPA.
- Elise, D. (1997). Primary femininity, bisexuality, and the female ego ideal: a re-examination of female development theory. *Psychoanalytic Quarterly, 66*, pp. 489-517.
- Elise, D. (1998). Gender repertoire body, mind and bisexuality. *Psychoanalytic Dialogues, 8*, pp. 353-371.
- Fonagy, P., & Target, M. (1996). Playing with reality: I. Theory of mind and the normal development of psychic reality. *International Journal fo Psychoanalysis, 77*, pp. 217-233.
- Freud, S. (1897). Letter from Freud to Fliess, October 15, 1897. In J. Masson, *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess* (Vols. I (1886-1899), pp. 270-273). London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Freud, S. (1898). Sexuality in the aetiology of the neuroses. In J. Strachey (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Simgund Freud: Early Psycho-Analytic Publications* (Vols. III (1893-1899), pp. 261-263). London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis.
- Freud, S. (1905). Three essays on the theory of sexuality - Infantile sexuality (II). In J. Strachey (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud: Three Essays on the Theory of Sexuality and Other Works* (Vols. VII (1901-1905), pp. 173-194). London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis.
- Freud, S. (1910). A special type of choice of objetc made by men (contributions to the psychology of love I). In J. Strachey (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud: Five Lectures on Psycho-Analysis Leonardo da Vinci, and Other Works* (Vol. XI (1910), pp. 163-176). London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis.
- Freud, S. (1918). Fresh Material from the Primal Period-Solution. In J. Strachey (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud: From the*

- History of an Infantile Neurosis* (Vol. XVII, pp. 89-103). London: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis.
- Freud, S. (1922). Identification. In J. Strachey (Ed.), *Group Psychology and the Analysis of the Ego* (Vol. VII, pp. 60-70). New York: Boni and Liveright.
- Freud, S. (1923). The ego and the superego (ego ideal). In J. Strachey (Ed.), *The Ego and the Id and Other Works* (Vol. XIX, pp. 285-39). London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Freud, S. (1924a). The Dissolution of the Oedipus Complex. In J. Strachey (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud: The Ego and the Id, and Other Works* (Vols. XIX (1923-1925), pp. 173-183). London: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis.
- Freud, S. (1924b). The Passing of the Oedipus Complex. *International Journal of Psycho-Analysis*, 5, 419-424.
- Freud, S. (1924c). The infantile genital organization of the libido: a supplement to the theory of sexuality. *The International Journal of Psychoanalysis*, 5, 5125-5129.
- Freud, S. (1932). Lecture XXXIII- Femininity. In J. Strachey (Ed.), *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis* (Vols. XXII (1932-1936), pp. 112-136). London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis.
- Golombok, S. (2002). Adoption by lesbian couples - Is it in the best interests of the child? *British Medical Journal*, 234, pp. 1407-1408.
- Heineman, T. (2004). A boy and two mothers: new variations on an old theme or a new story of triangulation? Beginning thoughts on the psychosexual development of children in nontraditional families. *Psychoanalytic Psychology*, 21, pp. 99-115.
- Hintz, H. (2001). Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. *Pensando Famílias*, 3, pp. 8-19.
- Ikonen, P., & Recharadt, E. (1984). On the universal nature of primal scene fantasies. *International Journal of Psycho-Analysis*, 65, pp. 63-72.
- Klein, M. (1927). The psychological principles of infant analysis. *International Journal of Psycho-Analysis*, 8, pp. 25-37.
- Klein, M. (1928). Early Stages of the Oedipus Conflict. *International Journal Of Psycho-Analysis*, 9, pp. 167-180.

- Klein, M. (1932a). Part II: The Effects of Early Anxiety-Situations on the Sexual Development of the Girl. In A. Strachey (Ed.), *The Psycho-Analysis of Children* (pp. 194-239). London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-analysis.
- Klein, M. (1932b). Part III: The Effects of Early Anxiety-Situations on the Sexual Development of the boy. In A. Strachey (Ed.), *The Psycho-Analysis of Children* (pp. 240-278). London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-analysis.
- Klein, M. (1945). The Oedipus Complex in the light of early anxieties. In J. Steiner (Ed.), *The Oedipus Complex Today* (pp. 11-82). London: Karnac Books and The Institute of Psycho-Analysis.
- Klein, M. (1952). The origins of transference. *The International Journal of Psychoanalysis*, 33, pp. 433-438.
- Kulish, N., & Holtzman, D. (2010). Femininity and the Oedipus complex. In L. Fiorini, & G. Rose, *On Freud's "Femininity"* (pp. 35-55). London: Karnac Books.
- Loewald, H. (2000). The Waning of the Oedipus Complex. *The Journal of Psychotherapy Practice and Research*, 9, pp. 239-249.
- Martin, A. (1993). *The guide to lesbian and gay parenting*. London: Pandora.
- McCann, D., & Tasker, F. (2000). *Lesbian and gay parents as foster carers and adoptive parents*. London: Jessica Kingsley.
- Moore, M., & Stambolis-Ruhstorfer, M. (2013). LGBT sexuality and families at the start of the twenty-first century. *Annual Review of Sociology*, 39, pp. 491-507.
- Pais-Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de Investigação*. Porto: Legis Editora.
- Parens, H. (1990). On the girl's psychosexual development: reconsiderations suggested from direct observation. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 38, pp. 743-772.
- Patterson, C. (1994). Lesbian and gay families. *Current Directions in Psychological Sciences*, 3, pp. 62-64.
- Power, J., Perlesz, A., McNair, R., Schofield, M., Pitts, M., Brown, R., & Bickerdike, A. (2012). Gay and bisexual dads and diversity: fathers in the work, love, play study. *Journal of Family Studies*, 18, pp. 143-154.
- Rodriguez, B., & Paiva, M. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Revista do NESME*, 1, pp. 13-25.

- Segal, H. (1988). The early stages of the Oedipus Complex. In H. Segal, *Introduction to the Work of Melanie Klein* (pp. 103-116). London: Karnac Books and The Institute of Psycho-Analysis.
- Segal, H. (1989). Psychoanalysis of children. In H. Segal, *Klein* (pp. 45-62). London: Karnac Books and The Institute of Psycho-Analysis.
- Shentoub, V., & col. (1999). *Manual de Utilização do TAT*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Singly, F. (2014). De la "famille conjugale" à la "famille moderne 2". In F. Singly, *Sociologie de la famille contemporaine* (5^o ed., pp. 1-7). Paris: Armand Colin.
- Stoller, R. (1976). Primary Femininity. *Journal Of The American Psychoanalytic Association*, 24, pp. 59-78.
- Sullivan, T., & Baques, A. (1999). Familism and the adoption option for gay and lesbian parents. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 10, pp. 79-94.
- Tasker, F. (2005). Lesbian mothers, gay fathers, and their children: a review. *Developmental and behavioral pediatrics*, 26, pp. 224-240.
- Tort, M. (2000). Quelques conséquences de la différence "psichanalytique" des sexes. *Les Temps Moderns*, pp. 176-215.
- Williams, F. (2010). *Repensar as familias*. Cascais: Principia.
- Zambrano, E., Lorea, r., Mylius, L., Meinerz, N., & Borges, P. (2006). Metodologia e Conceitos. In E. Zambrano, r. Lorea, L. Mylius, N. Meinerz, & P. Borges, *O direito à homoparentalidade - Cartilha sobre as familias constituídas por pais homossexuais* (pp. 9-15). Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça.

Anexos

Anexo A: Folha de Análise do T.A.T modificada por Brelet-Foulard e Chabert (2003; cit. por Delgado, 2011, p.187- 189)

Folha de decomposição do TAT

Série A (rigidez)

A1 Referência à realidade externa

A1-1:	Descrição com ligação aos detalhes com ou sem justificação da interpretação.
A1-2:	Precisões: temporal – espacial – numérica.
A1-3:	Referências sociais, ao senso comum e à moral.
A1-4:	Referências literárias, culturais.

A2 Investimento da realidade interna

A2-1:	Recurso ao fictício, ao sonho.
A2-2:	Intelectualização.
A2-3:	Denegação.
A2-4:	Acento posto nos conflitos intra-pessoais – Balanceamento entre a expressão pulsional e a defesa.

A3 Procedimentos de tipo obsessivo

A3-1:	Dúvida: precauções verbais, hesitação entre interpretações diferentes, ruminação.
A3-2:	Anulação.
A3-3:	Formação reactiva.
A3-4:	Isolamento entre representações ou entre representação e afecto – Afecto inimizado.

Série B (labilidade)

B1 Investimento da relação

B1-1:	Acento posto nas relações inter-pessoais, pôr em diálogo.
B1-2:	Introdução de personagens não figurando na imagem.
B1-3:	Expressão de afectos.

B2 Dramatização

B2-1:	Entrada directa na expressão; Exclamações; Comentários pessoais – Teatralismo; Histórias com altos e baixos
B2-2:	Afectos fortes ou exagerados.
B2-3:	Representações e/ou afectos contrastados – Balanceamento entre desejos contraditórios.
B2-4:	Representações de acções associadas ou não a estados emocionais de medo, de catástrofe, de vertigem...

B3 Procedimentos de tipo histérico

B3-1:	Mobilização de afectos ao serviço do recalçamento das representações.
B3-2:	Erotização das relações, simbolismo transparente, detalhes narcísicos com valor de sedução.
B3-3:	Labilidade nas identificações.

Série C (evitamento do conflito)

CF Sobre-investimento da realidade externa

CF-1:	Acento posto no quotidiano, no factual, no fazer – referência “placada” à realidade externa.
CF-2:	Afectos de circunstância, referências a normas exteriores.

CI Inibição

CI-1:	Tendência geral à restrição (tempo de latência longo e/ou silêncios importantes intra-histórias, necessidade de colocar questões, tendência recusa, recusa).
CI-2:	Motivos dos conflitos não precisados, banalização, anonimato dos personagens.
CI-3:	Elementos ansiogénicos seguidos ou precedidos de paragens no discurso.

CN Investimento narcísico

CN-1:	Acento posto na experiência subjectiva – Referências pessoais.
CN-2:	Detalhes narcísicos – Idealização da representação de si e/ou da representação do objecto (valência + ou-).
CN-3:	Pôr em quadro – Afecto título – Postura significativa de afectos.
CN-4:	Insistência nos limites e nos contornos e nas qualidades sensoriais.
CN-5:	Relações especulares.

<i>CL Instabilidade dos limites</i>	
CL-1:	Porosidade dos limites (entre narrador/sujeito da história; entre dentro/fora...).
CL-2:	Apoio no percepto e/ou no sensorial.
CL-3:	Heterogeneidade dos modos de funcionamento (interno/externo; perceptivo/simbólico; concreto/abstracto...).
CL-4:	Clivagem.
<i>CM Procedimentos anti-depressivos</i>	
CM-1:	Acento posto na função de apoio do objecto (valência + ou-) – Apelo ao clínico.
CM-2:	Hiper-instabilidade das identificações.
CM-3:	Piruetas, viravoltas, “piscadela de olho”, ironia, humor.
Série E (emergência dos processos primários)	
<i>E1 Alteração da percepção</i>	
E1-1:	Escotomia de objecto manifesto.
E1-2:	Percepção de detalhes raros ou bizarros com ou sem justificação arbitrária.
E1-3:	Percepções sensoriais – Falsas percepções.
E1-4:	Percepção de objectos deteriorados ou de personagens doentes, malformados.
<i>E2 Massividade da projecção</i>	
E2-1:	Inadequação do tema ao estímulo – Perseveração – Fabulação fora da imagem – Simbolismo hermético.
E2-2:	Evocação do mau objecto, tema de perseguição, procura arbitrária da intencionalidade da imagem e/ou das fisionomias ou atitudes – Idealização de tipo megalómana.
E2-3:	Expressões de afectos e/ou de representações massivas – Expressões cruas ligadas a uma temática sexual ou agressiva.
<i>E3 Desorganização das referências identitárias e objectais</i>	
E3-1:	Confusão das identidades – Telescopagem dos papéis.
E3-2:	Instabilidade dos objectos.
E3-3:	Desorganização temporal, espacial ou da causalidade lógica.
<i>E4 Alteração do discurso</i>	
E4-1:	Perturbações da sintaxe – Falhas verbais.
E4-2:	Indeterminação, discurso vago.
E4-3:	Associações curtas.
E4-4:	Associações por contiguidade, por consonância

Anexo B: Consentimento Informado

Pedido de Autorização Formal

Exma. Senhora

Venho por este meio solicitar a sua autorização para a participação dos seus filhos na dissertação "Novas famílias, novas triangulações"^[1]. O presente estudo tem como ideia primordial contribuir empiricamente para a reestruturação da teoria psicanalítica acerca do complexo de Édipo das crianças de famílias homoparentais. Como tal, será aplicada uma prova projetiva (Teste de Aperceção Temática) a cada uma das crianças, podendo a duração ocorrer entre 2 horas

A colaboração dos seus filhos é **voluntária**, o que significa que a **qualquer momento** e por **qualquer motivo** (inclusive se sentir a sua privacidade invadida) **poderão desistir** de colaborar nesta investigação.

Os investigadores deste projeto comprometem-se a garantir total **confidencialidade** sobre os dados que forem fornecidos pelos participantes e a utilizar os dados fornecidos pelos participantes somente para **fins de investigação**.

Se autorizar os seus filhos a participar neste estudo, por favor assine no espaço abaixo. Obrigada pelo seu tão importante contributo.

Tomei conhecimento dos objetivos do estudo e do que os meus filhos terão de fazer para participar. Fui esclarecido sobre todos os aspetos importantes e tomei conhecimento que tenho o direito de participar neste estudo e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim. Assim, declaro que aceito participar nesta investigação.

Data: ___ / ___ / ____

Rubrica _____

Os investigadores:

Francis Carneiro

Professora Ângela Vila-Real

.....
[1] Título provisório
.....

Anexo C: Entrevistas pré e pós aplicação TAT da Lara, 10 anos

Entrevista pré TAT

Avaliadora: Estás na escola?

Lara: Sim.

A.: Em que ano?

L: 5º

A.: E gostas?

L: Sim.

A.: E os amigos?

L: Tenho mais amigas do que amigos. Só me dou com um rapaz porque ele é daqueles rapazes que gosta mais de se dar com as raparigas.

A.: sabes o que estou aqui a fazer?

L: Sim.

A.: Não queres perguntar mais nada?...

L: Não.

A.: Vamos começar então?!

L: Sim.

A.: Ok, vou então passar-te uns cartões, um a um, para a mão e queria que imaginasses uma história a partir de cada imagem, pode ser?

L: Pode!

Algumas perguntas pós aplicação do T.A.T

Observações: Foi colaborante, embora eu tenha ficado com a sensação que estava sempre a sentir-se pressionada.

A: Então Lara, como te sentiste?

L: Senti várias coisas. Primeiro não estava a espera que os cartões fossem a preto e branco e também não sabia que ia ser assim tão grande.

A.: Muitos cartões?

L: Não, os cartões com as imagens é que eram muito grandes, pensava que iam ser imagens mais pequeninas.

A.: Preferias que tivesse sido mais pequenino?

L: Não, para mim tanto faz.

A: E durante este tempo todo que te fui dando os cartões, como te estavas a sentir?

L: Calma, mas às vezes nervosa.

A: Porquê?...

L: Eu olhava para as imagens para tentar construir uma história e esforçava-me bué para conseguir... mas mais a meio começou a correr melhor. **Acho que eu me estava a sentir pressionada por mim mesma para criar uma história.**

A: Conta-me mais um pouco sobre ti... a relação com as tuas mães...

L: Com esta mãe (mãe com que vive) às vezes damo-nos bem... com a outra mãe não me chateio com ela, mas também não estou tanto tempo com ela...

A: E na escola?

L: Na escola corre tudo bem e as notas ainda melhores... tenho 5 a tudo!

A: E quem é a tua melhor amiga?

L: é uma rapariga que eu conheci no infantário mas que nos separamos depois... estivemos separadas na primária e agora estamos juntas. Reencontrei-a. E depois também tenho a R. e J. A R. conheci no infantário e a J. no primeiro ciclo.

A: Como é que te descreverias?

L: Descrever-me-ia como uma pessoa esperta, criativa mas um bocado teimosa.

A: Teimosa?

L: Sim, quando meto alguma coisa na cabeça faço tudo para a conseguir.

A: Característica idêntica a alguma das mães?

L: As duas. E tenho um ponto fraco por animais. Sempre que vejo animais principalmente os pequeninos quero levá-los para casa.

A: O que queres ser quando fores mais crescida?

L: Não penso muito nisso, gostava de fazer *design* de prédios e roupa.

A: Qual é a tua disciplina preferida?

L: Inquestionável: E.V. É fantástico ter uma mãe (a mãe que não vive com ela) animadora, a minha mãe faz de tudo... como é que eu se não tivesse uma mãe assim alguma vez conseguiria fazer o arco do triunfo em miniatura?! É o máximo.

Anexo D: Entrevistas pré e pós aplicação TAT do Duarte, 12 anos

Entrevista Pré TAT

Avaliadora: Sabes o que estou aqui a fazer?

Duarte: A minha mãe já me disse mas foi muito vago.

A: Eu estou a fazer um trabalho de final de curso na universidade, que é a minha tese de mestrado, e o título do meu trabalho chama-se novas famílias, novas triangulações. Eu estou muito focada nas famílias com duas mães, com dois pais... porque a ideia é ver quais as teorias que fazem mais sentido na atualidade em relação a estas famílias... e então falei com a tua mãe que me contactou através de uma associação onde eu tinha colocado o meu pedido de participação no estudo e cá estou eu. A ideia hoje é então mostra-te uns cartões com umas imagens e consoante cada imagem a única coisa que te iria pedir era que imaginasses uma história...

D: (riu-se timidamente).

A: Queria só acrescentar que não é nada avaliativo, não há certo nem errado, nem há tempo, demora o tempo que quiseres.

Entrevista Pós- Aplicação do T.A.T.

Avaliadora: Então Diogo, como é que te sentiste?...

Diogo: Bem. Só que no início não sabia muito bem o que dizer.

A: O primeiro foi o mais difícil?...

D: Sim, o primeiro foi o pior.

A: E agora assim por alto, só para eu te conhecer um pouco melhor... como está a correr a escola? Estas em que ano?

D: Está a correr bem, estou no 7º ano.

A: E gostas?

D: Sim.

A: Tens muitos amigos?

D: Tenho uns quantos.

A: Rapazes? Raparigas?

D: Ambos.

A: E qual é a tua disciplina preferida?

D: A minha disciplina preferida é físico-química. Tenho uma professora assim simpática.

A: E mais?... Assim sobre ti, o que é que gostavas de me contar?...

D: (silêncio). Gosto muito de ler, estou sempre a ler...

A: Qual é a tua categoria preferida?

D: Há um livro que eu adoro que é a “história horrível” e que diz as partes da história que os livros não nos contam na escola. E há outro também muito giro que é a “ciência horrível” sobre os insetos e montes de coisas sobre eles.

A: Que giro. Então ficas a saber mais do que os teus colegas...

D: Sim. E a coleção da “ciência horrível” já o li todo e até a minha professora de ciências se engana... muitas vezes ela diz uma coisa e eu acrescento outra. E ela pergunta se eu quero ir para ali ensiná-la ou substituí-la.

A: E o que respondes a isso?

D: Não respondo, senão levo participação. Eu penso que se há algum aluno que sabe algumas coisas ela devia ficar contente, é mais avançado que os outros.

A: E para além de Físico-química, há mais alguma disciplina que gostes?

D: Educação física, mas desporto em que não seja preciso mexer muito. Acho que o desporto que fizemos até agora que eu gostei mais foi o Badmington. Muita gente lá na minha turma sabe jogar futebol e sabe correr mas depois não sabe jogar Badmington.

A: E já pensaste o que é gostavas de ser quando crescesses mais?

D: Não, ainda não pensei. Eu gostava de ficar na área de informática e computadores.

A: E a relação com as mães?... dás-te bem com as duas?

D: Dou, perfeitamente.

A: E a separação... lembraste se ficaste triste?

D: Acho que a primeira vez que aconteceu era demasiado novo para me preocupar com isso. E isso aconteceu umas quantas vezes e depois uma pessoa fica habituada.

A: Mas correu tudo, apesar de tudo?...

D: Sim, sim.

A: E romances, não há? Ou ainda é cedo?

D: Não, ainda não.

A: E como é que te descreverias?

D: houve uma coisa que me ficou marcada... houve uma vez que a nossa professora no 6º ano, a nossa D.T. que era uma professora ótima, pediu-nos para fazer uma coisa em que todos metíamos um papel nas costas e os outros escreviam o que achavam de nós e a maior parte das pessoas pôs “bom amigo”...

A: E mais?... como é que te consideras? Um rapaz misterioso... mais introvertido, mais extrovertido...

D: Tímido.

A: Mas com qualquer pessoa? ou com quem não conheces?

D: com quem não conheço.

A: Mas aposto que pensas muito... essa cabeça não deve parar (sorriso)...

D: Pois não (sorriso)

Anexo E: TAT Lara – Respostas, Procedimentos e Análise Qualitativa

Cartão	Resposta e Procedimentos	Análise qualitativa
1	[14''] Só uma pergunta, o que é isto? (a apontar para o violino) [CM-1]. Não percebo muito bem esta parte da imagem. (silêncio) [CI-1]. A mim parece-me um menino a ler um livro... [CI-3] (suspirou)... (silêncio) [CI-1]. E isto parece-me uma espécie de carro antigo [E1-3]. (silêncio) [CI-1]. É para fazer uma imagem com estas imagens todas que me vai mostrar?... Ok, isto é um bocado difícil porque eu não sei como é vão ser os outros cartões e como fazer esta história. Bom, mas eu vou fazer [CI-1]. Era uma vez um menino que estava aborrecido porque passava a vida a ler e não podia fazer mais nada. Acho que já acabei a história [CI-1]. [1'20'']	<p>A situação da prova é sentida com muita irrequietude, possivelmente pela imprevisibilidade e não familiaridade da situação. O pedido de ajuda, os silêncios, a inibição e os comentários, parecem revelar a dificuldade sentida pela Lara no início da aplicação.</p> <p>Há uma identificação com o jovem numa situação de imaturidade funcional e o confronto com a realidade é alterado, surgindo um erro perceptivo em relação ao objeto adulto.</p> <p>Por outro lado, parece haver uma crítica implícita às figuras tutelares pela limitação imposta, por não poder fazer mais. Neste sentido, surge uma castração como limitação e que impossibilita o acesso à fruição e ao prazer. O desejo não parece encontrar aqui um lugar de força no espaço psíquico e o sentimento de impotência permanece manifestando-se através do tédio.</p> <p><u>Legibilidade:</u> 3-+</p>
2	[20''] Não sei o que hei de contar nesta história... [CM-1; CI-1] a única coisa que sei aqui é que parece-me um tempo antigo [A1-2]. Esta vai estudar e esta e este estão a trabalhar [CI-2; A3-4]. Acho	<p>A História inicia e termina do mesmo modo restritivo, surgindo novamente uma necessidade de suporte anaclítico.</p> <p>Através da defesa de afastamento temporal Lara distancia-se da problemática do cartão.</p>

	que já está... [CI-1] [19'']	A história é aconflitual, sem afetos e sem relações. Não há também diferenciação de gerações. As personagens são anónimas, sem definição identitária, sendo somente distinguidas pelo género e pela ação a ser realizada. Legibilidade: 3-+
3 BM	[8''] Esta imagem [B2-1] para mim é de uma pessoa [CI-2] que se está a esconder... de... [CI-1] supostamente [A3-1]de alguém[CI-2]... [CI-1]que a está a tentar atacar [E2-2], vejo ali uma pistola. [22'']	Neste cartão há uma mudança no tipo de resposta relativamente aos cartões anteriores, no sentido em que inicia de imediato a história. A personagem que figura na imagem não tem identidade de género definida e esconde-se tapando somente a cara. Embora a inibição e o anonimato da personagem se mantenha a história deste cartão é conflitual. Não obstante, o conflito manifesta-se numa dimensão paranoide e sem resolução, surgindo a angústia persecutória (medo) ao invés da angústia depressiva. A agressividade é projetada para o exterior e o perigo (ataque) é sentido como oriundo do objeto externo. O tema usual é claramente evitado, surgindo um objeto persecutório como defesa contra a depressão. Legibilidade: 2-+
4	[20''] Esta não sei [CI-1]... (silêncio)[CI-1]. (Riu-se) . (silêncio) [CI-1]. Não, não sei mesmo para esta [CI-1]. [30'']	A restrição e os silêncios parecem ser uma manifestação da angústia sentida pela Lara perante a problemática do cartão, havendo assim uma recusa em abordar os movimentos libidinais (e/ou agressivos) e em aceder ao conflito pulsional no seio de uma relação heterossexual. Legibilidade: 3-+
5	[4''] É uma senhora [B2-1] idosa a verificar a sua casa... [CI-1] supostamente [A3-1]de noite... (silêncio)... [CI-1] [20'']	Esta história parece condensar ao mesmo tempo a pulsão voyerista e o interdito superegoico (conflito intrapsíquico numa problemática edipiana), no sentido em que surge uma figura materna que verifica algo. O facto de a “verificação” ser realizada à noite pode também ser uma alusão à cena primitiva que, por sua vez, é abordada com muita precaução. Assim, seguindo a lógica de que as pulsões sexuais se manifestam à noite, hipostasia-se uma figura materna controladora das pulsões. Legibilidade: 3-+
6GF	[14''] Uma mulher [B2-1][CI-2] surpreendida [B2-2], porque um homem[CI-2] a assustou [B2-2] por trás. [10'']	As personagens da história são distinguidas somente pelo sexo e o afeto torna-se pesado (de surpreendida para assustada), o que parece remeter para uma atemorização face à solicitação do desejo. A figura masculina assume uma conotação persecutória. Legibilidade:2+-
7GF	[30''] [CI-1] Eu nesta imagem [B2-1]vejo a mesma pessoa [CI-2] só que é a vida dela só que a crescer... é a mesma pessoa mas a crescer... [CN-5] [10'']	O tempo de latência aumenta e numa resposta bastante criativa e original surge a relação especular (ou a ausência de relação) como forma de fugir à imaturidade funcional. Esta indiferenciação eu-outro poderá também ser uma estratégia para fugir à rivalidade? Legibilidade: 3-+

8 BM	[28''] [CI-1]São dois homens [B2-1] [CI-2] a atacar [E2-2]]alguém [CI-2]... [CI-1] e acho que esta mulher [CI-2] e esta [CI-2]parecem a mesma pessoa [CI-2]... [E1-1] [16'']	<p>De forma inicialmente inibida (tempo de latência ligeiramente longo) a Lara acede ao conteúdo latente, isto é, aos impulsos agressivos. A figura masculina parece ser persecutória, atacante e o fantasma da agressividade parece invadir o aparelho psíquico pelo facto de ocorrer uma paragem abrupta no discurso. A agressividade parece estar virada para si pois são as figuras femininas (indiferenciadas) o alvo desta.</p> <p>Foge ao tema banal do parricídio. Surge um desdobramento da figura feminina. O homem é visto como agressor e cliva o mundo masculino do feminino, sendo uma forma de colocar a relação vítima-agressor;</p> <p>Escotomiza a arma; Legibilidade: 2-+</p>
9GF	[27''] [CI-1] Esta parecem-me [B2-1]duas mulheres [CI-2] que pararam o seu trabalho a meio para irem ver qualquer coisa [CI-2]... [CI-3] Isto aqui parece-me que elas estão assim numa praia, esta parte parece-me [A3-1]o mar e esta parte parece-me [A3-1] uma palmeira ou qualquer coisa assim [A2-3]... [Q] Não sei o que é que elas poderiam estar a ir ver [A2-3]...[32'']	<p>Nesta história surge uma relação conflitual de mesmidade (de indiferenciação). Coloca as duas personagens a irem ver qualquer coisa, sem rivalidade. Tal pode ser uma defesa cujo intuito será estancar uma fantasia, talvez até de teor erótico. Isto é, uma tentativa de camuflar a sexualidade entre as mulheres. De facto, ao pensar sobre o que as personagens femininas poderiam estar a ir ver surge uma paragem no discurso, possivelmente por ter pensado em qualquer coisa que não sentiu como apropriada. Seguidamente, surge um hiperinvestimento na realidade objetiva que pode ter a ver com uma necessidade de controlo da curiosidade e dos impulsos sexuais. Parece haver também uma denegação a par do pensamento acerca do que é que as figuras femininas poderiam estar a ir ver. O facto de ter havido uma inibição por motivos ansiogénicos, seguida de uma descrição do material, leva-nos a hipostasiar que a Lara não se permite abordar (ou ter consciência) temáticas ligadas à sexualidade (recalcamento). Legibilidade: 3-+</p>
10	[54''] [CI-1]Acho que [A3-1] são duas pessoas [CI-2] aos beijos [B3-2]...[CI-3] é um bocado difícil ver esta imagem porque só tem um bocadinho, mas acho que é isto. Eu só peço desculpa por não estar a conseguir fazer história nenhuma [CM-1].[20'']	<p>Inicialmente o tempo de latência é longo. A relação abordada é de carácter libidinal e as personagens não apresentam identidade sexual diferenciada. Imediatamente após o acesso ao conteúdo latente surge a inibição e o apelo ao clínico como forma de se defender da sexualização de relação. Parece também haver uma pré-consciência do recalcamento. Legibilidade: 2-+</p>
11	[13''] A mim [B2-1]parece-me [A3-1] que estava um grupo de pessoas [CI-2] a tentar descobrir qualquer coisa e supostamente [A3-1]o dragão que está aqui ... parece-me [A3-1] um dragão	<p>O anonimato manifestado através de um aglomerado de pessoas parece deixar transparecer uma preocupação com o aspeto desorganizado</p> <p>Seguidamente a história desenrola-se com algumas precauções e</p>

	com patas de pato [A1-1]... partiu -a rocha e as pessoas estão a fugir [B2-4]... (silêncio) [CI-1]. [32'']	investimento da realidade objetiva e termina com uma temática de medo e perigo, sem resolução. Parece que a curiosidade sexual está intrinsecamente associada a uma fantasia de perigo perante a regressividade imposta por este cartão. Apesar da ansiedade sentida perante o mundo caótico, Lara parece estruturar-se moderadamente na angústia pré-genital. Legibilidade: 2-+
12 BG	[15''] A mim isto [B2-1] parece-me [A3-1] um rio, uma foto [CN-3] de um rio onde está um barco à beira de uma cerejeira [A1-1]... e parece [A3-1] como se fosse mais ou menos [A3-1] na primavera [A1-2] [CN-3] [10'']	Através de uma descrição com apego ao conteúdo manifesto põe à distância a ausência do objeto. Surge uma captação de bom continente pela tranquilidade, a serenidade, do ponto de vista estético. Toda a história corresponde então a um “pôr em quadro” e idealização, pelo facto de não haver movimento, tudo é estático e imobilizado – ausência relação. Legibilidade: 3-+
13 B	[3''] Isto a mim [B2-1] parece-me [A3-1] uma criança pequena [CI-2]... pobre [CN-2]... [CI-1] que já não tinha mais nada para fazer e estava simplesmente à espera... [CI-1] talvez à espera que a família voltasse daquilo que estava a fazer... [CI-1] [Q] como plantar couves na horta ou qualquer coisa assim (riu-se) [CM-3] [37'']	Lara distancia-se da personagem da história diminuindo-lhe a idade (“criança pequena”) e não diferenciando o género. Seguidamente, parece haver um acesso ao conteúdo latente pela descrição de inferioridade (“pobre”), solidão e desamparado (“à espera que a família voltasse daquilo que estava a fazer”), terminado a história com um mecanismo anti-depressivo. Parece haver uma capacidade de elaboração da posição depressiva no sentido em que a Lara foi capaz de aceder ao conteúdo latente descrevendo afetos depressivos. Legibilidade: 3-+
19	[4''] A mim esta [B2-1] parece-me [A3-1] uma cidade cheia de fábricas e lojas... mas parece [A3-1] uma cidade feita numa montanha... numa montanha nevada, assim cheia de gelo e neve [CN-4] onde não vive muita gente, a maior parte são fábricas e lojas mesmo... e parece [A3-1] que está a haver um incendio... acho que já está [CI-1]. [34''] Não sei que mais cotar;	Esta história parece revelar um mundo interno repleto de pulsões (“cidade cheia de fábricas e lojas”). Surge também uma alusão ao interior feminino (“cidade feita numa montanha”) Há uma estruturação do caos. Legibilidade: 3-+
16	[2''] (olhou para mim surpreendida) Inesperado! [B2-1] (riu-se) [CM-3]. Eu vejo o nada, talvez... acho- que como todos estes cartões foram a preto e branco isto para mim poderia ser um universo resumido... não sei dizer bem, eu às vezes penso que o universo não pode ser infinito, tem de haver sempre uma parte em que acaba... porque por exemplo esta mesa, se fossemos um ser pequenino podíamos dizer que isto era	A história contada pela Lara neste cartão é bastante criativa. Perante o confronto com o vazio (com a finitude) defende-se da angústia suscitada através da intelectualização. Há também alguma porosidade entre os limites eu-outro (interno/externo) pelo facto de rapidamente deixar de utilizar o cartão para fantasiar e falar sobre si, sobre as suas ideias. Não obstante surge uma espontaneidade positiva perante o mistério que é o universo, o conceito de infinito e o finito. Legibilidade: 3-+

	<p>infinito, mas há sempre uma parte que acaba... e por exemplo quando esta casa acaba começa uma rua, e quando esta rua acaba começa mais outra... e às vezes penso na parte seguinte, em que a acaba este universo, como um espaço em branco onde não existe nada... e este cartão parece-me esta parte do universo... por mais que nos esforcemos por descobrir mais, nem tudo será descoberto... [A2-2; CN-1] [2'10'']</p>	
--	--	--

Anexo F: Quadro-Resumo do TAT da Lara

N.º	Procedimentos	Acesso Conteúdo Latente	Processos Identificatórios	P. Depressiva	Escolha objeto sexual	Diferenciação gerações	Diferenciação sexos
1	CM-1; CI-1 ; CI-3 ; E1-3;	Sim	Identificação com jovem numa situação de imaturidade funcional	-----	-----	-----	Sim
2	CM-1; CI-1 ; A1-2; CI-2; A3-4;	Não	Não foi possível verificar	-----	Não foi possível verificar	Não	Sim
3	B2-1; CI-2 ; CI-1 ; A3-1; E2-2;	Sim	Não foi possível verificar	Não	-----	Não	Não
4	CI-1	Não foi possível verificar	Não foi possível verificar	-----	Não foi possível verificar	Não foi possível verificar	Não foi possível verificar
5	B2-1; CI-1 ; A3-1;	Sim	Não foi possível verificar	-----	-----	Sim	Sim
6GF	B2-1; B2-2 ; CI-2	Sim	Identificação à figura feminina	-----	Não foi possível verificar	-----	Sim
7GF	CI-1; B2-1; CI-2; CN-5	Não	Identificação especular	-----	-----	Não	-----
8BM	CI-1 ; CI-2 ; E2-2;E1-1	Sim	Identificação à figura feminina c/ desdobramento	-----	-----	-----	Sim
9GF	CI-1; B2-1; CI-2 ; CI-3; A3-1 ; A2-3 ;	Não	Identificação á figura feminina	-----	-----	Não	Sim
10	CI-1; A3-1; CI-2; B3-2; CI-3; CM-1	Sim	Não foi possível verificar	-----	Não foi possível verificar	Não	Não
11	B2-1; A3-1 ; CI-2;; B2-4; CI-1;	Sim	Não foi possível verificar	-----	-----	Não	Não
12	B2-1; A3-1 ; CN-3; A1-1 ; A1-2;	Sim	-----	-----	-----	-----	-----
13 BM	B2-1; A3-1; CN-2; CI-1 ; CM-3	Sim	Identificação a uma criança pobre, sozinha e desamparada	Sim	-----	-----	Não
19	B2-1; A3-1 ; CN-4 ; CI-1	Sim	-----	-----	-----	-----	-----
16	B2-1; CM-3; A2-2 ; CN-1 ;	Sim	-----	-----	-----	-----	-----

Anexo G: TAT Duarte – Respostas, Procedimentos e Análise Qualitativa

Cartão	Resposta e Procedimentos	Análise qualitativa
1	[6''] Eu não tenho muita imaginação [CI-1]. O que é isto? [CM-1](a apontar para o violino)... (silêncio prolongado) [CI-1]... não tenho imaginação, tenho pouca imaginação... [CN-2] (silêncio)... [CI-1] Um miúdo que está a olhar para uma coisa... não sei... (silêncio prolongado)... [CI-1] não sou bom a inventar histórias... [CN-2] não sei o que isto é... (silêncio prolongado) [CI-1]... [Q] deve estar a pensar ... não sei que mais pensar... [CI-1][5'2'']	<p>Esta história é marcada pela inibição. A ansiedade sentida no início da prova manifesta-se também pelo pedido de ajuda ao clínico. A autocritica irrompe após os silêncios prolongados. Há diferenciação de sexos e o procedimento dominante foi CI-1. O conflito não é definido e a personagem (figura masculina jovem) está a observar algo não definido, sendo que não reconhece ou não identifica o objeto de adulto. Há uma identificação à situação do “miúdo”, na medida em que o Duarte também não sabe que mais pensar (situação transferencial)...</p> <p>A história termina sem resolução com o jovem a pensar. A legibilidade é 3+-.</p>
2	[15''] Estão aqui duas raparigas [B2-1] em frente a um campo, a cultivar [CF-1]... e está atrás um homem de peito nu [B3-2] com um cavalo ao lado e tem umas quantas casas ali ao fundo [A1-1]. A rapariga está a levar livros e a outra parece [A3-1] que está a olhar para o céu [CF-1]. (silêncio) É que eu não tenho mesmo jeito nenhum para contar histórias [CN-2]. Eu só consigo ver o que está aqui, não consigo imaginar nada. (silêncio) [CI-1]. Uma das raparigas parece [A3-1] que é mais nova que a outra. (silêncio prolongado) [CI-1]. Estes dois parecem [A3-1] agricultores e esta não porque está a levar livros [A1-1]. E esta aqui ou é muito gorda ou está grávida. E parecem [A3-1] que vivem todos aqui porque há três casas [A3-4]. E também tem mar ali ao fundo [A1-1] [4'55'']	<p>A história inicia-se com entrada direta no discurso e acento posto no factual, sem distinção das gerações entre as duas figuras do sexo feminino. A figura masculina surge erotizada. Os procedimentos dominantes são A1-1, A3-1 e CI-1. Não obstante, a série A foi predominante, o que demonstra o controlo exercido sobre as pulsões. A descrição do conteúdo manifesto e as precauções verbais percorrem a história em diversos pontos. Parte das inibições ligam-se a uma desvalorização narcísica. Posteriormente ocorre a diferenciação de gerações e de sexos, surgindo uma abordagem à triangulação que é imediatamente anulada pelo isolamento. Apesar da identificação dos elementos constituintes da tríade, as personagens não estão em relação, ou em conflito edípiano, mas sim isoladas entre elas, sem ligação afetiva. A Legibilidade é 2+-.</p>
3 BM	[8''] Esta parece [A3-1] [B2-1] alguém [CI-2] que está a chorar [B1-3]... [CI-1] uma rapariga por causa dos sapatos e ter coisas até aqui... (silêncio) [CI-1]. Está aqui uma coisa que parece [A3-1] uma faca, se calhar [A3-1] magoou-se... (Silêncio)... [CI-1] parece [A3-1] estar em frente a uma porta também e está a chorar [B1-3] para cima de uma pedra (silêncio)... [CI-1][2'10'']	<p>A história (conflitual) inicia-se pela dúvida e anonimato de uma personagem que manifesta um comportamento de tristeza. Esta personagem é transformada numa figura feminina devido a pormenores extrínsecos (“sapatos e ter coisas até aqui”). Surge também a sensação de sufoco pelo facto de a personagem ter “coisas até aqui”, que poderá remeter para os conteúdos internos que Duarte não partilha e começa a ficar “sufocado”. Ao longo da história surge a inibição (silêncios e paragens no discurso) como forma de isolar as representações dos afetos. Os procedimentos dominantes são A3-1 e CI-1. Há diferenciação de sexos e uma identificação à figura feminina. Apesar de ter acedido aos afetos depressivos e de haver uma fantasia de tentativa de suicídio (autoagressividade), não houve resolução ou reparação da angústia depressiva. O facto de estar a chorar em cima de uma pedra parece</p>

		revelar uma falta de continente de afeto (frieza) e incapacidade em se sentir reconfortado. A Legibilidade é 2+-.
4	[2'''] Tem um homem e uma mulher [B2-1] que são casados ou namorados [B3-2]... [CI-1] e parece [A3-1] que estão num café antigo [A1-2]... [CI-1][Q] porque eles têm penteados que não são propriamente atuais [CN-2]... vê-se aqui atrás também no vidro uma pessoa [CI-2] que também parece [A3-1] um bocado antiga [A1-2]... [CI-1] a mulher está a olhar para o homem e ele está a olhar para outro lado, a ver alguma coisa... (silêncio)... não sei... [CI-1] também está aqui uma coisa atrás da mulher, parece [A3-1] um vestido [A1-1]... (silêncio)... [CI-1] [A3-4][3'33''']	Através de uma fuga para a frente Duarte entra diretamente na expressão, colocando as personagens numa relação erotizada. No entanto, surge a inibição e a dúvida. Apesar do acesso ao conteúdo latente, ocorre rapidamente o evitamento da conflitualidade suscitada pela relação identificada através do distanciamento temporal. Surge também um detalhe narcísico associado à representação negativa do objeto. Os procedimentos dominantes são A3-1, CI-1 e A3-4. Há diferenciação de sexos e inclusão de uma terceira personagem inicialmente anónima e posteriormente identificada como um elemento feminino. Contudo, não integra este elemento na história, devido ao isolamento das representações. O casal apresenta uma situação de não sintonia e de não reciprocidade em que a mulher centra a sua atenção no homem que, por sua vez, olha para uma direção diferente. Esta conflitualidade é colocada de modo vago e indefinido, terminando em inibição e na descrição de detalhes em redor da terceira personagem da história. Possivelmente como forma de desviar a atenção do casal para outra situação. A descrição das posturas e dos comportamentos das personagens toma o lugar dos afetos. A Legibilidade é 2+-.
5	[2'''] Uma mulher [B2-1] a entrar numa casa e está a olhar para alguma coisa lá dentro [CI-2]... é capaz [A3-1] de estar alguém [CI-2] lá dentro [B1-2]... deve [A3-1] estar porque a lâmpada está ligada [A1-1]. A senhora que está a abrir a porta também parece [A3-1] um bocado velha [CN-2]... [CI-1] (silêncio) também é capaz [A3-1] de estar alguém [CI-2] atrás dela [B1-2] porque está aqui uma luz atrás dela (debaixo do braço da senhora, contrastes luz/sombra)...[A1-1] (silêncio)... [CI-1][3'59''']	História aconflitual que se inicia com entrada direta na expressão e acesso ao conteúdo latente através de uma descrição banal e vaga. Surgem várias precauções verbais e o anonimato de uma segunda personagem que não figura na imagem. A descrição dos detalhes parece surgir como forma de justificar aquilo que se permite por vezes imaginar. Os procedimentos dominantes são A3-1, A1-1 e CI-1. Há diferenciação de sexos e de gerações. A figura superegoica é desvalorizada narcísicamente podendo ser uma tentativa de minimizar a sua força invasora da psique e controladora das pulsões. A Legibilidade é 2+-.
6BM	5'''] Está aqui [B2-1] uma senhora mais velha a olhar em frente para a janela e um senhor mais novo a olhar para uma coisa mais baixa [A1-1]... e está a agarrar a ponta da camisola [A1-1]... se calhar [A3-1] está a ajeitar a camisola [A1-1]... ele está de gravata portanto deve [A3-1] estar nalgum sitio importante [A1-1] [CN-2]... (silêncio)... [CI-1] a mulher mais velha parece que está a segurar num pano [A1-1]... se calhar [A3-1] ele está a agarrar a camisola porque está nervoso com alguma coisa... [CI-2] ele pode [A3-1] estar numa reunião importante e estar nervoso [B1-3]... [A2-4] (silêncio)...[CI-1] parece [A3-1] uma senhora importante [CN-2], está com um fato muito arranjadinho [CN-2][A1-1], só que parece [A3-1] estar	História conflitual marcada fortemente pela descrição dos detalhes do conteúdo manifesto, pelas precauções verbais e ruminação em redor das características externas das personagens. Apesar desta estratégia defensiva fóbica-obsessiva, progressivamente surge o acesso ao conteúdo latente. Também são trazidos para a descrição alguns detalhes narcísicos, ligados à idealização da representação de si e do objeto. Os procedimentos dominantes são A3-1; A1-1; CI-1. CN-3 Houve diferenciação de sexos e de gerações. A história termina com o emergir dos afetos depressivos na consequência do parricídio, o que remete para a problemática edipiana. Não há manifestação da culpa embora possa estar subjacente ao discurso pelas inibições e silêncios que vão ocorrendo. A Legibilidade é Tipo 1+.

	<p>impressionada [B2-2] com alguma coisa, está assim olhar para a frente de olhos abertos [A1-1] [CN-3] ... [A3-4] o homem também pode estar triste [B1-3] porque está a olhar para o chão, na direção dos pés [A1-1] [CN-3]... se calhar [A3-1] era um funeral [B2-4], a mulher também tem um lenço [A1-1]... se calhar [A3-1] esta aqui é a mãe dele e o pai morreu [B2-4]... (silêncio) [CI-1][4'55'']</p>	
7BM	<p>[3''] Está aqui [B2-1] um rapaz mais novo que parece [A3-1] estar aborrecido com alguma coisa e está aqui um mais velho que parece [A3-1] estar zangado [B1-3]... se calhar [A3-1] é pai do mais novo e o mais novo talvez tenha feito alguma coisa mal [B1-1]... este parece [A3-1] estar aborrecido, este parece estar chateado, deve [A3-1] ter acontecido alguma coisa... e por culpa do mais novo... [B1-1] não sei... [CI-1] se calhar [A3-1] o pai levou-o a alguma sítio que ele não está a gostar e por isso ficou chateado [B1-1], devem ter ido a algum sítio, estão os dois de gravata [A1-1]... (silêncio prolongado) ... [CI-1][4'19'']</p>	<p>A história é conflitual e oscila entre um certo investimento na relação e a precaução verbal. Assim os procedimentos dominantes são A3-1 e B1-1. Acede portanto ao conteúdo latente, percecionando uma proximidade pai-filho num contexto de oposição do filho. A energia pulsional agressiva foi mobilizada nesta relação. No entanto parece haver uma atribuição da agressividade ao filho que fica obliterada pela descrição do conteúdo manifesto e pela inibição. Há diferenciação de sexos e gerações e uma identificação à figura masculina mais nova. A Legibilidade é tipo 2(+).</p>
8 BM	<p>[13''] Parece [A3-1] que é uma rapariga virada de costas para uma pessoa [CI-2] que está a fazer uma operação... [A1-1] tem aqui uma luz a apontar para o rapaz ou para as costas do rapaz... [A1-1] se calhar [A3-1] é a mãe dele que está a ser operada... mas parece que os homens que estão a operar estão com cara de quem está enervado, parece [A3-1] que esta operação não está a correr bem [B2-4]... (silêncio) [CI-1] [E1-1] [3'19'']</p>	<p>A história é conflitual e inicia-se com a identificação a uma figura feminina e uma personagem anónima que é recetora das pulsões agressivas. A figura feminina é transformada numa figura masculina, o que parece revelar alguma instabilidade da identidade sexual. A personagem anónima ganha o formato da figura materna. Apesar da utilização excessiva da descrição do conteúdo manifesto e apego aos pormenores, Duarte acede ao conteúdo latente de modo sublimado e original (ou não tradicional) dirigindo as pulsões agressivas para a figura materna. Assim, em vez de parricídio surge o matricídio. A agressividade não é reparada, terminando a história de forma inibida. Os procedimentos dominantes são A3-1 e A1-1. A Legibilidade é tipo II (+).</p>
10	<p>[18''] Não sei [CI-1]. Parece [A3-1] que são duas pessoas [CI-2] numa sala escura [CN-4]. (silêncio) [CI-1]. Mas eles parecem [A3-1] estar a dormir [B3-2] porque estão dos dois com os olhos fechados e estão a dormir agarrados [B3-2]... parecem [A3-1] ser os dois homens porque têm o cabelo curto [A1-1][2'40'']</p>	<p>Inicialmente surge uma recusa em aceder ao conteúdo latente. Apesar das estratégias defensivas (dúvida e anonimato das personagens) manifesta-se uma sensibilidade ao carácter sombrio do cartão através do acento posto na qualidade sensorial (investimento narcísico). Pelo simbolismo transparente surge o acesso ao conteúdo latente, verificando-se uma relação libidinal entre duas figuras masculinas. As figuras masculinas não manifestam afetos entre elas e são justificadas pela descrição do detalhe da aparência externa (cabelo curto) A relação homossexual parece revelar um excluir da diferença através da relação especular. Há diferenciação de sexos, mas não de gerações (o que é normativo neste cartão). Os procedimentos dominantes são A3-1 e B3-2. A Legibilidade é do tipo 2 (+).</p>
11	<p>[4''] Parece [A3-1] estar uma pessoa [CI-2] à</p>	<p>História conflitual que se inicia com anonimato da personagem e</p>

	<p>beira de um desfiladeiro [A1-1]... (silêncio)...[A3-4] e está ali uma ponte à frente e parece [A3-1] ter havido uma derrocada e está um bicho a sair da pedra... [A1-1]parece [A3-1]que estão numa cascata e parece [A3-1]um bicho aquático porque tem os dedos das patas unidos e esta pessoa [CI-2] parece [A3-1]estar a olhar para o bicho e a outra (Dd) parece estar a fugir [A1-1] [CL-4]... esta parece [A3-1]que está a fugir (Dd) e esta que está a olhar para o bicho [A1-1] [A3-1]... que está a estudar o monstro [A2-2]... isto aqui parece [A3-1]uma barragem [A1-1]...[4'12'']</p>	<p>descrição dos pormenores da imagem. As precauções verbais e o apego ao conteúdo manifesto predominam ao longo da narração. Esta narrativa, por sua vez, vai-se tornando cada vez mais perigosa (angústia persecutória aumenta), o que é visível pela utilização excessiva da estratégia defensiva do tipo obsessivo (referência à realidade externa). Assim, a personagem primeiramente fica à beira de um abismo, sendo a angústia travada pelo isolamento entre as representações. De seguida, é colocada uma ponte que poderia salvá-la. Contudo, ocorre uma derrocada e o surgir de um “bicho” (mau objeto). Ocorre a tentativa de controlar a angústia sentida pela descrição pormenorizada desse “bicho”. Não resultando ocorre uma clivagem do eu, em que uma parte foge do mau objeto e outra que paralisa e fica curiosamente a olhar. Este olhar transforma-se numa intelectualização (estudar o monstro) como modo de retirar o sentir angustiante do medo e dos fantasmas aterrorizadores. Ao familiarizar-se com estas emoções pelo pensamento surge a diminuição do desprazer que estas proporcionam.</p> <p>Por fim, para cessar e limitar a angústia pré-genital é colocada uma barragem (isolamentos dos afetos). Há acesso ao conteúdo latente e os procedimentos dominantes são A3-1 e A1-1.</p>
12 BG	<p>[1''] Parece [A3-1]um barco à beira de um rio com uma árvore por cima cheia de flores [A1-1]... está tudo cheio de vegetação e árvores à volta do rio [A1-1]e parece [A3-1]que ninguém toca na água há muito tempo porque está parada [CN-3]... Parece que estão ali duas pessoas (Dd central) [A1-1]a vir para o barco e a árvore deve ser muito velha [CN-2], porque está cheia de ramos e é muito grande [A1-1]... [2'22'']</p>	<p>História iniciada com uma fuga para a frente e uma descrição detalhada da imagem do cartão. Apesar da descrição e da imobilização da projeção (pôr em quadro), surge uma narração mais calorosa, com mais afetos. Pela descrição da paisagem parece haver uma certa erotização da relação (“cheia de flores”, “cheio de vegetação”). Perante a problemática da solidão reenviada pelo cartão surge a colocação de objetos no mundo interno. A figura tutelar é desvalorizada narcisicamente</p> <p>Há acesso ao conteúdo latente e os procedimentos dominantes são A3-1 e A1-1. A Legibilidade é do tipo 3(+).</p>
13 B	<p>[1''] Parece [A3-1]que é um miúdo dentro de uma casa sem nada lá dentro e ele está a olhar cá para fora e parece [A3-1]que está aqui areia no chão por isso deve estar numa praia [A1-1]... parece [A3-1] que está a rezar porque tem as mãos assim [A1-1]... ele é muito pequenino ... e nem parece cedo nem tarde porque há pouca luz dentro de casa, as luzes não estão acesas [A1-1]... ele está a olhar para fora... se calhar [A3-1]está à espera do pais... se calhar foram passear à beira mar [B1-2]... se calhar está a rezar para que os pais voltem... se calhar está a rezar para pedir alguma coisa [A3-1]... mas esta casa parece-me um bocado antiga porque a madeira parece estar um bocado desfeita [CN-2]... se calhar [A3-1]os pais deste miúdo viviam nesta casa e trouxeram-no aqui para a visitar [A3-1]... e isto parece [A3-1] um quadro [CN-</p>	<p>A história inicia-se de imediato (fuga para a frente) com uma precaução verbal e identificação de uma figura masculina de menor idade associada a um mundo objetual desértico (vazio interno). O menino parece estar a olhar “cá para fora” por forma a não olhar para o vazio, como forma de se distanciar da angústia depressiva. Acede então ao conteúdo latente, tentando defender-se da angústia sentida através da referência à realidade externa, apegando-se aos pormenores da imagem. O miúdo (alguém mais anónimo) transforma-se num menino “pequenino” que está desamparado e sozinho. A história não ocorre de noite porque senão o menino teria medo (do vazio da solidão) e por isso olha outra vez para fora da casa (para fora do mundo interno).</p> <p>A dúvida e a ruminação predominam o desenrolar da história, numa tentativa de compreender (através da racionalização) a angústia de perda sentida pelo abandono dos pais.</p> <p>Por outro lado, os pais são introduzidos na história como não</p>

	3] antigo [A1-2] porque as paredes parecem cheias de fendas [CN-2] [3'20'']	<p>estando com o menino, podendo tal ser uma alusão à cena primitiva em que as figuras parentais mantem uma relação de exclusividade em que o filho não pode fazer parte. Ocorre também uma desvalorização narcísica do objeto que pode ser interpretada como uma crítica ao continente materno.</p> <p>Por fim, como forma de cessar a angústia sentida, Duarte distancia-se da problemática através da defesa narcísica de imobilização (pôr em quadro) e da defesa obsessiva de afastamento temporal. Reforça a crítica negativa realizada anteriormente ao objeto, possivelmente como defesa contra o sentimento de rejeição (relação exclusiva das mães), isto é, rejeita/desvaloriza para não ser rejeitado. Os procedimentos dominantes são A3-1 e A1-1. Há diferenciação de sexos e gerações. A legibilidade é do tipo 2 (+-).</p>
19	[3''] Está aqui [B2-1] o mar e umas nuvens no céu e uma chaminé e parecem ser duas casas [A1-1]... e aqui parece [A3-1] uma espécie [A3-1] de neve em cima das casas [A1-1], portanto deve [A3-1] estar muito frio [CN-4]... [Q] é porque aqui tem um fundo branco [A1-1]... e deve [A3-1] estar mesmo muito frio [CN-4] porque está aqui uma espécie de espinhos... parece [A3-1] estar alguém [CI-2] do lado de lá da janela... [CI-1] [2'50'']	História inicia-se com uma entrada direta na expressão e uma descrição pormenorizada do conteúdo manifesto. A par das precauções verbais e pela lógica do concreto vão surgindo descrições de ordem sensorial (investimento narcísico) que remetem para a angústia depressiva pré-edipiana (ele sozinho ao frio). Há portanto acesso ao conteúdo latente e uma delimitação entre o dentro e fora, colocando ambiente inóspito (maus objeto) no exterior e alguém abrigado/protegido desta gélida temperatura (bom objeto).
16	[4''] (riu-se e olhou para mim espantado) [CM-3]... se calhar [A3-1] é um monte de neve ou de gelo [CN-4]... um sitio muito frio [CN-4]... (silêncio prolongado) [CI-]. [1'01'']	A história inicia-se com um movimento anti-depressivo relativamente ao branco do cartão. Pela precaução verbal acede ao conteúdo latente e refere um sítio “frio” sem afetos. Possivelmente existe na psique de Duarte um núcleo depressivo sem qualquer possibilidade de ser aquecido. O investimento narcísico manifestou-se nesta história pelo acento posto na qualidade sensorial (frio, neve, gele). O procedimento dominante foi portanto CN-4. A legibilidade é 3(+).

Anexo G: Quadro Resumo do TAT do Duarte

N.º	Procedimentos	Acesso Conteúdo Latente	Processos Identificatórios	P. Depressiva	Escolha objeto sexual	Diferença ção gerações	Diferenciação sexos
1	CI-1; CM.1; CN-2;	Não	Identificação com a figura masculina	-----	-----	-----	Sim
2	B2-1; CF-1; B3-2; A1-1; A3-1; CN-2; CI-1; A3-4	Sim	Não foi possível verificar	-----	Não foi possível verificar	Sim	Sim
3BM	A3-1; CI-2; CI-1; B1-3	Sim	Identificação à figura feminina	Sim	-----	Não	Sim
4	B2-; B3-2; A3-1; A1-2; CI-1; CN-2; CI-2; A3-4;	Sim	Não foi possível verificar	-----	Não foi possível verificar	-----	Sim
5	B2-1; CI-2; A3-1; A1-1; CN-2; CI-1	Sim	Não foi possível verificar	-----	-----	Sim	Sim
6BM	B2-1; A1-1; A3-1; CI-1; CI-2; B1-3; A2-4; CN-2; B2-2; A3-4; B1-3; B2-4; CN-3	Sim	Identificação à figura masculina	-----	Não foi possível verificar	Sim	Sim
7BM	B2-1; A3-1; B1-3; B1-1; CI-1	Sim	Identificação à figura masculina mais nova	-----	-----	Sim	Sim
8BM	A3-1; CI-2; A1-1; B2-4; CI-1; E1-1	Sim (matricídio)	Labilidade identificatória	-----	-----	Sim	Sim
10	CI-1; A3-1; CI-2; CN-4; B3-2; A1-1	Sim	Não foi possível verificar	-----	Não foi possível verificar	Não	Sim
11	A3-1; CI-2; A3-4; A1-1; CL-4;	Sim	Não foi possível verificar	-----	-----	-----	-----
12 BG	A3-1; A1-1; CN-3; CN-2;	Sim	-----	-----	-----	-----	-----
13 BM	A3-1; A1-1; B1-2; CN-2; CN-3; A1-2	Sim	Identificação a uma figura masculina infantil, desamparada e sozinha	Sim	-----	Sim	Sim
19	B2-1; A1-1; A3-1; CN-4; CI-2; CI-1	Sim	-----	-----	-----	-----	-----
16	CM-3; A3-1; CN-4; CI-1	Sim	-----	-----	-----	-----	-----

